

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

BIANCA NOGUEIRA MATTOS

**O SERVIÇO SOCIAL CONTRACENANDO COM A ARTE PARA
DESVELAR A REALIDADE**

FRANCA

2015

BIANCA NOGUEIRA MATTOS

**O SERVIÇO SOCIAL CONTRACENANDO COM A ARTE PARA
DESVELAR A REALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Serviço Social. Área de Concentração: Formação e prática profissional.

Orientadora: Eliana Bolorino Canteiro Martins

FRANCA

2015

Mattos, Bianca Nogueira.

O Serviço Social contracenando com a arte para desvelar a realidade / Bianca Nogueira Mattos. – Franca : [s.n.], 2016.

184 f.

Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientador: Eliana Bolorino Canteiro Martins

1. Arte. 2. Serviço social. 3. Mediação. I. Título.

CDD – 362.71

BIANCA NOGUEIRA MATTOS

**O SERVIÇO SOCIAL CONTRACENANDO COM A ARTE PARA
DESVELAR A REALIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Serviço Social. Área de Concentração: Formação e prática profissional.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____
Profa. Dra. Eliana Bolorino Canteiro Martins

1º Examinador: _____

2º Examinador: _____

Franca, _____ de _____ de 2015.

A todos que acreditaram e me apoiaram nessa trajetória e aos profissionais que se apropriaram da discussão aqui realizada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha orientadora Eliana que é minha principal referência profissional e acadêmica, além de ser uma pessoa a quem admiro muitíssimo e que sempre esteve presente, disponível e comprometida com essa pesquisa de uma forma leve e carinhosa. Agradeço pela confiança, pelo apoio e pelos inúmeros aprendizados e exemplos. Sou muito grata mesmo e sinto-me sortuda por ter essa pessoa incrível me acompanhando nesse processo.

Agradeço também a minha família, por ter possibilitado que eu chegasse até aqui. Em especial, um agradecimento à minha mãe que me apoia e me permite seguir os caminhos que escolho, compreendendo e ficando sempre ao meu lado e comemorando comigo todas as minhas conquistas. Agradeço por toda a confiança, carinho, amor e acolhimento de sempre, tornando muito mais fácil e segura essa jornada e todas as outras!

Ao meu pai fica meu agradecimento por ter me influenciado a seguir meus objetivos profissionais, incentivado minha inserção nesse universo e pela preocupação com meu futuro.

Um agradecimento muito importante fica para todas as minhas amigas do Mestrado, em especial para a Ana Flávia e para a Iara, que estiveram sempre me acompanhando e me auxiliando nesse percurso, tanto emocionalmente, psicologicamente, quanto academicamente. Vocês são incríveis e adorei estarmos juntas nessa nossa conquista!

A todas e todos os meus outros colegas do mestrado e doutorado que compartilharam comigo as disciplinas, eventos e discussões, que, sem dúvidas, contribuíram para a realização dessa pesquisa e para minha formação.

Agradeço aos professores das disciplinas que cursei, pois todos contribuíram muito com a elaboração da dissertação e com minha formação profissional.

Especialmente agradeço aos sujeitos da pesquisa (famílias e indivíduos que participaram da pesquisa de campo) por possibilitarem a construção dessa pesquisa e a possível contribuição para a atuação dos assistentes sociais e consequentemente, para o impacto na vida dos usuários.

Nesse sentido também agradeço a EE Prof^a Therezina da Fonseca Pares localizada no município de Campinas, a coordenadora pedagógica Maria Heloísa e a diretora Marilena por abrirem as portas desse espaço, me receberem e construírem comigo esse momento de trocas com as famílias e com a comunidade, reconhecendo a importância da relação entre Escola e família/comunidade.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a todas as minhas outras amigas e amigos, da graduação ou de outras épocas da minha vida, por toda a paciência e pela fidelidade e preservação de laços tão fortes como os da amizade, mesmo na distancia e nos tempos de correria, assim como nos momentos de surto (risos). Agradeço muito à Lays, que me apoiou e incentivou meu ingresso no Mestrado, além de ter me acompanhado e compartilhado bons e maus momentos dessa trajetória e por toda sua amizade e acolhimento. Agradeço à Viviane, por nossos mais de 15 anos de amizade e de muito companheirismo e por crescermos juntas, à Indie, que esteve tão presente durante esses dois anos, tornando minha ansiedade menos expressiva e me auxiliando com sua doçura em toda dificuldade enfrentada (companheirismo e açúcar orgânico, definem), não tenho palavras pra descrever! Agradeço a Ana Cristina pessoa especialíssima, que esteve tanto ao meu lado e que sem ela eu não teria, de forma alguma, chegado até aqui! À Jéssica, que entrou na minha vida como um presente muuuito especial, trazendo muita amizade, apoio, conhecimento e experiência e sem dúvidas eu não seria a profissional nem a pessoa que sou agora sem ela!! Agradeço muito também a Marcela que também, além de carinho, risadas e apoio, me trouxe muitos aprendizados enquanto assistente social! No mesmo sentido agradeço a Roberta, especialíssima, que me ajudou a crescer como profissional e pessoa. Aos meus amigos de infância Shaka e Dandan, que sempre vão estar aqui dentro e guardo só memórias muito boas de momentos incríveis com vocês, obrigada por permanecerem em minha vida! Ao Danilo, um amigo um pouco mais recente, que também considero muito e sempre esteve disponível para me ajudar nesse percurso. Agradeço a Lu, por todo o carinho e por possibilitar que a arte, objeto de estudo da minha pesquisa, se fizesse também presente em minha vida, tornando assim minha caminhada mais coerente, completa e feliz. As minhas queridíssimas e muito amadas Ana Clara e Ana Claudia, que além de fazerem parte de toda minha trajetória acadêmica, contribuindo para a profissional e pessoa que sou agora, foram como uma família para mim durante minha graduação e sempre terão um grande espaço reservado no meu coração! Agradeço também a Laninha, que sempre esteve ao meu lado e me ensinou tanto nos anos de república sobre convivência e tornou muito mais fácil e feliz a minha caminhada durante a graduação. E à Déinha do meu coração, por ter continuado sido sempre tão presente, independente de nossas condições objetivas e sempre me trazer boas energias e paciência para me apoiar em todos os momentos de dificuldade e para me acompanhar nas alegrias da vida! Agradeço também, ainda da graduação, a querida Taís, que sempre trouxe momentos felizes e cumplicidade. Agradeço a minha amiga incrível que é a Lulu, que admiro e adoro muito e que é muito especial na minha vida, não importando a distância. E por último, mas não menos

importante, agradeço a Ju, Mannuzita e Lizi, por serem tão especialíssimas e terem entrado na minha vida pra ficar, também contribuindo pra leveza e proteção na minha jornada!

Obrigada também aos meus docinhos cancerianos Zé, Dani e Jack, que me acolheram em Franca durante todo esse percurso e que sempre me ofereceram sentimentos e uma amizade sincera e uma troca muito especial. Vocês são pessoas incríveis que eu admiro muito e adoro ter por perto!

Agradeço agora, com muito amor, à Camila, pessoa incrível, que sem dúvida alguma me possibilitou chegar até aqui com sua paciência, compreensão e apoio, tornando minha vida muito mais colorida e com sentido! Junto a essa conquista do mestrado, você foi um dos maiores presentes da minha vida!

E já na reta final dessa trajetória, agradeço as minhas novas colegas de trabalho, Raquel Costa, Alexandra, Raquel Barros, Lia, Maíra, Ana Luíza, Cidinha, Paula, Ana Cláudia, Vivi, Sandra, Tê, Felipe e Márcinha (e todos os outros!!!) os quais pretendo preservar sempre em minha vida, por toda a paciência e apoio nesse momento conclusivo e por ampliarem minha visão da assistência social e me possibilitarem exercer o que mais amo na minha vida de forma ética e encantada!

Agradeço as professoras Edna e Adriana (que também foi parte da banca do exame qualificação), por aceitarem o convite para participarem da minha banca da defesa do mestrado, me sinto muito honrada com essa composição! E sem dúvidas contribuí muito com minha pesquisa. Também agradeço a professor Josiani que compôs minha banca de qualificação, trazendo ricas sugestões para a dissertação.

A todas e todos vocês, muito obrigada pelas contribuições, sincronicidade, identificação, risadas, conversas, choros e tudo mais.

Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade. (FREIRE, 2007, p. 2).

MATTOS, Bianca Nogueira. **O Serviço Social contracenando com a arte para desvelar a realidade**. 2015. 184 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2015.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo explicar sobre a arte enquanto categoria ontológica de mediação no Serviço Social, refletindo sobre suas possíveis contribuições para a atuação do assistente social, especialmente em sua dimensão socioeducativa. Contribuições essas provenientes da possibilidade de a arte promover o desvelamento da realidade social e a reflexão crítica com objetivo de fortalecimento da autonomia dos sujeitos sociais. Para tal, iniciamos refletindo sobre essa profissão e seu significado social e sobre duas dimensões, assim como sobre a categoria de mediação na perspectiva de totalidade e então foi apresentada a concepção de arte utilizada, no sentido ontológico e integralizante do ser social, a partir do referencial marxista e lukácsiano. Como constituinte dessa dissertação, foi realizada uma pesquisa participante com um grupo de famílias em uma escola no município de Campinas, onde foram feitas atividades que compunham modalidades artísticas e realizada posteriormente uma análise de conteúdo a partir das obras produzidas nos encontros e da realização de entrevistas com os participantes.

Palavras-chave: arte. Serviço Social. mediação.

MATTOS, Bianca Nogueira. **Social Work acting with the art to unveil the reality**. 2015. 184 p. Dissertation (Master's Degree in Social Service) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2015.

ABSTRACT

This research aims to explain about art as ontological category of mediation in social work, reflecting on their contributions to the work of the social worker, especially in the socio-educational dimension. These contributions are from the possibility of art to promote the unveiling of social reality and critical reflection and enlarging the autonomy of social subjects. To this end, we started thinking about this profession and your social meaning and dimensions, also about the mediation category in a fully perspective and then was presented the ontological sense of art like integralizante of social being, from Marx/Lukács' perspective. As a constituent of this dissertation, a participant survey was conducted with a group of families in a school in the city of Campinas, where was made artistic modalities and subsequently conducted a content analysis from the works produced in the meetings and in the interviews with participants.

Keywords: art. Social Work. mediation.

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Participantes dos encontros que realizaram as entrevistas.....	128
GRÁFICO 2: Escolaridade dos participantes que realizaram as entrevistas.....	129
GRÁFICO 3: Gênero dos participantes que realizaram as entrevistas.....	129
GRÁFICO 4: Faixa Etária dos participantes que realizaram as entrevistas	131

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Teses e dissertações que abrangem a temática da arte no Serviço Social identificadas nos bancos de dados de Universidades e da CAPES.....	22
QUADRO 2: Informações do perfil dos participantes identificados através de pseudônimos	132

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1: Mapa do Índice Composto de Vulnerabilidade de Campinas	43
ILUSTRAÇÃO 2: Esquema das Dimensões do Serviço Social	77
ILUSTRAÇÃO 3: Mural de Diego Rivera: Terra Virgem.....	111
ILUSTRAÇÃO 4: Armandinho: opinião pronta.....	120
ILUSTRAÇÃO 5: Foto 1 do mural produzido no encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	123
ILUSTRAÇÃO 6: Foto 2 do mural produzido no encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	123
ILUSTRAÇÃO 7: Foto 3 do mural produzido no encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	124
ILUSTRAÇÃO 8: Foto 4 do mural produzido no encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	125
ILUSTRAÇÃO 9: Foto 5 do mural produzido no encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	125
ILUSTRAÇÃO 10: Foto 1 do encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	170
ILUSTRAÇÃO 11: Foto 2 do encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	171
ILUSTRAÇÃO 12: Foto 3 do encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	173
ILUSTRAÇÃO 13: Foto 4 do encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	181
ILUSTRAÇÃO 14: Foto 5 do encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	182
ILUSTRAÇÃO 15: Foto 6 do encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	182
ILUSTRAÇÃO 16: Foto 7 do encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	183
ILUSTRAÇÃO 17: Foto 8 do encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	183
ILUSTRAÇÃO 18: Foto 9 do encontro artístico na EE Prof ^ª Therezina da Fonseca Pares	184

LISTA DE SIGLAS

ABEPSS	Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social
ABESS	Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior
CFESS	Conselho Federal de Serviço Social
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
CRESS	Conselho Regional de Serviço Social
CSAC	Coordenadoria Setorial de Avaliação e Controle
PAIF	Serviço de Proteção e Atendimento Integral a Família
PBF	Programa Bolsa Família
PEP	Projeto Ético Político Profissional
PSB	Proteção Social Básica
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SMCAIS	Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência e Inclusão Social

SUMÁRIO

UM POUCO ANTES DA INTRODUÇÃO	16
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 OS PASSOS DESSA DANÇA: CONSTRUINDO A PESQUISA	30
1.1 O Salão: A perspectiva teórico-metodológica	31
1.1.1 Compasso: A Pesquisa Participante	36
1.2 Porque são os passos que fazem os caminhos!	40
CAPÍTULO 2 NO PALCO DA PROFISSÃO: A ARTE NO SERVIÇO SOCIAL	48
2.1 Cenário: o Serviço Social como profissão.....	49
2.1.1 Iluminação: Aproximações com o referencial marxista.....	59
2.1.2 Camarim: As dimensões do Serviço Social.....	67
2.1.3 Protagonizando: A dimensão socioeducativa.....	71
2.2 Primeiras cenas: A mediação e o Serviço Social.....	78
2.2.1 Atrás das coxias: A categoria ontológica de mediação	78
2.2.2 Ribalta: A categoria teórico-metodológica da mediação no Serviço Social	83
2.3 Colorindo o figurino: A Arte enquanto categoria ontológica de mediação.....	90
2.3.1 Elementos cênicos: Modalidades artísticas	105
CAPÍTULO 3 SE A REALIDADE E O PENSAMENTO SÃO DIALÉTICOS, O QUE TE MOVIMENTA NESSA DANÇA?	112
3.1 Apresentamos: A arte no Serviço Social!	113
3.2 Ato por ato: particularidades desta pesquisa participante.....	117
3.3 Os tons das cores: análise do mural.....	121
3.4 Os tons das vozes: análise das entrevistas	127
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
REFERÊNCIAS	148

APÊNDICES E ADEREÇOS

Apêndice A - Roteiro de orientação para as entrevistas semiestruturadas	156
Apêndice B - Projeto de pesquisa participante apresentado à escola	157
Apêndice C - Transcrição integral das entrevistas.....	162
Apêndice D - Relatórios dos encontros realizados na pesquisa participante.....	168
Apêndice E - Outras fotos do processo e do produto artístico da pesquisa participante.....	182

UM POUCO ANTES DA INTRODUÇÃO

Esse pré-texto é uma primeira apresentação, pois é preciso começar dizendo que algumas coisas podem ser um pouco diferentes nessa dissertação. Nela, pode ter um pouco mais de cor do que é de costume nessas produções. Você também pode ficar exposto a uma alta carga de poesias! Outra situação a ser alertada, é a de que os títulos dessa pesquisa foram pensados objetivando despertar um pouquinho a sua criatividade! Contudo, comece a leitura aberto aos encantamentos dessa temática!

[...] que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.
Manoel de Barros (2006)

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe analisar a arte enquanto categoria ontológica¹ de mediação na atuação do assistente social, tendo como abordagem metodológica a pesquisa participante e a pesquisa bibliográfica.

Tendo em vista que o Serviço Social é uma profissão recente, com seus primeiros passos e a primeira escola em nosso país na década de 1930, e seu histórico apresenta consideráveis mudanças tanto no campo político, quanto no campo teórico e metodológico, é imprescindível traçar esse panorama e compreender seus desdobramentos na sociedade atual. Uma das transformações significativas foi na questão da instrumentalidade no Serviço Social, com a aproximação do Serviço Social com a teoria crítica marxiana.

Iamamoto (2012, p. 51) nos atenta para este panorama trazendo que na década de 1980, já temos avanços para a profissão que perpetuam no contexto atual, conforme vemos a seguir:

[...] um projeto profissional, que aglutina segmentos significativos de assistentes sociais no país, amplamente discutido e coletivamente construído ao longo das duas últimas décadas. As diretrizes norteadoras desse projeto se desdobraram no Código de Ética Profissional do Assistente Social, de 1993, na lei da Regulamentação da Profissão de Serviço Social e, hoje, na nova proposta de diretrizes Gerais para o curso de Serviço Social. [...]

[...] ao longo desse período, o Serviço Social deu um salto de qualidade em sua autoqualificação na sociedade. Essa adquiriu visibilidade pública por meio do Novo Código de Ética do assistente social, das revisões da legislação profissional e das profundas alterações verificadas no ensino universitário na área. [...]

Assim sendo, tanto a formação profissional quanto o trabalho de Serviço Social, nos anos 1980, se solidificaram, tornando possível, hoje, dar um salto qualitativo na análise sobre a profissão.

É compreensível, assim, que alguns elementos que compõem a fundamentação teórico-metodológica do Serviço Social estejam ainda em fase de experimentação e problematização, considerando a profundidade de alterações da profissão em curto espaço de tempo (nas duas últimas décadas).

O Serviço Social é uma profissão em constante movimento, de modo a acompanhar o fluxo da sociedade e suas possíveis transformações, e a busca pela efetivação dos direitos sociais, do compromisso com as classes populares e da luta por uma sociedade mais justa e igualitária têm sido a tônica da profissão através do amadurecimento teórico-metodológico,

¹ Ontologia: Teoria metafísica do ser (FERREIRA, 2015). No aristotelismo, era parte da filosofia que estudava a generalidade do ser, sua natureza geral e essência. Em Marx (2011a) têm-se uma ontologia histórica, que decorre da superação da Filosofia Antiga e Moderna.

técnico-operativo e ético-político alçado pela categoria profissional principalmente nas últimas décadas.

Um desses elementos é a instrumentalidade da profissão que, junto à fundamentação teórica, permite uma práxis profissional efetiva, superando assim o a dicotomia entre teoria e prática tão presente no Serviço Social.

A prática pode ser entendida como uma ação racional de sujeitos reais e o conhecimento que dela se engendra como o confronto entre experiências socialmente comunicadas e o conhecimento historicamente elaborado. O que resulta desse confronto incorpora o conteúdo do pensamento, que direciona as ações dos sujeitos. (GUERRA, 2011, p. 178-179)

Nesse âmbito percebemos que a prática interligada e interdependente com a teoria é o alicerce do trabalho profissional, especialmente na dimensão socioeducativa, visto que integra a ação e a reflexão, ultrapassando o fazer meramente técnico para um fazer crítico e construtivo. Guerra (2000, p. 12) ainda define a instrumentalidade como

[...] uma mediação que permite a passagem das ações meramente instrumentais para o exercício profissional crítico e competente. Como mediação, a instrumentalidade permite também o movimento contrário: que as referências teóricas, explicativas da lógica e da dinâmica da sociedade, possam ser remetidas à compreensão das particularidades do exercício profissional e das singularidades do cotidiano.

A dimensão socioeducativa do trabalho profissional do Assistente Social é de suma importância, pois contribui na formação da consciência crítica dos sujeitos, portanto permite o fortalecimento da participação social e da consciência de classe através de ações com desdobramentos sensíveis.

Torna-se mister situar essa questão, pois ela revela um dado que é crucial para o debate sobre a instrumentalidade: o Serviço Social surge na história como uma profissão fundamentalmente *interventiva*, isto é, que visa produzir mudanças no cotidiano da vida social das populações atendidas – os usuários do Serviço Social. Assim, a dimensão prática (técnico-operativa) tende a ser objeto privilegiado de estudos no âmbito da profissão. (SOUSA, 2008, p. 3, grifo do autor).

Iamamoto (2012, p. 52) evidencia como a esfera da instrumentalidade ainda está em processo de construção e enfrentando alguns impasses, como podemos perceber quando define que um dos enfrentamentos profissionais na contemporaneidade é

[...] o famoso distanciamento entre o trabalho intelectual de cunho teórico-metodológico, e o exercício da prática profissional cotidiana. Esse é um desafio colocado por estudantes e profissionais ao salientarem a defasagem entre as bases teóricas já acumuladas e a operatividade do trabalho profissional.

Portanto, torna-se indispensável o debate e novas propostas acerca dessa esfera profissional condizente com os objetivos profissionais, permitindo uma atuação de qualidade para os assistentes sociais em seu cotidiano.

É importante destacar que à dimensão socioeducativa da profissão perpassa por caminhos de consolidação da autonomia, ao passo que ultrapassa o tecnicismo e permite não só a informação, mas a reflexão sobre a realidade social, a compreensão da dinâmica sociedade de classes, a apropriação de conhecimentos e o consequente controle social.

Na contemporaneidade, observa-se na produção de conhecimento do Serviço Social a intenção em conceber uma prática educativa em consonância com o projeto ético político do Serviço Social, comprometido com a transformação social e a defesa da classe trabalhadora. (ELIAS; OLIVEIRA, 2008, p. 78).

Contudo, a dimensão socioeducativa é intrínseca ao exercício profissional, podendo corresponder a diferentes intencionalidades como a manutenção de um ideário dominante e a doutrinação ou ao incentivo ao pensamento crítico, o conhecimento dos direitos sociais e a autonomia dos sujeitos.

E é a dimensão socioeducativa que vai permitir uma atuação condizente com os princípios ético-políticos, que ultrapasse as demandas emergenciais (sem excluí-las) que consomem a dinâmica do cotidiano dos assistentes sociais.

“Cabe então aos assistentes sociais [...] encarar corajosamente suas contradições, a fim de que aos poucos consigam encontrar caminhos também novos para a desconstrução das bases de equilíbrio que sustentam o ideário capitalista.” (GIAQUETO, 2015, p. 19).

Deste modo, essa pesquisa pretende analisar a arte enquanto categoria de mediação, na perspectiva de totalidade, e como essa categoria pode influenciar na atuação profissional do assistente social, facilitando uma ação que se pautar na elevação do ser social em sua integralidade. Para Marx (2003) a arte, não mercantilizada e que não atenda aos interesses de dominação, pode complementar a essência do ser humano genérico, assim como o trabalho, quando não alienado.

É importante, no entanto, lembrar que toda teoria é inesgotável e, com isso, pretendemos aqui realizar essa análise, enveredando reflexões processuais acerca dessa temática, porém não temos a pretensão de esgotá-la, mas sim provocar o debate.

Também nos utilizaremos aqui das concepções de Lukács (1978), que dentro da teoria crítica, reconhece esse papel da arte no momento em que ela propicia inter-relações entre a interioridade humana e as objetividades do ser, constituindo assim o ser humano em sua totalidade.

Objetivamos entender a implicação da arte enquanto categoria ontológica de mediação no Serviço Social, inclusive, pois reconhecemos que este ainda é um tema pouco abordado pela categoria profissional.

Isso pode ser identificado com a pesquisa do Estado da Arte do tema da arte no Serviço Social, que realizamos. Nessa pesquisa, levantamos os dados das dissertações e teses defendidas que abordam essa temática nos bancos de dados de grandes Universidades com cursos de pós-graduação em Serviço Social e do banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento Pessoal de Nível Superior (CAPES).

O que pudemos encontrar foi um número ainda pequeno de teses e dissertações, produzidas entre 2005 e 2015, conforme descritos no quadro a seguir. É importante ressaltar que essas foram as pesquisas que colocavam a arte e atividades artísticas e/ou a categoria da estética no Serviço Social como tema ou assunto abordado, e não se incluem aqui pesquisas com enfoque em cultura.

QUADRO 1: Teses e Dissertações que abrangem a temática da arte no Serviço Social identificadas nos bancos de dados de Universidades e da CAPES

Teses e Dissertações que abrangem a temática da arte no Serviço Social identificadas nos bancos de dados de Universidades e da CAPES	
Banco de Dados CAPES	Dissertação da Puc-SP: Trajetórias juvenis mediadas pela arte – Trabalho e busca de autonomia / SILVA, Sandra Regina Vaz da. – 2011.
Banco de Dados UNESP – Universidade Estadual Paulista	Dissertação: Afirmção do projeto ético-político do serviço social: a utilização das técnicas das manifestações artístico-culturais no debate sobre os movimentos sociais. NARCIZO, Elaine Cristina. – 2014.

Teses e Dissertações que abrangem a temática da arte no Serviço Social identificadas nos bancos de dados de Universidades e da CAPES	
Banco de Dados PUC/SP – Pontifícia Universidade Católica/São Paulo	<p>Tese: Projeto Orquestra Sinfônica Jovens de Sergipe: Arte e História. SANTOS, Vera Núbia. - 2009.</p> <p>Tese: Atividades artísticas e lutas democráticas na construção da sociabilidade de resistência contemporânea. FUZIWARA, Aurea Satomi. – 2014.</p> <p>Dissertação: Agnes Heller, indivíduo e ontologia social: fundamentos para a consciência ética e política do ser social. VERONEZE, Renato Tadeu. – 2013.</p>
Banco de Dados UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro	Nenhuma produção localizada.
Banco de Dados da UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora	Nenhuma produção localizada entre 2007 a 2015.
Banco de Dados UEL – Universidade Estadual de Londrina	Nenhuma produção localizada.
Banco de Dados PUC/RJ - Pontifícia Universidade Católica/Rio de Janeiro	<p>Dissertação: Música e idoso: uma proposta de intervenção do serviço social com arte. SOUZA, Tiago Pereira de. – 2005.</p> <p>Dissertação: Juventude e movimento hip-hop: a construção de identidade, luta por direitos e cidadania. SOUZA, Flávia Monteiro. – 2010.</p>
Banco de Dados PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica/Rio Grande do Sul	<p>Dissertação: A questão social expressa na obra musical de Raul Seixas. CARBONARI, Jacqueline Garcia. – 2013.</p> <p>Dissertação: Abrindo as cortinas: a arte e o teatro no reconhecimento de juventudes e direitos humanos. SCHERER, Giovane Antonio. – 2010.</p>

Teses e Dissertações que abrangem a temática da arte no Serviço Social identificadas nos bancos de dados de Universidades e da CAPES	
Banco de Dados da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina	Nenhuma produção localizada.
Banco de Dados UFP -Universidade Federal da Paraíba	Dissertação: Envelhecimento e perspectivas sociológicas de inclusão pelo viés da arte: um estudo no Centro de Produção Artístico-cultural da Pessoa Idosa no município de João Pessoa. CAROLINO, Jacqueline Alves. – 2011.
Banco de Dados PUC/GO - Pontifícia Universidade Católica/Goiás	Dissertação: As influências do circo social para os egressos da escola de circo dom fernando/instituto dom fernando/proex puc-go, goiânia 1998-2009. SILVA, Danilo Joaquim. – 2013.
TOTAL	Localizadas nove dissertações e duas teses.

Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos

Essa pesquisa propõe a análise da arte enquanto categoria ontológica de mediação na instrumentalização do Serviço Social, tema que, como pudemos ver nesse levantamento, não foi discutido diretamente e com este enfoque específico em nenhuma das teses e dissertações identificadas na busca.

Vale lembrar que nos utilizaremos dessa concepção de arte enquanto categoria ontológica que potencializa o ser humano genérico, contrapondo a lógica dominante.

Entretanto, entenderemos a arte aqui em sua concepção crítica, enquanto fundante do ser humano genérico e social e, portanto, coerente com o projeto ético político profissional do Serviço Social.

Explicitaremos quais as intencionalidades da arte na sociedade capitalista e quais as dimensões da arte em sua essência, da arte que pode contribuir com o processo de elevação do ser humano genérico, de modo a problematizar essa temática e buscar entender em que vertente a arte poderá ser apropriada pela profissão.

Por conseguinte, será explanado sobre a categoria de mediação que permite a superação da imediatividade e refletido sobre como ela pode contribuir na atuação do assistente social, na dimensão investigativa e interventiva da profissão.

Deste modo, será possível analisar como a arte se estabelece enquanto categoria de mediação, dentro da perspectiva marxiana e como isso pode contribuir na esfera da instrumentalização profissional, para entender se essas estratégias podem, especialmente, possibilitar uma atuação crítica, em consonância com o projeto ético político do Serviço Social.

Essa hipótese será ponderada na pesquisa participativa, a qual será explicada no Capítulo 1 e consistirá no desenvolvimento de atividades artísticas com o grupo de famílias da EE Profª Therezina da Fonseca Pares, que fica no Jardim das Bandeiras, bairro periférico e com altos índices de vulnerabilidade na região Sul de Campinas. Posteriormente o aproveitamento dessas atividades será avaliado a partir das próprias atividades artísticas e de entrevistas com os participantes.

A ideia de trabalhar com famílias no âmbito da política de educação é criar o vínculo entre a comunidade e a escola e discutir temas de relevância para a vida social e no âmbito da educação. Porém, ressaltamos que analisar a arte como categoria de mediação que pode facilitar a efetivação da dimensão socioeducativa do Serviço Social, realizando a pesquisa participante com um grupo de famílias de alunos da escola pública, é apenas uma referência, considerando que essa atribuição profissional pode ser realizada em qualquer espaço socioocupacional do Serviço Social.

Contudo, a escolha por esse espaço para a realização da pesquisa participante se deu devido à facilidade do acesso a essa instituição para fazer a pesquisa e do potencial e demanda desse espaço para ações socioeducativas inclusive contribuindo com a aproximação da relação entre escola e família.

O trabalho do assistente social na Educação tem sua validade a partir de competências e atribuições específicas da profissão que podem contribuir com essa política pública, tanto no universo escolar, quanto na gestão da política. Dentre essas contribuições destaca-se o fortalecimento da relação escola/família, a aproximação com a realidade dos próprios alunos para entender suas representações no ambiente escolar, atividades com os profissionais da escola e atividades socioeducativas que integrem famílias, alunos, educadores, comunidade e outros profissionais envolvidos.

O conjunto Conselho Federal de Serviço Social/Conselho Regional de Serviço Social (CFESS/CRESS), tem se mobilizado no sentido de discutir as contribuições que o Assistente Social pode trazer nos espaços socioocupacionais específicos da Política de Educação. A materialização do debate que tem sido realizado com a categoria profissional é o Documento: “Subsídios para atuação do Assistente Social na Política de Educação” (CFESS, 2013).

Também tem empreendido esforços na direção da luta pela inserção desses profissionais nessa política pública.

Por conseguinte, entende-se que a escola é um espaço comunitário e que é válida sua interlocução com a comunidade e com as famílias dos alunos, já que os mesmos influenciam diretamente no processo de aprendizagem e nas relações com os educadores e outros profissionais da Instituição.

Dessa forma, o objeto de estudo da presente pesquisa é a arte enquanto categoria ontológica de mediação para efetivação da dimensão socioeducativa da profissão – Serviço Social. As atividades artísticas, nesse sentido, são consideradas como facilitadoras da expressão, da comunicação e das relações sociais. Além disso, viabiliza o acesso da população atendida pelo Serviço Social, ao lazer e cultura, através da realização de ações coletivas, permitindo assim que a ação seja mais prazerosa, democrática e horizontal para todos os integrantes do grupo e promovendo maior participação e adesão dos indivíduos e famílias ao grupo.

Assim, a proposta de realizar uma pesquisa participante, conforme será apresentada no primeiro capítulo juntamente com o referencial teórico metodológico dessa dissertação, com grupo de famílias inserindo atividades artísticas, visa analisar se realmente essa estratégia contribuirá com a dimensão socioeducativa da profissão, como elemento facilitador se a arte enquanto categoria de mediação nessa dimensão socioeducativa do Serviço Social possibilitará que sejam realizadas aproximações com as categorias da singularidade, universalidade e particularidade que permitam uma maior reflexão acerca da realidade social.

Os grupos socioeducativos realizados nas diferentes instituições (públicas ou privadas) são espaços de discussão e objetivam o acesso à informação e a reflexão por parte da comunidade, portanto em consonância com as atribuições dos profissionais.

Concomitantemente, os grupos possibilitam a troca de experiências, a sociabilidade e o fortalecimento de vínculos dos usuários. Contudo, alguns participantes podem se sentir constrangidos e ter sua participação menos representativa, dificultando a efetivação do dever profissional do assistente de mobilizar a participação da população. É nesse sentido que a proposta de análise sobre a inserção da arte no exercício profissional como uma estratégia facilitadora da dimensão socioeducativa do trabalho do assistente social - pode se tornar viável, tendo em vista que a arte se manifesta como forma de linguagem e expressão, assim como exprime Barbosa (2008, p. 5) “[...] uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursivas e científica.”

Ressaltamos ainda que, a abordagem artística tem como finalidade a participação mais efetiva com o real o envolvimento da população, além do respeito ao ser humano genérico em sua integralidade e individualidade, considerando a diversidade cultural e as heranças do ambiente e público onde se está atuando. É destacado também que as atuações com os grupos não devem ter caráter psicoterapêutico, acentuando assim a diferença entre ações socioeducativas e artísticas, que consideram a subjetividade, mas possuem caráter social, coletivo e objetivo libertário, no sentido do incentivo ao pensamento crítico e a participação popular, diferenciadas das práticas especificamente psicoterapêuticas, focalizadas no indivíduo.

Lukács (1978) também reconhece esse papel da arte no momento em que ela propicia inter-relações entre a interioridade humana e as objetividades do ser, constituindo assim o ser humano em sua totalidade.

Já no segundo capítulo, traça-se um panorama histórico sobre a gênese do Serviço Social e o significado social da profissão na divisão social e técnica de trabalho. Destaca também os componentes do trabalho profissional e o projeto ético político que se consolidou na década de 1980 e 1990, norteador da formação profissional, através das Diretrizes Curriculares Nacionais da Associação Brasileira de Pesquisa em Serviço Social e das entidades representativas da profissão (CFESS/CRESS).

Com isso pretendeu-se compreender a concepção crítico-dialética como hegemônica à formação e ao exercício profissional, sendo materializada nas diretrizes curriculares do Curso de Serviço Social (ABEPESS), na Lei nº 8.662, de 7 de junho de 1993 (BRASIL, 1993a) que regulamenta a profissão do Assistente Social e no Código de Ética Profissional e na direção do conjunto CFESS/CRESS. Entender como essa direção social e esses componentes éticos e políticos se configuram nas dimensões: investigativa, socioeducativa e interventiva do Serviço Social, através da instrumentalidade e do suporte teórico-metodológico e técnico operativo, é também o desafio desse capítulo.

A dimensão investigativa é essencial e interligada nesse sentido à dimensão interventiva, pois permite ao assistente social conhecer a realidade e, dentro da perspectiva marxista, se aproximar das suas determinações fundantes, para construir novos conhecimentos científicos ou no exercício profissional e assim fundamentar a prática profissional.

Posteriormente entendemos, na trajetória histórica da profissão – Serviço Social, como a dimensão socioeducativa, foi alterando a sua perspectiva ideológica, sempre intrínseca ao direcionamento político da profissão. Desta forma, a dimensão socioeducativa perpassa por todas as esferas da dimensão interventiva e investigativa, possibilitando ao Serviço Social

tradicional práticas conservadoras e disciplinadoras, com foco na adequação do indivíduo ao meio social, de culpabilizações e fragmentações. Por outro lado, as práticas norteadas hegemonicamente por novos valores, possibilitam o incentivo a reflexão crítica e à autonomia dos sujeitos.

Contudo, “Se o projeto ético-político preconiza a autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais, a dimensão socioeducativa deve se pautar em ações que possibilitem a efetivação desses princípios.” (GIAQUETO, 2015, p. 25).

Essa direção social crítico-dialética tem como marco o projeto ético político profissional que, conforme já descrito anteriormente, se consolidou na década de 1980 e 1990 provindo de grandes lutas de parte dos profissionais e estudantes da categoria por insatisfação teórico metodológica e também reflexos do momento histórico (político, econômico e social), para o processo de renovação da profissão.

Obedecendo as pressões advindas do novo ordenamento do capital, do Estado e da sociedade civil, na conjuntura brasileira, que ditavam aos vários segmentos institucionais acumulação, modernização e controle, o Serviço Social foi envolvido por este novo processo de mudanças. (PONTES, 2010, p. 19).

É importante buscarmos aprimoramentos que nos possibilitem alcançar práticas que efetivem uma práxis profissional e que partam de uma perspectiva de totalidade na análise, apreensão e intervenção na realidade.

O que se torna um desafio, devido a predominância do ideário burguês na ordem societária vigente e as limitações das causalidades objetivas, universais e institucionais/singulares e das demandas emergenciais que muitas vezes são priorizadas na dinâmica do cotidiano do assistente social.

E é nesse sentido que “Fazem-se necessárias ações que venham fortalecer a luta e a resistência da classe trabalhadora e recuperar em seus protagonistas a sua condição de sujeitos no seu processo histórico.” (GIAQUETO, 2015, p. 24).

Posto esse desafio, justifica-se urgência e a necessidade de realizar uma pesquisa que permita aprimorar as análises com vistas a contribuir para a efetivação do trabalho profissional, na perspectiva crítica.

No terceiro capítulo, estuda-se como a arte pode se constituir enquanto categoria ontológica de mediação a partir das análises da estética de Marx e Lukács e, por fim, propomos compreender como ela pode assim contribuir para o exercício profissional do

assistente social, instrumentalizando as relações sociais desse profissional com os usuários dos diversos serviços sociais, com os quais o Assistente Social participa.

Isso ocorrerá a partir da análise de todo o conteúdo da pesquisa qualitativa, bibliográfica, juntamente com os resultados da pesquisa participante e dos depoimentos dos integrantes do grupo – colhidos nas entrevistas, sempre refletindo sobre a arte enquanto categoria de mediação na atuação do assistente social, a partir de uma perspectiva crítica.

CAPÍTULO 1 OS PASSOS DESSA DANÇA: CONSTRUINDO A PESQUISA

1.1 O Salão: A perspectiva teórico-metodológica

O objetivo principal desta pesquisa é compreender como as atividades artísticas podem contribuir no trabalho do assistente social e, enquanto mediação, instrumentalizar o Serviço Social, no que se refere a uma dimensão essencial do trabalho profissional, a dimensão socioeducativa, presente em todo processo do exercício profissional.

Isso porque entendemos a apreensão e interpretação da realidade a partir de aproximações sucessivas com suas múltiplas e complexas determinações, dentro do movimento das categorias da singularidade, da universalidade, da particularidade e, portanto, das mediações.

Com isso, o materialismo histórico dialético, enquanto categoria metodológica da dialética concreta, faz-se também eficiente em nosso processo de pesquisa, quando buscamos a interpretação da realidade em sua totalidade, de forma dinâmica e dialética, para aproximações com as múltiplas determinações da realidade estudada, entendendo que cada todo constitui uma totalidade parcial e ao mesmo tempo complexa.

Assim, pautamos essa pesquisa no referencial teórico marxista, a partir da Teoria Social de Marx e do método de investigação materialista histórico dialético.

Contudo, Pontes (2010, p. 64) analisa que a dialética materialista enquanto método de investigação apodera-se da matéria em seus pormenores, analisa as diferentes formas de desenvolvimento e a conexão íntima entre elas. Só assim é possível descrever e se aproximar um pouco com o movimento do real.

O método marxista parte da realidade concreta e objetiva, superando as perspectivas idealistas, entendendo que a realidade existe independente da nossa interpretação, e é dinâmica, contraditória e está em constante e em movimento, portanto, pode ser recriada intelectivamente a partir da nossa interpretação proveniente das aproximações com suas múltiplas determinações, ou seja, ela é recriada a partir da nossa consciência, mas existe independente dela.

O método é materialista, pois entende a realidade como anterior ao pensamento e o concreto como precedente do conceito e dialético, assim, compreende o fenômeno e a realidade em movimento, dinâmicos e histórico, considerando o ser social como ser histórico.

Para tal, escolhemos a pesquisa qualitativa, onde utilizaremos pesquisa bibliográfica, para fundamentação e reflexão teórica e a pesquisa participante que, como veremos no decorrer desse texto, é bastante coerente com nossos objetivos de compreensão da arte

enquanto categoria de mediação no Serviço Social, sendo esta uma profissão dinâmica e interventiva.

Afinal,

[...] um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando /I captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. (GODOY, 1995, p. 21).

Nessa perspectiva metodológica de análise, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que teve como principal referencial teórico os estudos de intelectuais marxistas, em especial, Lukács, para compreensão de uma concepção de arte no sentido ontológico do ser humano genérico, contrapondo a lógica dominante da sociedade capitalista.

A pesquisa bibliográfica também é contemplada por alguns estudiosos do Serviço Social como José Paulo Netto, Yolanda Guerra, Marilda Villela Iamamoto e Reinaldo Pontes para traçarmos um panorama da profissão, suas dimensões e significado social e realizar a análise de como a arte pode instrumentalizá-la enquanto categoria de mediação, aprimorando a prática profissional e conseqüentemente, buscando a efetivação de seus princípios éticos e políticos.

Ainda na pesquisa qualitativa, serão realizadas entrevistas semiestruturadas como forma de coleta de dados, possibilitando maior aproximação também de maneira sensível dessa realidade, possibilitando dar voz aos sujeitos da pesquisa.

“A subjetividade se revela através das fontes orais e oportuniza ao sujeito dar a sua versão dos fatos – como entende, como vive, sente e enfrenta em seu cotidiano as sequelas do desenvolvimento socioeconômico capitalista.” (DEMO, 2008, p. 145)

Martinelli (1994, p. 11-18) nos traz que as metodologias qualitativas possibilitam aproximação entre os pesquisadores e sujeitos pesquisados, pois permitem que os pesquisadores conheçam suas realidades sócio históricas, experiências, modos de vida e outros subsídios para analisar essa realidade em seu real movimento.

Manzini (1990/1991, p. 154), defende que a entrevista semiestruturada traz um roteiro com as principais perguntas enfatizando o tema a ser estudado e durante o desenvolvimento da entrevista vão se somando outras questões pertinentes e provindas das circunstâncias.

As entrevistas semiestruturadas, assim, são compostas por perguntas que norteiam a entrevista, levando ao seu objetivo, mas nos possibilitam maior abertura e dinamismo na

entrevista, sem perdermos informações que podem ser importantes para o objetivo da pesquisa.

Além das entrevistas semiestruturadas, também utilizaremos da análise de conteúdo enquanto forma qualitativa de pesquisa, na fase de organização da pesquisa, desenvolvimento e exploração do material e na análise dos resultados.

A análise de conteúdo nos permite uma interpretação da realidade concreta, através de fatores objetivos e subjetivos, ultrapassando a aparência imediata, considerando suas diferentes determinantes. Contudo, a análise de conteúdo se faz satisfatória em nossa pesquisa que pretende desvendar fazeres artísticos e expressões verbais enquanto forma de expressão dos seres sociais.

Enquanto esforço de interpretação, a análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objectividade e da fecundidade da subjetividade. Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente o não aparente [...]. (BARDIN, 1977, p. 9).

Assim, na análise de resultados, buscou-se ultrapassar o aparente para analisar o que foi apresentado concretamente, regressando, inclusive, as causas e, por tartar-se de pesquisa participante que não possui instrumentais únicos e padronizados, pode-se se adaptar as metodologias aos determinantes da realidade estudada.

A análise de conteúdo (seria melhor falar de análises de conteúdo) é um método muito empírico, dependente do tipo de 'fala' a que se dedica e do tipo de interpretação que se pretende como objetivo. Não existe o pronto-vestir em análise de conteúdo, mas somente algumas regras de base, por vezes, dificilmente transponíveis. A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento, exceto para usos simples e generalizados, como é o caso do escrutínio próximo da decodificação e de respostas a perguntas abertas de questionários cujo conteúdo é avaliado rapidamente por temas. (BARDIN, 1977, p. 43).

A análise de conteúdo, contudo, enriquece a busca pela aproximação com a realidade concreta e com os resultados e pode contribuir para o conhecimento e/ou comprovação de informações.

No caso das entrevistas semiestruturadas que foram realizadas como levantamento de dados, partiu-se para a análise do discurso, no momento da análise dessas falas.

A análise de discurso possui essa mesma função da análise de conteúdos, mas através do meio da interpretação das falas.

Isso é realizado através do reconhecimento das múltiplas determinantes da realidade estudada, considerando as particularidades dos sujeitos sócio-históricos da pesquisa.

O movimento interpretativo é realizado pelo analista de discurso, não com o desejo de desvelar o que está oculto, mas de entender as forças atuantes e compreender como as diferentes formações discursivas se conectam, produzem e produzem novos significados. Neste gesto interpretativo, se caracteriza a ideologia, na produção de sentidos, nos questionamentos, na desnaturalização dos discursos. (RAMOS; SALVI, 2009, p. 7).

Vale destacar, no entanto, que a pesquisa qualitativa por si só não garante a criticidade na pesquisa na apreensão das múltiplas determinações da realidade e, o essencial é a interpretação desses dados, a perspectiva da pesquisadora (e também assistente social) e o direcionamento ético e político da pesquisa.

Esse poema de Alberto Caeiro, ilustra esse pensamento, conforme segue:

O essencial é saber ver;
Saber ver sem estar a pensar,
Saber quando se vê
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.
Mas isso (tristes de nós que
trazemos a alma vestida!)
Isso exige um estudo profundo,
uma aprendizagem de desaprender. (PESSOA, 2006, p. 63).

E é dessa forma que analisamos nosso objeto de pesquisa, como componente de um processo histórico e social, dentro de uma universalidade e legalidade histórica. Só assim podemos nos aproximar de fato com a realidade concreta, “Toda ciência seria incerta se as formas de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente.” (MARX, 1983, p. 271 apud LUKÁCS, 2012, p. 295).

Outra relevância e validade do método materialista histórico dialético para nossa pesquisa é porque ele não pode ser “Deslocado da teoria, uma vez que o método vai constituir-se no processo de apreensão do objeto pela razão, ou seja, organizando logicamente o processo real, apresentando-o em teoria.” (SANTOS, C. M., 2012, p. 17) efetivando assim a práxis profissional.

Considerando que a realidade é dinâmica e que buscamos nos aproximar de suas determinações de forma sucessiva, entendemos que o processo da pesquisa e da construção do conhecimento também o são, e que o processo de investigação “Deve, portanto, ser constante

para se apreender o maior número de determinações possíveis a fim de que o sujeito se aproxime cada vez mais do objeto a ser conhecido.” (SANTOS, C. M., 2012, p.21).

Utilizando o materialismo histórico dialético como método de investigação, a realidade aparente e o imediatismo é negado, pois entende-se a realidade em sua totalidade e de forma complexa, buscando conhecer ao máximo suas múltiplas determinações para assim conquistar aproximações sucessivas com a realidade fenomênica.

“A contradição se revela como princípio do ser precisamente porque é possível apreendê-la na realidade também enquanto base de tais processos.” (LUKÁCS, 2012, p. 291)

Assim, em Lukács (2012, p. 292 - 294) percebemos que o fenômeno como se apresenta no imediato esconde sua essência, sua substância, e a ciência pode desvendá-la, buscando aproximações com suas determinações e realizando a negação do aparente e uma análise crítica pautada na perspectiva de totalidade, como também, ao contrário, pode obscurecê-lo ainda mais ou deformar a interpretação dessa realidade.

Contudo, cabe à ética e ao rigor científico realizar uma pesquisa que caminhe para a verdadeira busca da substância do fenômeno e objetivando que os resultados de sua pesquisa tragam aprimoramento profissional e benefícios para a sociedade.

Bourguignon (2008, p. 74-76) também discorre sobre a viabilidade do método marxista para a aproximação com a realidade, o que nos possibilitará esse rigor científico, quando afirma que:

Em Marx se encontra uma articulação necessária entre teoria e metodologia, que resulta em orientações essenciais para a compreensão da realidade social e do contexto em que se produzem as relações sociais. Nesse processo, a teoria assume papel fundamental, o de reproduzir idealmente o movimento do real apreendido, seus processos constitutivos, sua lógica de estruturação, de forma processual e continuada, já que a teoria não esgota a complexidade do real, apenas busca compreendê-la através de aproximações sucessivas. [...] O método histórico-dialético é o caminho pelo qual se pode desvendar a constituição do todo através de aproximações contínuas sem a pretensão de esgotar as possibilidades de compreensão das determinações presentes na realidade.

Lukács (1978) também nos traz que a pesquisa que conseguir realizar dialeticamente os ideais abstratos com as observações empíricas, traçará o caminho metodologicamente correto, através das mediações com as determinações da realidade social e histórica.

Considerando que a pesquisa participante é fundante na realização da presente pesquisa e diante das dificuldades que a pesquisadora (e também assistente social) sentiu pra distinguir quais são os procedimentos metodológicos deste tipo de pesquisa, no próximo item

faremos uma reflexão sobre a pesquisa participante, com intuito de que o registro contribua com outros pesquisadores.

O conhecimento construído pelo conjunto dos profissionais precisa ganhar força social e romper com os muros da academia, sendo através de uma prática crítica e propositiva, capaz de interferir nas dinâmicas societárias e nas condições de vida do cidadão. [...] um dos níveis em que o impacto da produção acadêmica pode ser pensado e debatido refere-se às repercussões e à incorporação da produção acadêmica no exercício das profissões, não só realimentando suas práticas, como também alimentando o exercício da pesquisa (BOURGUIGNON, 2008, p. 171).

1.1.1 Compasso: A Pesquisa Participante

Ainda para analisarmos a viabilidade dessa categoria no fazer profissional, realizamos a pesquisa de campo na modalidade da pesquisa participante, possuindo assim um caráter investigativo onde a pesquisadora se aproxima de seu objeto de estudo de modo a intervir em sua realidade e observar seu desenvolvimento. A escolha dessa metodologia foi decorrente da percepção de que permitirá a experimentação da proposta de instrumental da pesquisa e uma maior aproximação com o universo da pesquisa, garantindo assim ampla horizontalidade e expressão de todos os participantes.

Um estilo supõe a ideia de totalidade e possibilidade histórica. Atrai, enquanto tal, diversas manifestações que ocorrem em um mesmo campo de atividade. Este é, pensamos, o caso das práticas que visualizam participação, investigação e ações educativas como momentos de um mesmo processo. Pensamos que nelas se encontra o germe de um ou mais estilos alternativos de trabalho junto a setores populares. Pensamos ainda que estes se inscrevem em uma perspectiva mais ampla, qual seja, a de contribuir, por meio da produção e comunicação de conhecimentos, para a criação de uma nova hegemonia. (BRANDÃO, 1984, p. 15).

A pesquisa participante pressupõe então a intervenção social, o posicionamento e a intencionalidade política dentro da pesquisa para atuar na realidade social e inferir em suas manifestações junto à população, sujeitos da pesquisa. Deste modo, a pesquisa participante atende aos princípios do Serviço Social, que é também uma profissão interventiva e que visa a busca por uma sociedade mais igualitária e a relação desburocratizada com os usuários dos diferentes serviços sociais.

“Há um projeto intelectual e ético-político na profissão que demarca que a pesquisa não é neutra, é engajada em direção a mudanças sociais na realidade brasileira.” (BOURGUIGNON, 2008, p. 140).

Essa metodologia de pesquisa também é coerente com a busca pela práxis profissional, pois envolve teoria e prática, observação e ação, e permite ao pesquisador ultrapassar alguns limites tendo em vista que se aproxima de seu objeto e de suas propostas, trabalhando no viés da avaliação do resultado das mesmas.

Sabemos que a efetivação da práxis é um desafio constante para o assistente social, entretanto um ideal a ser atingido para real efetivação de seus princípios ético políticos. Nesse sentido, entendemos que a pesquisa participante também converge com essa demanda da profissão, em consonância com sua prática profissional.

Segundo Brandão (2007, p. 5),

[...] os processos, as estruturas, as organizações e os diferentes sujeitos sociais devem ser contextualizados em sua dimensão histórica, pois são momentos da vida, vividos no fluxo de uma história; e é a integração orgânica dos acontecimentos de tal dimensão que, em boa medida, explica as dimensões e interações do que chamamos uma realidade social.

A integração e a participação do pesquisador no processo da pesquisa com o universo explorado contribui e enriquece os dados elencados, pois possibilita essa vivência do objeto de estudo e a superação do conhecimento que é apenas transmitido e absorvido, para um conhecimento que ultrapassa a academia e que é construído à partir de um processo participativo.

A pesquisa participante tem, assim, um caráter político e educativo, pois é construída horizontalmente e dinamicamente entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa.

A pesquisa, entendida como movimento processual incessante de desconstrução e reconstrução é o centro do conhecimento, porque representa sua dinâmica mais própria e profunda. A pesquisa participante descobriu logo a importância não só metodológica, mas, sobretudo, política do conhecimento. (DEMO, 2008, p. 16).

Essa forma de pesquisa nos possibilita também promover a centralidade e o dos sujeitos da pesquisa, facilitar a relação entre o pesquisador e esses sujeitos, dando voz a eles, considerando, inclusive, que:

O assistente social trabalha com segmentos socialmente invisíveis, ou seja, pela sua condição de subalternidade, esse segmento é desqualificado em relação à sua cultura e ao seu conhecimento. [...] garantir o protagonismo

desses sujeitos depende também de uma pesquisa comprometida ética e politicamente com mudanças sociais [...] (BOURGUIGNON, 2008, p. 163, 171).

A pesquisa participante é viável para o presente estudo, permite maior aproximação da pesquisadora com os sujeitos e também a possibilidade de uma construção horizontal desse conhecimento, de forma processual e coletiva, o que é significativo quando o tema abordado propõe refletir sobre a arte, enquanto categoria de mediação, ou seja, como uma instrumentalização para à profissão em sua dimensão socioeducativa.

De modo geral, a arte é utilizada com intuito de romper com a burocratização e assim horizontalizar a relação entre o assistente social e os sujeitos usuários, considerando-os como protagonistas e não meros “usuários” dos serviços prestados nas diversas políticas sociais. Porém, salientamos que não queremos desqualificar as outras formas de pesquisa científica que também podem contribuir valorativamente com outros projetos de pesquisa.

Contudo, queremos mostrar que a pesquisa participante deve ser coerente com a fundamentação teórica que comporá essa pesquisa, pois não existe prática sem uma teoria e uma intencionalidade que a fundamente.

A teoria possibilita uma compreensão inteligível da realidade, que o ser humano adquire através de sua confrontação com essa mesma realidade. Porém, o conhecimento daí resultante não se processa de forma individual e isolada, mas de forma social e histórica, sendo assim, não tem caráter apenas científico ou filosófico, é prático também. (BOURGUIGNON, 2008, p. 80).

Buscamos nessa dissertação sempre nos atentar para a efetivação da práxis na pesquisa, tornando assim mais completo, acessível, concreto e cada vez mais próximo das determinações da realidade, o conhecimento construído nesse processo investigativo, assim como “Para as ciências sociais, uma teoria desligada da prática não chega sequer a ser uma teoria. E é nesse sentido que muitos diriam ser a prática o critério da verdade teórica.” (DEMO, 1995, p. 77).

Esse mundo concreto, é, portanto, um conjunto de múltiplas determinações, a unidade do múltiplo (LUKÁCS, 1978, p. 74).

Ainda sobre a práxis, Bourguignon (2008, p. 75), nos traz que a teoria, portanto “Representa a reprodução ideal do mundo concreto, que só tem sentido se acompanha a processualidade do real e se não cristaliza conceitos e categorias ali presentes.”

A pesquisa participante, nesse sentido, “Acentua o lado da prática, mas só tem a perder se não ostentar base teórica, amadurecimento metodológico [...]” (DEMO, 2008, p.44).

A metodologia da pesquisa participante, coerentemente, também é dinâmica e pode ser construída de acordo com o universo e objeto de pesquisa, respeitando sempre o rigor científico e, neste caso, a categoria de análise do materialismo histórico dialético e o projeto ético político profissional como direcionamento.

Essa modalidade de pesquisa também caminha lado a lado com o materialismo histórico dialético, pois parte da realidade concreta e objetiva e nega o aparente, buscando a substância do fenômeno, além de considerar a historicidade e priorizar a dialética entre teoria e prática.

A pesquisa participante realiza as marcas típicas da dialética entre teoria e prática: traduz a teoria em opções concretas, não somente confrontando-a com a realidade concreta, mas sobretudo realizando e explicitando a opção política e ideológica. Constrói contexto adequado em termos de relacionamento dialético entre teoria e prática porque não precisa afogar a teoria. [...] Se for coerente, a pesquisa participante não fugirá de sempre retornar à teoria para se refazer. [...] precisa ser submetida a constante crítica e autocrítica para poder continuar aprendendo. (DEMO, 2008, p. 104-105).

Como nos traz Boterf (2009), não existe um modelo metodológico único para a pesquisa participante, afinal, tratando-se de uma pesquisa historicizada e dinâmica, ela se adapta aos determinantes e particulares de cada situação.

Com isso, Boterf (2009) não limita uma metodologia e instrumentos específicos, mas traça apenas algumas sugestões para o percurso metodológico, a partir do desenvolvimento de quatro fases:

- * Montagem institucional e metodológica – delimitação do universo e do objeto de estudo; momento da construção do projeto; momento em que se define o quadro teórico e metodológico do projeto; organização, planejamento e distribuição das ações a serem realizadas;

- * Diagnóstico preliminar e provisório – prévio conhecimento do universo da pesquisa, das condições sócio-históricas e sócio-econômicos;

- * Análise crítica dos problemas – fase composta pelos participantes pesquisadores e pesquisados de modo a maior aproximação com a realidade a ser estudada e negação do aparente;

* Plano de ação – elaboração de um plano de ação com as atividades a serem elaboradas para enfrentamento dessa problemática. Sugere-se ações educativas que possibilitem reflexão para melhoria das condições sociais da comunidade/sujeitos da pesquisa.

Entendendo os objetivos da escolha da pesquisa participante para essa dissertação, apresentaremos no próximo item seu percurso metodológico realizado na construção dessa pesquisa.

1.2 Porque são os passos que fazem os caminhos!

Primeiramente analisamos a necessidade de explorar a arte enquanto categoria de mediação para a dimensão socioeducativa do Serviço Social através de ações concretas.

Portanto, traçamos seu projeto com as etapas da pesquisa participante, considerando como prisma o materialismo histórico dialético enquanto categoria de análise e referencial teórico, tendo em Lukács a principal referência para a conceituação da arte enquanto categoria ontológica de mediação.

Contudo, planejamos a realização de grupos com as famílias de estudantes de uma escola pública, onde foram propostas atividades artísticas para discussão de temas da realidade social que lhes fossem pertinentes, a fim de promover melhoria em suas qualidades de vida e conhecimento para caminhar ao acesso aos direitos sociais, pertinentes aos objetivos profissionais do assistente social.

Assim, acredita-se que

Pesquisas que se sustentam em metodologias que privilegiam a história oral, ou que se baseiam em pesquisa ação ou participante, tem maior possibilidade de gerar impactos mobilizadores de mudança, pois, por sua natureza, estabelecem vínculos, comprometimento ético político por parte dos pesquisadores e processos reflexivos que não se limitam aos objetivos mais imediatos da pesquisa. Avançam para o rompimento com o discurso instituído e para a construção de novas formas de sociabilidade. (DEMO, 2008, p. 177).

Essa pesquisa poderia acontecer em qualquer espaço de atuação do assistente social, mas escolher a escola pública como universo da pesquisa foi devido à considerarmos-a como um espaço privilegiado de atuação do assistente social, que atua diretamente nas relações sociais, e um ambiente passível, com potencial para convivência comunitária e formação política e cultural, ao passo que é permanente, constante, com ações de longa duração, além da natureza educativa.

Considerando ainda que, apesar de não ter sido totalmente reconhecido como espaço para intervenção profissional do Assistente Social, principalmente nos contornos da política de educação contemporânea, o universo escolar é um espaço potencial para o trabalho do Assistente Social, condição que justifica a escolha feita por essa pesquisa.

Ressaltamos também que, de acordo com o próprio Documento: “Subsídios para a atuação profissional do Assistente Social na Política de Educação” e consonante com o debate da profissão sobre essa área, a dimensão educativa da intervenção profissional do Assistente Social tem sido uma demanda recorrente nesses espaços socio-ocupacionais, de forma expressiva justamente junto a famílias, portanto a dimensão educativa “conversa” perfeitamente com essa área de atuação profissional.

Além disso, a Escola é componente da política de Educação, política pública universal e um direito social constitucional, e as políticas públicas compõem os possíveis ricos espaços de atuação para o assistente social.

A escola e a educação não são instâncias desvinculadas dos processos societários que particularizam a sociedade de classes, ao contrário, as constituem a partir de funções sociais importantes à manutenção e continuidade de suas formas de produzir a própria existência. Os estabelecimentos educacionais não constituem, portanto, ilhas sociais. Espaços cujas dinâmicas sejam forjadas a despeito dos processos sociais (CFESS, 2013, p. 48).

Entretanto, é importante lembrar que não é só na escola que a arte pode se constituir enquanto categoria de mediação para o fazer profissional, mas em todos os campos de atuação do assistente social, se a entendermos enquanto instrumentalizadora da dimensão socioeducativa profissional.

Nesse sentido, caminhamos para o segundo passo metodológico, realizando o conhecimento do universo da pesquisa. Localizada no município de Campinas (SP), foi escolhida a Escola Estadual Prof^a Therezina da Fonseca Pares, para discutir com as famílias de estudantes temas de relevância social e interesse dos participantes, sempre buscando reflexão.

Contudo, desejamos compreender a validade da arte enquanto categoria de mediação para o Serviço Social a partir da perspectiva dos sujeitos da pesquisa.

Desenvolver as atividades na EE Prof^a Therezina da Fonseca Pares foi devido às questões geográficas da mesma, ao passo que está inserida em uma região com elevados índices de vulnerabilidade social do referido município e que atende um amplo contingente da população dos bairros ao entorno da escola devido à proximidade com áreas de ocupação

do bairro Jardim das Bandeiras II, Jardim do Lago II e Parque Oziel que junto ao Jardim Monte Cristo e Gleba B comportam cerca de 1.500.000 m², 3.000 famílias e 30.000 moradores, sendo assim um dos maiores espaços de ocupação da América Latina.

Essa região fica a cerca de 5 km do centro da cidade, tendo acesso principal pela rodovia Santos Dumont e as ocupações centralizadas no Pq. Oziel ocorreram em 1997. Helena Rizzatti Fonseca (105), em sua dissertação “O recente processo de urbanização da cidade de Campinas-SP (1990-2014): as ocupações urbanas - um estudo dos usos do território da Região Sul.”, nos traz que

Essas ocupações urbanas foram, bem dizer, ignoradas pela Prefeitura por muito tempo e, em 2006, já havia uma população de [...] 30 mil no Parque Oziel. [...] Vieram majoritariamente da Região Metropolitana de Campinas (RMC), da RM de São Paulo e de Estados como Paraná, Mato Grosso e Maranhão. (FONSECA, 2015, p. 53).

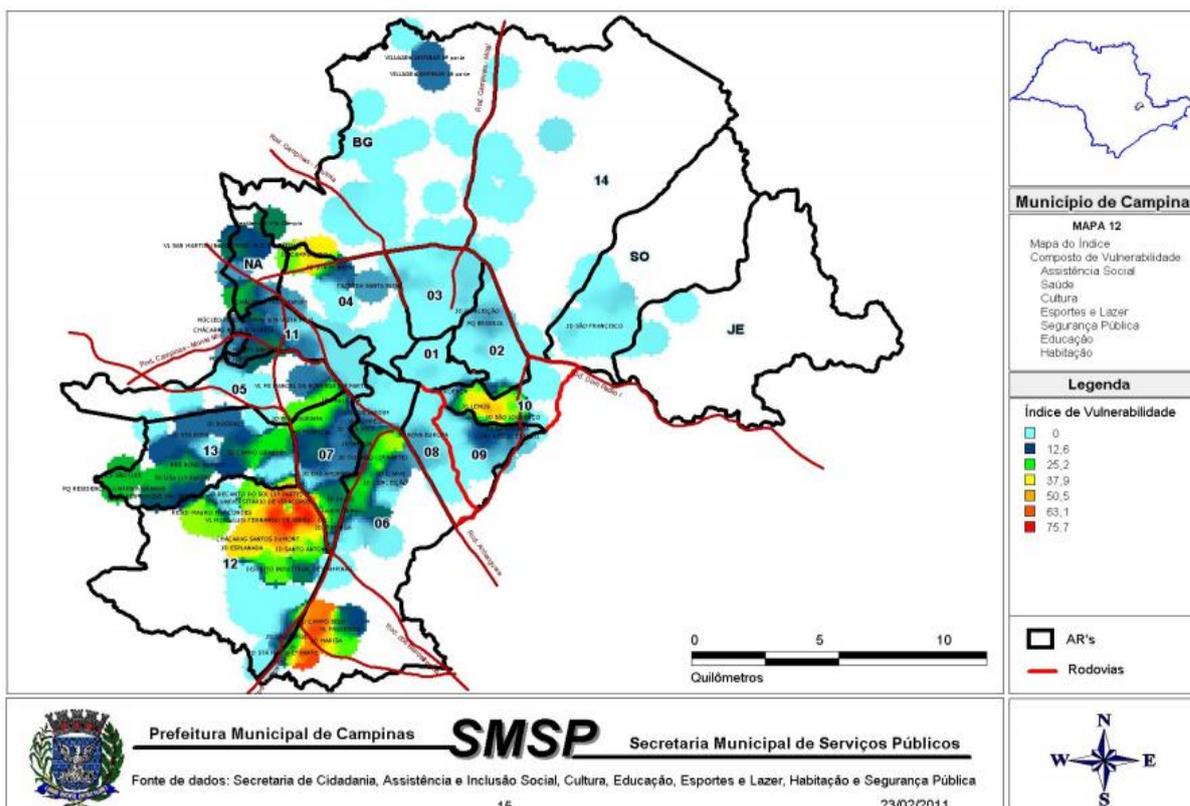
Fonseca (2015, p. 14) também nos mostra que essa população se organizou praticamente sem respaldo do poder público, apenas com os esforços comunitários até 2006, quando se iniciou o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC 2) do Governo Federal, objetivando a promoção econômica do país, onde “Uma parte do PAC era destinada à urbanização de favelas e ocupações de regiões metropolitanas. O Campo Belo e o Parque Oziel sobressaíram-se como os principais bolsões de pobreza de Campinas a receber intervenções deste programa.”

Ghilardi (2012, p. 10) também nos diz que foi uma região que se formou a partir de um movimento social organizado, comparada as origens de outras regiões e bairros de Campinas.

Esses bairros e ocupações compõem a região Sul do município que, segundo o relatório da Gestão Municipal de 2011 da Prefeitura de Campinas que traz dados do PMAS 2010/2013, possui, enquanto recursos da política de Assistência Social, dois Centro de Referência da Assistência Social (CRAS), dois Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), um Distrito da Assistência Social (DAS) e 32 Serviços Cofinanciados dentro da Proteção Social Básica (PSB). Destaca-se também, que foi a região da cidade que mais teve pessoas atendidas no DAS e maior número de famílias acompanhadas no Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF), (desenvolvido nos CRAS) segundo dados da Secretaria Municipal de Cidadania, Assistência e Inclusão Social (SMCAIS) 2011, mostrando assim que é uma região com grande demanda.

A seguir temos o Mapa do Índice Composto de Vulnerabilidade de Campinas, referente ao ano de 2011 e dados do SMCAIS/CSAC, onde também é possível identificar que a maior concentração dos altos índices de vulnerabilidade, explicitados nas cores alaranjadas e em vermelho, está na região Sul do município:

ILUSTRAÇÃO 1: Mapa do Índice Composto de Vulnerabilidade de Campinas



Fonte: Secretaria de Cidadania, Assistência e Inclusão Social, Cultura, Educação, Esportes e Lazer, Habitação e Segurança Pública.

É importante também, ao identificarmos esse território que comporá nosso universo de pesquisa, reconhecermos que o território é também constituído por sujeitos sociais e por um processo sócio histórico cultural. Ou seja, o território,

Ainda que de caráter estrutural, possui um componente fortemente simbólico, mediado por elementos econômicos, políticos, culturais e sociais que ressignificam os componentes concretos da ordem geográfica e social. Sua existência decorre do acúmulo das vivências e de experiências de cada um dos sujeitos, de cada um dos grupos, de cada uma das forças que atuam no espaço natural, cultural, político e social. (JOAZEIRO; MARIOSA, 2013, p. 191).

Posto isso, intrinsecamente passamos pelo passo metodológico da análise crítica do problema, pois entendemos que a atuação do assistente social pode contribuir de maneira significativa para esse público, permitindo assim uma intervenção a partir da pesquisa participante.

A pesquisa para o Serviço Social deve gerar um conhecimento que reconheça os usuários dos serviços públicos como sujeitos políticos que são, capazes, também, de conhecer e intervir em sua própria realidade com autonomia, desvencilhando-se das estratégias de assistencialismo, clientelismo e subalternidade, tão presentes nas ações governamentais e políticas públicas. As pesquisas têm como possibilidade latente a valorização do povo, da riqueza de suas histórias, de suas experiências coletivas, mobilizadoras de novas formas de sociabilidade. (BOURGUIGNON, 2007, p. 51).

Optamos por escolher as famílias dos alunos das duas classes do 1º ano do I Ciclo do Ensino Fundamental para participarem dos grupos, considerando que, esses estudantes e suas respectivas famílias estão conhecendo a escola esse ano, portanto essas atividades podem favorecer sua relação com a escola iniciando um processo de aproximação escola-família.

Entretanto, nos primeiros encontros houve a participação de poucas famílias, situação refletida com a coordenadora da escola, que indicou, como possível causa, a distância entre a escola e a moradia das famílias.

Diante disso, decidimos ampliar o convite para as famílias dos alunos das duas classes do 2º ano, considerando que essas também atendem ao critério estabelecido para escolha dos sujeitos da pesquisa, conforme citado anteriormente. Por fim, dez pessoas participaram efetivamente e regularmente dos encontros.

Os temas abordados nesses encontros, assim como as modalidades artísticas a serem trabalhadas foram escolhidos e construídos horizontalmente e coletivamente junto com os sujeitos da pesquisa, conforme o percurso metodológico da pesquisa participante, que envolve, como vimos, a análise crítica das expressões da questão social encontradas e identificadas pelo próprio grupo e ações interventivas a partir de atividades educativas e reflexivas.

É importante esclarecer que nas atividades artísticas a técnica não foi priorizada nesse momento, mas sim a expressão dos participantes, na busca pela autonomia e pela reflexão crítica acerca da realidade social.

Ao final de cada atividade foi elaborado um relatório pela pesquisadora a partir de sua observação, contendo o desenvolvimento, a avaliação da atividade pelos participantes e a análise da atividade pela realizada no referido grupo.

Terminados os encontros, as obras artísticas produzidas foram apresentadas na Escola em um evento aberto para todas as famílias e educandos, onde os participantes puderam expor os conteúdos dos quais apropriaram, as discussões realizadas e o que foi construído ao longo dos encontros.

Por fim foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes dos encontros, para compreender quais foram os resultados dessas atividades, se influenciaram de alguma forma em seus cotidianos e perspectivas.

Também foi realizada uma entrevista semiestruturada com a coordenadora pedagógica da instituição, que acompanhou o desenvolvimento dos encontros, para avaliar quais foram às contribuições desses encontros artísticos e das discussões para a relação entre a Escola e as famílias/comunidade e quais os outros possíveis resultados.

Os relatórios e a entrevista foram analisados a partir da metodologia da análise de conteúdo, para possibilitar assim analisar mais profundamente os conteúdos complexos apresentados durante a realização dos encontros e na avaliação dos seus resultados de maneira rigorosa cientificamente. A escolha ainda é pela análise de conteúdo estrutural, que possibilite também interpretar essa realidade complexa de forma sensível, identificando questões subjacentes nos discursos, na entrevista e nos encontros artísticos, para entendermos assim qual a viabilidade da arte enquanto categoria de mediação na dimensão socioeducativa profissional.

“A subjetividade se revela através das fontes orais e oportuniza ao sujeito dar a sua versão dos fatos – como entende, como vive, sente e enfrenta em seu cotidiano as sequelas do desenvolvimento socioeconômico capitalista.” (BOURGUIGNON, 2008, p. 145).

As atividades artísticas tiveram caráter socioeducativo e duração de seis meses, contemplando 8 encontros, tendo cada um cerca de duas horas e meia, com o objetivo de discutir temas de relevância social e de interesse do público atendido. Como dito anteriormente, os temas foram elencados pelos próprios participantes, de modo que fosse realizada uma construção coletiva e horizontal dessas atividades e possa trazer sentido para participantes, a partir da ótica paulofreiriana da pedagogia popular, como é evidenciado por Freire (1987, p. 44)

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais.

Desta forma, garantindo a livre participação de todos os integrantes do grupo a partir da práxis do conhecimento, troca de informações e ação, será instigado o pensamento crítico e a reflexão, além de fomentada a troca de experiências, o convívio social e o debate que enriqueça a autonomia desses indivíduos e desse coletivo.

As modalidades artísticas escolhidas pelos participantes foram: a música e as artes plásticas (pintura e desenho) para os primeiros encontros, evoluindo para a criação de um mural coletivo que foi exposto na Escola posteriormente em evento aberto a todas as famílias.

Contudo, nosso plano de ação da pesquisa participante consistiu em convidar as famílias, discutir com elas os temas e modalidades artísticas pertinentes, e realizar encontros para refletir sobre as temáticas sociais elencadas através de atividades com uma ou mais dimensões artísticas, dentre as quais música, artes plásticas e ênfase na elaboração de um mural coletivo e, posteriormente, realização de entrevistas semiestruturadas com esses participantes para analisar os resultados.

A escolha dos participantes pela proposta da modalidade artística “mural” foi devido a sua validade enquanto atividade coletiva, que fortalece as relações entre os participantes e suas discussões a fim de construir um objetivo comum na busca por melhores condições de vida, correspondendo ao conceito de arte utilizado nessa pesquisa, uma arte ontológica, dinâmica, que promova reflexão e contribua para o processo de aproximação com a essência humana.

Entretanto a arte deve aparecer apenas como elemento facilitador do diálogo e das trocas, sendo que os objetivos principais dos encontros precisam continuar sendo as discussões acerca da realidade social do sistema vigente, das políticas públicas e de outros assuntos que almejem a autonomia.

As atividades artísticas realizadas pelos participantes do grupo possuem caráter socioeducativo e contam com o fruir das artes, levando obras para a apreciação da população e discussões pertinentes.

Além do relatório supracitado, elaborado pela pesquisadora ao final de cada encontro a partir de suas observações, também foram realizadas avaliações com os participantes, a fim de

entender a validade da arte naqueles encontros para essas pessoas, suas contribuições e possibilidades de melhorias. Pretendeu-se assim facilitar a expressão de todos os seus integrantes que participaram do processo educativo, construído coletivamente.

Pretendeu-se com esse primeiro capítulo, apresentar a construção da pesquisa, traçando o caminho teórico-metodológico realizado. Com isso, é possível se aproximar do materialismo histórico dialético e da pesquisa participante enquanto escolhas científicas e direcionamentos para a construção da dissertação.

No segundo capítulo nos propomos a apresentar o significado social do Serviço Social e o aporte teórico metodológico que corresponde ao seu direcionamento sociopolítico e ao seu projeto ético-político, assim como demonstrar que todas as atribuições e o perfil profissional foi construído sócio-historicamente num cenário de contradições e tensões entre capital e trabalho, que expressa a questão social em seu cerne.

Caminho

Era um caminho que de tão velho, minha filha,
já nem mais sabia aonde ia...

Era um caminho

velhinho,

perdido...

Não havia traços

de passos no dia

em que por acaso o descobri:

pedras e urzes iam cobrindo tudo.

O caminho agonizava, morria

sozinho...

Eu vi...

Porque são os passos que fazem os caminhos! (QUINTANA, 2008).

CAPÍTULO 2 NO PALCO DA PROFISSÃO: A ARTE NO SERVIÇO SOCIAL

2.1 Cenário: o Serviço Social como profissão

[...] todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje [...].
Temos de saber o que fomos para saber o que seremos.
(FREIRE, 2008, p. 18).

Não buscaremos aqui explicar sobre a trajetória histórica da profissão, amplamente discutida por intelectuais como Iamaoto, Paulo Netto, Martinelli e outros, pois nosso objetivo é refletir sobre o significado social da profissão, ou seja, como ela se insere no “Conjunto das condições e relações sociais que lhe atribuem um sentido histórico e nas quais se torna possível e necessária.” (IAMAMOTO, 1997, p. 88) desde a sua gênese até o momento atual. Essa contextualização faz-se necessária pois, considerando a nossa opção pela perspectiva de análise pautada no materialismo histórico dialético, entendemos a historicidade como uma categoria essencial para a aproximação com a compreensão da realidade concreta.

Outro fator que justifica a necessidade de uma aproximação com essa temática é o de considerarmos o trabalho, com base na teoria marxista, como categoria fundante e central do ser social, um condicionante da existência humana em toda forma de sociedade, pois assim entendemos o trabalho como historicamente determinado e o ser social como componente do processo histórico e *não* apenas resultado do mesmo, ou gerada via leis naturais e/ou divinas.

Marx (2011a, Cap. I, p. 23) afirma que o homem é um ser histórico social, assim como a realidade objetiva, que traz as condições para o desenvolvimento do processo histórico: “Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.”

Com a divisão da sociedade em duas grandes classes sociais: burguesa e trabalhadora, “Se assenta diretamente na divisão do trabalho e nos instrumentos de produção.” (ENGELS; MARX, 2010a, p. 83).

A burguesia centraliza e detém os meios de produção, tornando assim muitos dependentes desse espaço e da venda de seu trabalho, concentrando a propriedade também no poder de poucos.

Marx (1982) em sua análise da acumulação original de capital, reflete sobre o desenvolvimento da sociedade capitalista no processo que cria a relação de capital que define como um processo de divórcio entre o trabalhador e a propriedade das suas condições de trabalho.

Com a concentração da propriedade, se dá também a concentração política como as leis e governos, e o domínio de componentes da sociedade como agricultura, navegação (meios de expansão constantes para avançar o globo terrestre), que garantem a ampliação e preservação desse poder. “Em menos de um século de dominação, a burguesia criou forças produtivas mais numerosas e colossais do que todas as gerações anteriores somadas.” (ENGELS; MARX, 2012, p. 49).

É no desenvolvimento da sociedade capitalista, portanto, no surgimento da sociedade privada e da conseqüente sociedade de classes, onde determinada parcela da população detém os meios de produção e outra parcela começa a vender a força de trabalho em troca de salários para sua subsistência, e atendendo aos interesses da classe dominante, perdendo, inclusive, seu reconhecimento no produto de seu trabalho e no processo de produção do mesmo, ou seja, quando o indivíduo começa a enfrentar um processo de estranhamento de seu próprio trabalho através da realização de atividades exploratórias e do trabalho abstrato, alienado e fragmentado, que surge a questão social e suas expressões começam a se intensificar.

Contudo, na mesma medida em que se desenvolve o capital e a burguesia, se desenvolve o proletariado, que só sobrevive com a venda de sua força de trabalho que, por sua vez, só é requisitada quando multiplica a o capital.

Com esse ciclo que tem na gênese a exploração dos trabalhadores, percebemos que no “Desenvolvimento capitalista é, necessária e irredutivelmente, produção exponenciada de riqueza e produção reiterada de pobreza.” (PAULO NETTO, 2007, p. 142 -143) e daí a exigência de uma profissão que amenize os conflitos decorrentes dessa realidade objetiva e de suas contradições inerentes.

A propriedade, contudo, não provém mais do trabalho, mas sim da exploração do trabalho alheio de forma legalizada e aceita ideologicamente de forma hegemônica.

Logo que este processo de transformação decompôs de alto a baixo suficientemente a velha sociedade, logo que os trabalhadores foram transformados em proletários e as suas condições de trabalho em capital, logo que o modo de produção capitalista ficou de pé, a ulterior socialização do trabalho e a ulterior transformação da terra e outros meios de produção em [meios de produção] explorados socialmente, portanto, em meios de produção comunitários, e, assim, a ulterior expropriação dos proprietários privados, ganham uma forma nova. O que agora é de expropriar já não é mais o trabalhador trabalhando para si, mas o capitalista que explora muitos trabalhadores (MARX, 2011b, p. 60).

Ainda que, muitas vezes, os trabalhadores não reconheçam a própria exploração por meio de ser velada e, conforme vimos, adequada a instrumentos de dominação política e

ideológica, a luta de classes, a luta entre proletariado e burguesia começa no momento em que essas classes são formadas.

É nesse cenário de contradição em que se germinam as inerentes lutas de classe provindas da relação entre capital e trabalho. A questão social e suas expressões, contudo, é fruto dessa relação.

Os trabalhadores contra a burguesia que o explora e as relações de produção e a burguesia contra a aristocracia, interesses contraditórios de parcelas da própria burguesia e sempre contra a burguesia de outros países (ENGELS; MARX, 2012, p. 54-55).

Contudo, a contradição e a crise são constituintes da sociedade capitalista e a luta de classes é permanente, requisitando assim intervenções e controles políticos por parte da classe dominante.

É também no desenvolvimento da sociedade capitalista que são historicamente criadas as causalidades para a gestação de um capitalismo monopolista, que vai suceder ao capitalismo concorrencial e primitivo, com maior concentração e centralização do capital, trazendo a necessidade da “exportação dos capitais” e da globalização.

Na fase do capitalismo monopolista os valores predominantes da ideologia dominante desse sistema também são fortalecidos, o individualismo e o consumismo sobressaem-se nas relações. Também foi um período que teve grandes exemplos de subumanidade com a 1ª e a 2ª Guerra Mundial, a Guerra do Vietnam, exploração intensificada dos países periféricos pelos países desenvolvidos, o nazismo e o fascismo.

No período imperial, o Estado tinha como função ser um órgão executivo dos interesses da classe dominante. Isso se manteve nessa nova era, pois, apesar dos mascaramentos de uma democracia, o papel do Estado é o de facilitar e expandir a acumulação de capital, atendendo as demandas de alimentação e fortalecimento dessa ordem societária e atendendo assim, aos interesses da burguesia.

O Estado se afasta da responsabilidade e dos gastos com a reprodução da classe trabalhadora sem prejuízo para o capital, estabelecendo um sistema de seguridade social pautado na combinação entre mercantilização de serviços sociais e o apelo à solidariedade. (GIAQUETO, 2015, p. 14).

Com o desenvolvimento do sistema capitalista e os seus constituintes, tais como: compra e venda de força de trabalho, o mais valor, a acumulação de capital e o surgimento da propriedade privada, a gênese das mercadorias, a divisão da sociedade em classes sociais, a

desigualdade social e a consequente divisão social e técnica do trabalho; o Estado surge como aparato jurídico para garantir a reprodução da ordem.

Com isso, o Estado, nesse período histórico, começa a intervir na economia e, conseqüentemente, a se preocupar com a questão social no sentido de minimizar os possíveis conflitos entre as classes sociais fundantes, ocultar e amenizar as expressões da questão social para manutenção e controle da ordem social vigente.

“Mais exatamente, no capitalismo monopolista, as funções políticas do Estado imbrincam-se organicamente com as suas funções econômicas.” (PAULO NETTO, 1992, p. 25).

Contudo, o surgimento do Serviço Social é interligado a construção da sociedade capitalista e da revolução industrial na Europa no século XIX, e a consequente exploração da classe dos trabalhadores (proletariado) por parte das classes dominantes.

A Igreja Católica, o Estado e a burguesia nesse momento começam a pensar em ações assistencialistas a fim de subordinar ainda mais o proletariado e conter possíveis conflitos decorrentes de sua exploração.

É nessas ações de controle e filantrópicas que se começa a criar espaços de atuações do Serviço Social para atender a essa demanda, ainda que em uma perspectiva bastante assistencialista.

No Brasil, já a partir do século XX, essa demanda também começa a ser enxergada pelas classes dominantes como a igreja, a burguesia e o Estado. Então surge tentativa de um Estado Social, que, para atender às demandas da acumulação do capital, onde ele começa a intervir não apenas na economia, para o fortalecimento desse sistema, mas também de forma política, com o mesmo objetivo de controlar a população e defender os interesses da classe dominante. Essas intervenções se dão na atenção para as expressões da questão social, das demandas imediatas das classes trabalhadoras, com a concessão de direitos sociais através de políticas públicas.

Contudo, as políticas públicas se mostravam prioritariamente inclinadas a desenvolver o subconsumo, mas, ainda assim, direcionadas a população trabalhadora e exigindo profissionais para atuar nesse cenário. E é assim que Paulo Netto (1992) reflete sobre o período do capitalismo monopolista nos trazendo que, nesse momento histórico, é que as causalidades, às condições históricas: sociais e político-culturais reclamaram a necessidade do Serviço Social enquanto profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho, tendo como objeto a questão social e tendo como espaço privilegiado de atuação as políticas públicas.

A intervenção estatal sobre a questão social, trouxe uma inflexão que implicou de fato no redimensionamento do Estado burguês, que

[...] joga agora uma função coesiva central, dito em poucas palavras, ampliou-se e tornou-se mais complexa a estrutura e o significado da ação estatal, incorporando-se aos desdobramentos do caráter público daquelas refrações: as sequelas da ordem burguesa passaram a ser tomadas como áreas e campos que legitimamente reclamavam, e mereciam, a intervenção da instância política que, formal e explicitamente, mostrava-se como expressão e manifestação da coletividade (PAULO NETTO, 1992, p. 30).

Segundo Yamamoto (1997, p. 92-93), a partir de 1937 a burguesia industrial aliada aos grandes proprietários rurais, se defrontam com o crescimento do proletariado urbano, percebe a necessidade de absorver esses setores e controlar os conflitos, permitindo a supremacia do poder do Estado.

O Estado, em contrapartida, amplia a legislação social, minimamente trabalhista e sindical para “Incorporar parte das reivindicações populares, ampliando as bases de reconhecimento da cidadania social do proletariado.” (IAMAMOTO, 1997, p. 92).

Também como meio de controlar o

Potencial de mobilização dos trabalhadores urbanos [...] o Estado passa a intervir não só na regulamentação do mercado de trabalho, através da política salarial e sindical, mas também no estabelecimento de uma política assistencial, intimamente vinculada às organizações representativas das 'classes produtoras'. (IAMAMOTO, 1997, p. 93).

Desta forma, o Estado promove a criação de instituições assistenciais, processo que facilita a emergência e institucionalização do Serviço Social, na ordem monopólica.

Então, o assistente social vai atender prioritariamente aos seus patronos, atuando com o setor da classe trabalhadora no sentido de “enfrentamento da questão operária” (IAMAMOTO, 1997, p. 94), buscando evitar conflitos com esse segmento da população, através de serviços sociais e assistenciais que compensavam as condições de vida precárias dessa parcela da população, devido a seus salários que insatisfaziam suas “Necessidades mínimas historicamente estabelecidas para a reprodução de suas condições de vida.” (IAMAMOTO, 1997, p. 97).

Essa intervenção do Estado de forma política e econômica, pautada pelos interesses das classes dominantes, através de instituições assistenciais e políticas públicas, requisita agentes técnicos para a sua execução. O assistente social é requisitado para prioritariamente ser executor terminal dessas políticas, intervindo dentro desse cenário de luta de classes.

É importante esclarecer, entretanto, que essas políticas públicas se constituem em estratégias de combate às expressões da questão social, no momento que essas se agravam em decorrência do desenvolvimento do capitalismo. As políticas sociais atendem, ao contrário, aos interesses das classes dominantes e da manutenção da ordem, portanto, não objetivam o enfrentamento da questão social em si. Portanto, elas correspondem às categorias econômicas e ao momento histórico que demanda essa intervenção do Serviço Social.

Como Guerra (2011a, p. 153) nos coloca: “A mesma lei geral que produz a acumulação capitalista, para o que, necessariamente, tem que produzir e manter uma classe da qual possa extrair um excedente econômico, cria os mecanismos de manutenção material e ideológica dessa classe, dentre eles, o Serviço Social” e a institucionalização da própria profissão por meio de serviços e organizações.

Neste período, o Serviço Social teve grande influência da Igreja Católica, do neotomismo²², tendo como referencia o Serviço Social europeu que “Prende-se a três fenômenos, aliás, desconhecidos no outro lado do Atlântico: uma traumática herança de experiências revolucionárias, a forte presença de uma cultura social restauradora e o peso específico da tradição católica” (PAULO NETTO, 1992, p. 106). E assim, O Serviço Social brasileiro se construiu à partir da vertente positivista, empirista e funcionalista, que buscava preparar a classe trabalhadora para o mercado de trabalho e adequá-la ao sistema vigente, através da objetivação da manutenção da ordem e atendendo aos interesses da classe dominante em conformar as classes mais desprivilegiadas de modo a conter os possíveis conflitos que são constituintes das contradições da sociedade capitalista e de atuações assistencialistas, fragmentadas, pontuais e imediatistas.

Como vimos na discussão realizada até aqui, o Serviço Social emerge das contradições e do desenvolvimento da sociedade capitalista, a partir de intencionalidades das classes dominantes [incluindo o poder político, pois “A concentração do poder econômico conduziu está conduzindo a uma enorme concentração do poder político.” (PAULO NETTO, 2007, p. 158)], e com as cobranças de maiores intervenções estatais à das pressões populares.

Portanto, as “Conseqüências da configuração da sociedade capitalista que dizem respeito diretamente à constituição do estatuto do Serviço Social como profissão. Essas

²² A corrente filosófica tomista “marca a história da filosofia e do homem até o século XVIII e começa a ser retomada no final do século XIX e início do século XX. [...] É importante apreendermos que o pensamento de São Tomás de Aquino influencia as bases teóricas do Serviço Social desde o seu início e, conseqüentemente, a Igreja Católica tem uma importante participação na constituição do pensamento e da prática dos Assistentes Sociais nesse processo. (FIGUEIRA, 2014, p. 10, 14)

conseqüências são o pauperismo, a imposição de leis aos pobres e diversos tipos de intervenção no ‘social’.” (JOAZEIRO, 2008, p. 38).

Com isso são criadas, de forma estratégica, políticas públicas à fim de conter esses conflitos e preservar a ordem vigente, com intuito de conformar a população, ao passo que o desenvolvimento econômico dentro da sociedade capitalista não consegue amenizar as expressões da questão social, ao contrário, a relação entre o desenvolvimento capitalista é refletida no agravamento das desigualdades sociais, tendo em vista que as contradições entre capital e trabalho são o cerne da sociedade capitalista e de classes.

Em suma, a gênese do Serviço Social enquanto profissão é indissociável da ordem monopólica, pois tem seus fundamentos nas estruturas da sociedade, na conjuntura social e foi no desenvolvimento do capitalismo na fase monopolista que a ação do Estado passou a ter uma intervenção sistemática frente as expressões da questão social se dá através das políticas sociais.

Portanto, essas políticas sociais podem significar avanços e o alcance a alguns direitos sociais por parte dos trabalhadores, mas também uma maneira fragmentada e pontual de enfrentamento das expressões da questão social como forma de manutenção da ordem vigente.

E as políticas sociais tornam-se, assim, um espaço privilegiado de atuação do Serviço Social, sendo possível perceber que o esta é uma profissão inserida na divisão social e técnica do trabalho, que atua de acordo com o contexto e conjuntura social, considerando o ideário da sociedade, o papel do Estado e suas intencionalidades e o momento histórico.

O processo pelo qual a ordem monopólica instaura o espaço determinado que, na divisão (e técnica) do trabalho a ela pertinente, propicia a profissionalização do Serviço Social tem sua base nas modalidades através das quais o Estado burguês se enfrenta com a questão social, tipificadas nas políticas sociais (PAULO NETTO, 1992, p. 70).

O Serviço Social é uma especialização do trabalho coletivo e resultados das necessidades e demandas sociais provenientes da “Prática histórica das classes sociais no ato de reproduzir seus meios de vida e trabalho de forma socialmente determinada.” (IAMAMOTO, 1997, p. 88) e, portanto, é dinâmica e está em constante redefinição, de acordo com a conjuntura social e histórica para atender a essas necessidades, conforme explicado anteriormente.

Com isso, é preciso compreender quais os impactos e os desdobramentos que essa profissão traz para o contexto social onde, a ordem social capitalista monopólica, onde é inserida e, conseqüentemente, a quais interesses e objetivos essa profissão vai abarcar.

Vale pontuar, com isso, que o processo de profissionalização do Serviço Social, assim, também teve distintas roupagens, com diferentes tendências no continente Europeu, Norte Americano e na América Latina.

O Serviço Social é uma profissão que, no Brasil, nasceu por volta de 1930 e, entendendo o mesmo em sua particularidade e não como fenômeno isolado, é proveniente de um movimento entre as categorias da singularidade e universalidade, pois são dimensões da realidade histórica, sendo assim, foi reflexo e resposta para as expressões da questão social que se agravavam com a evolução do capitalismo e do seu intrínseco embate entre capital e força de trabalho, onde a sociedade é separada em classes, comportando os detentores dos meios de produção e os que vendem sua força de trabalho, exercendo assim um trabalho abstrato, em troca de salários e produtor de mais valia.

Na comunidade primitiva, as forças de todos os indivíduos eram postas em comum e o produto do trabalho também era repartido em comum. Na sociedade de classes, essas forças coletivas são privatizadas e postas a serviço da exploração e da dominação dos que produzem pelos proprietários dos meios de produção. (TONET, 2013, p. 19).

O Serviço Social teve, em sua gênese, forte influência das ações filantrópicas, mas começa a ser institucionalizado no Brasil por volta da década de 40, com o surgimento de instituições assistenciais, sejam estatais ou autárquicas.

A partir da década de 1960, estudantes e profissionais do Serviço Social começam a questionar esse conservadorismo proeminente da profissão e algumas tentativas de ruptura e superação dos valores, perspectivas, e, é claro, do aporte teórico-metodológico e técnico-operativo.

No decorrer das décadas de: 1970 e 1980, esse movimento torna-se mais expressivo tendo como referência o Movimento de Reconceituação do Serviço Social Latino Americano, que discutia à eminência do positivismo e do funcionalismo na profissão e buscava apropriação da teoria marxiana e crítica propondo alteração nas dimensões teórico-metodológicas, políticas e técnico-operativas da profissão.

Heterogêneo e diferenciado, esse processo de renovação rompeu com o histórico conservadorismo do Serviço Social instaurado no subcontinente. Em suas várias correntes, a Reconceituação criticou a pseudoneutralidade político-ideológica do Serviço Social tradicional que tinha vigência entre

nós, denunciou a debilidade teórica dos seus fundamentos e demonstrou a extrema limitação dos efeitos/impactos da sua intervenção. (PAULO NETTO, 2007, p. 137).

Esses questionamentos se dirigiam à predominância de influência dos países europeus e norte americano na profissão, não permitindo assim a construção de uma identidade nacional e burocratizando a profissão. Essas influencias refletiam nas práticas profissionais, nas relações entre profissional e usuário e no direcionamento político da profissão, que se pautava na conservação dos interesses da classe dominante e na manutenção e preservação da sociedade capitalista.

Na Inglaterra, nos Estados Unidos e em diversos países da Europa as formas de enfrentamento da “questão social” se deram, a princípio, de modo incipiente e estiveram marcadas por um caráter local, todavia as alternativas de intervenção tiveram ampla repercussão nos demais países dado o caráter de urgência presente na “questão social”. (JOAZEIRO, 2008, p. 58).

Engels e Marx (2012, p. 58) nos explicita que o pensamento e a consciência são geridos na realidade objetiva e histórica e que o ideário que se constrói, desta forma, é correspondente aos interesses das classes dominantes: “O que demonstra a história das ideias, senão que a produção espiritual se transforma com a transformação da produção material? As ideias dominantes de uma época sempre foram às ideias da classe dominante.”

Nesse contexto do movimento de reconceituação foram desenvolvidos três projetos profissionais, sendo: a manutenção do conservadorismo, que busca a preservação do Serviço Social tradicional; a modernização conservadora, pensando no aperfeiçoamento do Serviço Social, mas sem rupturas ideológicas ou críticas e o projeto profissional que se pauta na ruptura com o conservadorismo.

A partir da década de 1980, institui-se, de modo mais sistemático, o debate acadêmico do Serviço Social, marcando um processo de ruptura com o conservadorismo presente na constituição da profissão. Durante esta década, o processo de rompimento com o conservadorismo gerou no interior da profissão uma cultura que reconhece a pluralidade teórico-metodológica, no entanto, fortalece a orientação marxista como direção hegemônica para o projeto ético-político profissional. Esta orientação coloca como valor central os princípios de democracia, liberdade, justiça social e dignidade humana, definidos e explicitados no Código de Ética de 1993 (BRASIL, 1997), marco significativo para a profissão nos anos 90. (BOURGUIGNON, 2007, p. 52).

Contudo, o desígnio pela ruptura com o conservadorismo agregou as primeiras aproximações com a teoria marxiana e, assim, a busca por “uma sociedade sem classes” (PAULO NETTO, 1990, p. 87).

Nesse sentido, o Serviço Social, a partir dessa intenção de ruptura com o conservadorismo, reconhece o seu compromisso com a defesa intransigente dos direitos sociais, na superação de práticas assistencialistas que traziam consigo valores de benevolência e caridade visando romper com formas meramente assistencialista, que visam somente a manutenção do sistema de produção e reprodução social.³ Portanto, nas últimas décadas o projeto ético-político profissional, hegemonicamente reconhecido pelos órgãos de representação da categoria profissional, tem sido o grande desafio, tanto no sentido de ampliar a sua abrangência no seio da categoria profissional, quando para sua materialização numa realidade totalmente adversa aos valores e princípios nele apregoados.

Com isso, já no projeto ético político profissional, construído nas décadas de: 1980 e 1990 - expressos nas Diretrizes Curriculares do Curso de Serviço Social (ABEPSS); na Lei nº 8.662, de 7 de junho de 1993 que regulamenta a profissão do Assistente Social e no Código de Ética Profissional (BRASIL, 1993), o Assistente Social é reconhecido como profissional que intervém no enfrentamento das múltiplas expressões atuando diretamente nas relações sociais de uma determinada sociedade, em determinados contextos históricos.

Esse poema do Mauro Iasi (2013) pode tornar mais sensível o conhecimento quanto ao percurso sócio-histórico da categoria profissional do assistente social:

Eis minhas verrugas,
orgulho-me em tê-las,
é parte do meu ofício
de construtor de estrelas.
Gastarei as verrugas
na lixa da prática,
queimarei as verrugas
com o ácido da crítica
e aprenderei com as marcas

³ É importante destacar, entretanto, utilizando para isso a obra de Joazeiro (2008, p. 44) que “Não pretendemos afirmar que o Serviço Social nasce da ajuda ao pobre ou desvalido, pois entendemos que o ato da ajuda, compreendido de modo isolado, não tem o poder de se converter em profissão, ou seja, não se constitui numa atividade profissional com regulamentos e normas constituidores de um campo específico de saber. Há uma importante diferença entre ajuda e profissão, a primeira remete a circunstâncias esporádicas ou emergenciais. Ao contrário, a segunda remete à distinção [...] entre conhecer e compreender. Isso significa que a profissão do Serviço Social não nasce daquela noção de ajuda ao próximo, mas sim de uma atividade concreta de trabalho ancorada em protocolos e procedimentos – normas antecedentes e, pois, conhecimentos – e na compreensão dessas normas, [re]questionando-as, o que significa que são os seus conhecimentos que são [re]questionados por essa atividade.”

que as estrelas se fazem ao fazê-las
por isso são estrelas.

Sobre o Ofício de Construir Estrelas e os Riscos das Verrugas.

2.1.1 Iluminação: Aproximações com o referencial marxista

Entendemos, assim o Serviço Social de forma contextualizada histórica e socialmente e passando por transformações a partir de lutas e reflexões por parte da categoria profissional, remoldando o direcionamento político da profissão.

Incorporando à profissão e ao referencial teórico e sociopolítico a perspectiva crítica para a análise e intervenção na realidade, a categoria profissional, através das suas entidades representativas (CFESS, CRESS e ABEPSS)⁴ constrói uma nova uma direção sociopolítica, a partir dos debates e reflexões entre estudantes e profissionais, a qual é reconhecida em seu Projeto Ético Político, a partir da década de 1990, e inclusive, em seu Código de Ética, Lei 8662/93 de Regulamentação da Profissão, aprovada em 13 de março de 1993.

[...] tal vertente consolidou a sua hegemonia no debate acadêmico, graças ao esforço de elaboração teórica de um largo elenco de autores e aos estímulos oferecidos pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS). E não só: sua influência marcante se faz sentir no sistema institucional que fiscaliza o exercício profissional, organizado na articulação entre o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS) e os Conselhos Regionais de Serviço Social (CRESS) e o exercício profissional, regulado por Lei Federal, é parametrado por um Código de Ética Profissional de caráter imperativo. (PAULO NETTO, 2007, p. 137-138).

4 **ABEPSS** - Associação Brasileira de Pesquisa em Serviço Social, é uma entidade acadêmico-científica criada em **1946, então denominada Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social, uma década após a instalação do primeiro curso de Serviço Social no Brasil, a Escola de Serviço Social da PUC-SP**. A ABEPSS promove debates e reflexões acerca da formação profissional, em nível nacional e regional e contribui pra construção do projeto ético-político profissional e acompanha permanentemente a implementação das Diretrizes Curriculares do Serviço Social. **CRESS** - Conselho Regional do Serviço Social: “Os 25 Conselhos Regionais de Serviço Social (CRESS) e as duas Seccionais de Base Estadual (Acre e Roraima) são responsáveis pelo desenvolvimento das políticas elaboradas e aprovadas pelo Conjunto CFESS/CRESS, de forma a estreitar, cada vez mais, a interação com a categoria. O envolvimento contínuo e intenso dos/as profissionais nos debates dos temas e atividades realizadas pelos CRESS é condição para o fortalecimento da dimensão político-educativa e assegura o cumprimento da agenda anualmente construída pelo Conjunto CFESS/CRESS” (CFESS, 2014). **CFESS** - Conselho Federal de Serviço Social, criado em 1950, período de regulamentação de profissões liberais no Brasil, é uma autarquia pública federal que tem a atribuição de orientar, disciplinar, normatizar, fiscalizar e defender o exercício profissional do/a assistente social no Brasil, em conjunto com os Conselhos Regionais de Serviço Social (CRESS). Para além de suas atribuições, contidas na Lei 8.662/1993, a entidade vem promovendo, nos últimos 30 anos ações, políticas para a construção de um projeto de sociedade radicalmente democrático, anticapitalista e em defesa dos interesses da classe trabalhadora (CFESS, 2014).

O Código de Ética do Serviço Social (BRASIL, 1993) explicita os princípios fundamentais da profissão consonante com o novo direcionamento sociopolítico, dentre eles os valores: de liberdade, o reconhecimento dos direitos humanos como norteamento profissional, cidadania, democracia, equidade e justiça social, participação social/popular, pluralismo e respeito às diversidades. Entretanto, chamaremos à atenção agora para os princípios a seguir:

- VIII. Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero;
- IX. Articulação com os movimentos de outras categorias profissionais que partilhem dos princípios deste Código e com a luta geral dos/as trabalhadores/as. (BRASIL, 1993).

“Nesta direção, o Código de Ética Profissional do Serviço Social preconiza a defesa do aprofundamento da democracia, enquanto socialização da participação e do poder político e da riqueza socialmente produzida.” (MARTINS, 2011, p. 53).

A partir desses princípios fica evidente o compromisso com a busca por uma sociedade livre de todas as formas exploração e dominação.

Devido a complexidade do objeto de trabalho do assistente social, fica claro o desafio por uma prática profissional comprometida com a busca intransigente pela efetivação dos direitos sociais, por uma sociedade livre de explorações e traz à tona à urgência da realização de pesquisas e estudos que possam aprimorar às intervenções profissionais em consonância com as esferas teórico-metodológica e ética profissional.

Essa concepção crítico-dialética hegemônica à formação e ao exercício profissional através dos órgãos representativos da categoria profissional - traz o compromisso com a igualdade social em seus princípios fundamentais, e não com qualquer igualdade, mas com a igualdade enquanto “A única condição capaz de propiciar a todos e a cada um dos indivíduos sociais os supostos para o seu livre desenvolvimento.” (PAULO NETTO, 2007, p. 138). E, nesse sentido, assume também um posicionamento que reconhece e legitima as diversidades das identidades dos sujeitos, considerando suas especificidades, orientação sexual, religião, etnia, cor, sexo e condição socioeconômica, ou seja, “A igualdade opõe-se à desigualdade, nunca à diferença. À diferença, o que se opõe é a indiferença.” (PAULO NETTO, 2007, p. 138).

Porém, essa vertente e o projeto ético político passa a ser hegemônico, mas não homogênea, considerando há disputas entre diferentes projetos societários consolidados por visões de homem e de mundo antagônicas.

Ressalta-se também que não é suficiente o compromisso com a busca por uma sociedade igualitária, sem ter o suporte teórico-metodológico fundamentado em uma teoria social capaz de possibilitar à análise e a intervenção nessa realidade, pois não é possível o real enfrentamento das expressões da questão social sem entender suas raízes e fundamentos e realizar mediações que possibilitem maior aproximação com essa realidade.

Para ser minimamente séria, a análise da permanência da pobreza e da desigualdade – malgrado todas as políticas, planos e programas chamados a combatê-las - tem de ser conduzida considerando que tal permanência, produto necessário da acumulação capitalista, se opera ao mesmo tempo em que se acentuam os processos de concentração da propriedade e das decisões políticas. A concentração da propriedade conecta-se diretamente aos processos de concentração e centralização de capitais que se aceleram nos últimos trinta anos – com efeito, a economia mundial atingiu um assombroso grau de concentração e centralização – sem prejuízo da continuidade da concorrência intercapitalista (PAULO NETTO, 2007, p. 157).

Ainda refletindo sobre o desafio de não reproduzir a ideologia dominante, visto que o Serviço Social atua com a reprodução das relações sociais, Paulo Netto (1992, p. 137) explicita essa necessidade de rompimento com práticas imediatistas através da teoria crítica e da perspectiva de totalidade:

[...] a possibilidade de uma teoria social veraz – isto é, que não seja um mero paradigma explicativo, um modelo reflexivo e **intelectivo** que introduz no movimento social real uma lógica e um sentido **externos** a ele, mas que, alternativamente, capture as determinações essenciais e fundamentais da sua dinâmica e as resolva na sua processualidade – é função da ultrapassagem daquela positividade.

Sendo assim, a questão social é objeto do Serviço Social, que ao longo de sua trajetória histórica, teve diferentes direcionamentos políticos e diversidade dentro da categoria profissional, tendo como marco o Projeto Ético Político, resultado da Reconceitualização da profissão, que torna-se referência hegemônica do Serviço Social contemporâneo, trazendo a perspectiva crítica para a atuação profissional.

O Serviço Social continua tendo como espaço privilegiado de atuação as políticas públicas, e enfrenta o desafio de, cada vez mais, atuar de forma crítica na execução, e alcançar também as formulações e implementações dessas políticas, para assim buscar o enfrentamento

das expressões da questão social, porém coesos na luta conjunta com outros trabalhadores em prol de uma outra sociabilidade.

O significado social do Serviço Social na divisão social e técnica do trabalho é diretamente ligado ao processo de reprodução das relações sociais e se pauta em um determinado direcionamento ético-político e em um referencial teórico metodológico que permeiam as dimensões do trabalho profissional, ou seja, as dimensões: investigativa, interventiva e socioeducativa.

Por se tratar de uma profissão que atua na dinâmica social da realidade objetiva e concreta, é necessário entender que suas determinações não podem ser dadas como provenientes de leis naturais, mas sim construídas historicamente e pensadas em suas mediações e categorias.

O Serviço Social, sendo assim, é fruto de um fetichismo que

[...] expressa-se não apenas nas políticas sociais, como, ainda, nas estruturas jurídicas-políticas nas quais o assistente social se movimenta, na forma pela qual se dá a sua inserção na divisão social e técnica do trabalho, na dinâmica que se estabelece no seu cotidiano, ou seja, nas mediações constitutivas, constituintes, constituídas e articuladas da intervenção profissional [...]. (GUERRA, 2011, p. 148-149).

Contudo, Paulo Netto (2007, p.165) compreende que os principais desafios profissionais do Serviço Social “[...] inscrevem-se no âmbito da compreensão do significado social da sua intervenção, e este significado só é inteligível se se elucidarem as condições em que as relações sociais se processam (vale dizer: produzem-se e reproduzem-se) na sociedade contemporânea.” É preciso efetivar a concepção crítica-dialético e o método materialista histórico dialético na identidade profissional e na atuação dos assistentes sociais para a busca de uma interpretação mais aproximada com a realidade social dinâmica e objetiva e alcançar, assim, maiores possibilidades também de intervenção nessa realidade.

Lukács (1978) também afirmou, nesse sentido, que a perspectiva de totalidade é necessária, inclusive para que a classe operária consiga a superação de sua condição de subjugação, através do processo revolucionário.

É nesse sentido que entendemos que toda prática é pautada e intrínseca a uma teoria, mesmo a prática que se diz neutra e isenta, já por se posicionar como neutra e isenta, contém em si uma determinada perspectiva e vertente.

No trabalho concreto, na concepção marxista de um trabalho vital ao ser social, existe uma prévia ideação que é a intencionalidade que determinará também a escolha, criação e forma de execução de uma determinada técnica.

Assim, ressalta-se que refere-se aqui ao trabalho concreto, vital para a vida humana, que é previamente idealizado para atender a uma necessidade humana, na construção e reconstrução das relações sociais e do próprio ser humano genérico, e não do trabalho abstrato, que é apenas o gasto de energias físicas e intelectuais, perdendo-se de sua especificidades essenciais, ou seja, um trabalho estranhado, que perde seu poder ideário e ao invés de possibilitar autonomia se torna exploratório.

Essas escolhas do processo de trabalho, que possuem em si intencionalidades, conhecimentos e determinações, de técnicas e procedimentos dentre diferentes alternativas é a busca de meios para a objetivação de um fim, através do processo teleológico, ou seja, escolhas pensadas para o alcance de uma determinada intervenção na realidade concreta.

Marx (1982, p. 41, Secção 2) nos diz que todo trabalho e ação tem em si um objetivo introjetado: “[...] contém um trabalho útil especial ou provém de uma atividade produtiva que responde a um fim particular.”

No Serviço Social não é diferente e essas escolhas entre diferentes alternativas já comportam em si o direcionamento ético-político/ sociopolítico e o suporte teórico-metodológico (considerando também as mediações realizadas para a elaboração dessas escolhas) profissional e os próprios meios e técnicas selecionados para a efetivação desse objetivo em um real concreto, contemplam também a esfera técnico-operativa, mostrando assim que ambas as constituintes da profissão estão em unidade, para além da complementaridade.

O sujeito transforma a natureza à partir do trabalho e o trabalho transforma o sujeito em ser social e é por isso que o trabalho abstrato e o trabalho estranhado, predominantes na sociedade capitalista, onde o sujeito não reconhece seu próprio produto e o processo de produção e o caráter reificado das relações de produção na sociedade burguesa “Complexifica-se a um nível tal que faz com que desapareça a essência real.” (GUERRA, 2011b, p. 123-124) do trabalho na construção do ser social.

As relações sociais no processo de produção capitalista passam a ser mediatizadas pelo fetichismo da mercadoria, gerador da alienação. Perdendo-se a teleologia o produto de trabalho aparece “Como se ganhassem autonomia própria, [...] o produto do trabalho humano e sua teleologia originária ficam subsumidos a uma aparente ordem natural das coisas.”

Assim, a objetivação do ser social fica invertida e o resultado da relação entre os homens aparece como relação entre coisas (PONTES, 2010, p. 62-63).

Se o trabalho assalariado extirpa toda e qualquer relação imediata entre os homens e suas condições de trabalho, dado que opera a fragmentação entre projeção e execução, materialidade e idealidade, essência e existência, recuperar a perspectiva ontológica do trabalho significa reconhecer que nas finalidades subjacentes às ações humanas residem às possibilidades emancipadoras do trabalho (GUERRA, 2011, p. 121-122).

Contudo, a teleologia e a conseqüente escolha da técnica e da forma de execução de um determinado trabalho, não garantem a previsão do resultado final, do produto, de uma atividade ou de um trabalho, pois a realidade objetiva, na perspectiva em que estamos nos propondo estudá-la, existe independente da consciência e da análise da mesma, ou seja, o pensamento existe à posteriori da realidade, e é composta por diversas variáveis, determinantes e categorias, sempre em um movimento dialético.

Entretanto, o produto final pode ser diferente do ideal devido às causalidades possíveis da realidade objetiva, criando assim uma realidade social que exige sempre novas e diversas determinações e mediações.

Os princípios ético-políticos profissionais do Serviço Social conversam com a teoria marxista, pois a profissão, quando agrega o caráter crítico que considera a sociedade em sua totalidade, encontra, no método marxista, com o eixo da negatividade, mediação e totalidade, uma maior aproximação possível com a essência, com a realidade concreta, ou seja, com o cenário de atuação do assistente social, ultrapassando assim a aparência fenomênica através de diferentes mediações.

É importante, neste momento, esclarecer que, apesar de o método marxista reconhecer a realidade concreta existente independente do nosso processo de apreensão da realidade e entender a imediaticidade e a forma fenomênica como uma das dimensões da realidade objetiva, o processo de práxis é essencial para a aproximação sucessiva da realidade, através da dialética que contempla síntese e antítese e o processo de negação da realidade aparente. Dessa forma, é possível refletir sobre aquele fenômeno através de mediações, ou seja: da singularidade e da universalidade, mutuamente, para a superação e o alcance da particularidade, que é o movimento entre singular e universal.

Considerando que não partimos de uma vertente idealista e sim crítica e materialista e, portanto, entendemos que a realidade é objetiva e concreta anteriormente à abstração do pensamento, entendemos também que é necessário determinado nível de abrangência da razão

para realizar as múltiplas mediações com as determinações dessa realidade na categoria da singularidade e da universalidade para se aproximar com uma realidade particular. Lukács (1978, p. 285) nos traduz isso quando afirma que “Se um dado fatural existe em si, ele deverá refletir-se de um modo ou de outro – na representação da realidade.”

Ou seja, o método marxista tem a “característica histórico-genética”, pois considera a legalidade histórica no processo de formação do ser social genérico e a “característica estrutural” que considera as mediações que articulam com a totalidade concreta no alcance das particularidades, e, nesse sentido, é importante ressaltar que, mesmo a estrutura não é natural, mas também um processo histórico com condições históricas e econômicas específicas de determinados momentos e espaços que podem modificar a particularidade de acordo com suas diversificações (PONTES, 2010, p. 66-67).

Conforme vimos, é importante salientar a apropriação e de um conhecimento cada vez mais aprofundado do materialismo histórico dialético para os assistentes sociais, para que consigam se aproximar cada vez mais da realidade concreta e dinâmica e intervir nela, superando a imediaticidade.

O idealismo, para o homem primitivo, enquanto perspectiva e vertente ideológica, também buscava a superação da imediaticidade, mas desconsiderando a realidade objetiva e concreta, partindo de uma lógica fragmentada e não de uma dialética dinâmica que corresponda à realidade social. Até mesmo o positivismo, que tem grande influência no Serviço Social tradicional, acredita em ordenação do sistema e na busca pelo conhecimento de maneira empirista, acreditando em verdades absolutas, o que se torna inviável ao considerarmos a realidade em seu sentido amplo, com sua dimensão subjetiva e concreta e todas as suas categorias e mediações.

Como poderíamos analisar uma realidade social, cultural, política e histórica a partir de leis naturais e deterministas? É nesse sentido que o materialismo histórico dialético traz um avanço para a profissão ao compor a práxis profissional considerando o movimento da sociedade e da realidade objetiva e, no que se refere à análise dessa realidade para sua intervenção, busca aproximações com ela, tendo em vista que não é possível compreendê-la em sua integralidade, pois o saber nunca esgota o ser que existe, por sua vez, em estado de constante mutação (LUKÁCS, 1978).

Ou seja, o Serviço Social é interventivo e suas ações precisam, portanto, atenderem a problemas concretos com soluções objetivas e para isso é necessário o conhecimento do ser social a partir de uma teoria social, da teoria marxista, para captar assim as dimensões da

realidade social, através das categorias e de mediações que busquem uma aproximação com essa realidade.

Esse arcabouço teórico dá suporte ao assistente social para uma análise da realidade social para a dimensão investigativa e interventiva da profissão, como para a dimensão da pesquisa, que é também constituinte da formação profissional, da atuação profissional e do Serviço Social enquanto ciência social aplicada.

“A pesquisa é constitutiva e constituinte da prática profissional do Serviço Social, sendo determinada pela sua natureza interventiva e pela inserção histórica na divisão sociotécnica do trabalho.” (BOURGUIGNON, 2005, p. 3).

Deste modo, quer-se demonstrar aqui como as dimensões teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-políticas do Serviço Social formam dinamicamente em si uma unidade, e que, o Serviço Social, em sua natureza profissional, dentro da divisão sociotécnica do trabalho necessita de uma teoria social que sustente suas ações na apreensão do real e no conhecimento do ser social, tendo em vista, inclusive, que o Serviço Social possui um direcionamento sociopolítico e suporte teórico-metodológico que caminha no sentido desse direcionamento e dessa intencionalidade.

Com isso, reforçamos que o Serviço Social não é uma profissão neutra e que toda prática tem em si uma teoria que já comporta um determinado posicionamento ou objetivos frente à realidade ou à matéria a ser transformada, pois toda atividade é realizada a partir de uma teleologia do indivíduo, para transformar a natureza, a si mesmo e ao percurso histórico universal.

Contudo, analisando o significado social do Serviço Social, entendemos que ele possui um direcionamento político definido para atuar frente as demandas da sociedade do capital, sejam elas do capital ou do trabalho, não podendo se eximir de uma intencionalidade política e só podendo

[...] fortalecer um ou outro polo pela mediação de seu oposto. Participa tanto dos mecanismos de dominação e exploração como, ao mesmo tempo e pela mesma atividade, da resposta às necessidades de sobrevivência da classe trabalhadora e da reprodução do antagonismo desses interesses sociais, reforçando as contradições que constituem o motor básico da história. (IAMAMOTO, 1997, p. 99).

O Serviço Social, enquanto especialização do trabalho, inserido na divisão social e técnica do trabalho e reconhecido enquanto trabalho assalariado, tem, portanto, seu significado social no processo de reprodução das relações sociais.

É importante destacar, enfim, para concluirmos, que todo esse processo de transformações na profissão é histórico e que o Serviço Social é uma profissão dinâmica em constante construção e atualização. Portanto, a profissão traçou um percurso ideológico e teórico diversificado até a contemporaneidade.

Pode-se identificar, no percurso histórico da profissão, a construção de inúmeros quadros teóricos de referência, resultantes do processo histórico-concreto, como por exemplo: o modelo clássico de Mary Richmond; o modelo psicologista; o modelo tradicional funcionalista; a perspectiva modernizadora do estrutural-funcionalismo (modelo sistêmico) inserido no estilo de pensar positivista; a perspectiva fenomenológica e a vertente de inspiração marxista. (PONTES, 2010, p. 18).

2.1.2 Camarim: As dimensões do Serviço Social

Posterior ao entendimento da gênese e do significado social do Serviço Social enquanto profissão dentro da divisão social e técnica do trabalho e, especialmente, após realizarmos aproximações com esfera da instrumentalidade profissional, pretendemos enveredar as reflexões sobre as dimensões que compõem essa profissão.

Como discutimos ao longo desse capítulo, o Serviço Social possui suporte teórico metodológico, técnico operativo e ético político, que são interligados e possibilitam ao assistente social exercer sua atuação com determinado direcionamento político, tendo em vista que nenhuma ação pode ser neutra e/ou indissociável do conteúdo ético, político e teórico.

Nesse âmbito percebemos que a prática interligada e interdependente com a teoria é o alicerce do trabalho profissional, especialmente na dimensão socioeducativa, visto que integra a ação e a reflexão, ultrapassando o fazer meramente técnico para um fazer crítico e construtivo. Guerra (2000, p. 12) ainda define a instrumentalidade como

[...] uma mediação que permite a passagem das ações meramente instrumentais para o exercício profissional crítico e competente. Como mediação, a instrumentalidade permite também o movimento contrário: que as referências teóricas, explicativas da lógica e da dinâmica da sociedade, possam ser remetidas à compreensão das particularidades do exercício profissional e das singularidades do cotidiano.

Com a compreensão desses determinantes da realidade social concreta, do ideário dominante da sociedade capitalista e das suas relações com a profissão e com a racionalidade

da profissão e considerando que os assistentes sociais e estudantes do Serviço Social são sujeitos sócio-históricos, portanto, constituintes dessa sociedade (com suas contradições e tensões), é possível refletir sobre a origem do mito que se criou de que existe uma dicotomia entre a teoria e prática na atividade profissional do assistente social.

Na dimensão da instrumentalidade, prática e teoria são indissociáveis, afinal, a escolha e execução de técnicas e instrumentais já agregam em si uma intencionalidade e, com isso, uma ideologia e teoria. Considerando a intencionalidade e o direcionamento sociopolítico da profissão, com a intenção de ruptura com o Serviço Social tradicional, fica claro o compromisso com a legitimação dos direitos sociais, o que vai requerer uma instrumentalidade que seja coerente com esses objetivos.

“Ao considerar sua prática profissional e histórica chancelada pelo inexorável, ao atribuir às teorias uma autonomia absoluta ante a prática, os agentes profissionais perdem de vista a sua particularidade enquanto ser social.” (GUERRA, 2011b, p. 184).

Entendo a práxis como essencial para a atuação do assistente social na perspectiva do materialismo histórico dialético, e com os princípios e objetivos profissionais esclarecidos, componentes da **dimensão ético-política** da profissão, é possível perceber que as **dimensões: teórico-metodológica e técnico-operativa** são intrínsecas e que não existe prática dissociável de teoria e posicionamento ideológico.

Para Iamamoto (2012, p. 418), o Serviço Social tem sido abordado “[...] em seu valor de uso social, como uma atividade programática e de realização que persegue finalidades e orienta-se por conhecimentos e princípios éticos, requisitando suportes materiais e conhecimentos para sua efetivação.”

A defesa dos direitos humanos é questão prioritária no Projeto Ético Político profissional (PEP), que imprime valores que legitimam essa função social da profissão, seus objetivos e saberes teóricos, normativos e até metodológicos.

Barroco (2004) nos explica que para objetivar os valores e princípios do PEP, tem-se essa dimensão ético política. Ética, porque supõe escolhas de valores dirigidas à liberdade e política porque busca criar condições objetivas para a vida em sociedade.

Ou seja, o Serviço Social, que tem em seu significado social a reprodução das relações sociais, necessita de uma dimensão ético política que norteie suas ações e de uma dimensão teórico metodológica e técnico operativa que, intrinsecamente, possibilitem o alcance dessa teleologia.

Essas dimensões, contudo, são indissociáveis e interdependentes, e, nesse contexto, entendemos que a dimensão socioeducativa perpassa por todas elas, ao passo que é

componente do trabalho profissional do assistente social em sua integralidade, correspondendo ao direcionamento político e social nele impresso.

Todos esses componentes que constituem a práxis profissional são composições das dimensões: investigativa e interventiva da profissão que perpassam a formação e a atuação (na práxis) profissional.

A **dimensão investigativa** é a que vai possibilitar refletir sobre as ações profissionais e analisá-las para sistematizar o conhecimento adquirido na prática profissional diretamente e/ou através de bibliografias, documentos e referenciais teóricos. A produção do conhecimento para a qualificação da profissão através de pesquisas e documentações é também parte da dimensão investigativa.

Contudo, a dimensão investigativa proporciona aprimoramento para o exercício profissional e para a formação profissional e pode se dar tanto no campo científico e acadêmico quanto na prática profissional.

Do mesmo modo, afirmam-se a atitude investigativa e a pesquisa como parte constitutiva do exercício do assistente social, vislumbram-se os requisitos para o desenvolvimento da pesquisa científica, e, finalmente, o papel da investigação da realidade na formulação do projeto de intervenção e da intervenção propriamente dita. (GUERRA, 2000, p. 1).

A dimensão investigativa no exercício profissional, pode se efetivar através do suporte técnico-operativo, através da construção de laudos, estudos sociais, pesquisas e outros instrumentos que permitam maior aproximação com a realidade social.

A dimensão investigativa também permite conhecer as determinações da realidade onde o assistente social atua e as demandas desse universo para assim desenvolver uma prática qualitativa na busca pelos objetivos profissionais previstos no código de ética.

A sistematização do conhecimento é o primeiro e importante nível de aproximação à realidade e muito utilizado para que o profissional organize seus conhecimentos específicos da sua área de atuação, seus instrumentos de trabalho e as demandas da população usuária. Deixa claros também os propósitos da ação profissional (BOURGUIGNON, 2008, p. 133).

É na dimensão investigativa que se consegue pensar e planejar estratégias de intervenção pautadas na própria realidade concreta, evitando assim cair no idealismo.

Com isso, a dimensão investigativa é, segundo a ABESS e CEDEPSS (1997, p. 67)

[...] um suposto para a sistematização teórica e prática do exercício profissional, assim como para a definição de estratégias e o instrumental técnico que potencializam as formas de enfrentamento da desigualdade social.

Contudo, a atitude investigativa e a pesquisa são constituintes do exercício do assistente social, e, é através dela, que é possível compreender a realidade social para assim intervir nela. “A necessidade de atuarmos sobre a realidade é o que nos conduz ao conhecimento.” (GUERRA, 2000, p. 4).

Essa atitude investigativa se torna componente das atribuições do Serviço Social e da identidade dessa profissão pois, como já discutimos anteriormente, o Serviço Social é uma profissão que, dentro da conjuntura social, atua diretamente na realidade de forma a materializar um direcionamento ético político que, para isso, precisa buscar aproximações com a realidade social.

Guerra (2000, p. 1) nos atenta para essa questão, explicando a necessidade da dimensão investigativa do Serviço Social e de seu reconhecimento e expressão já no processo formativo do assistente social:

[...] a necessidade de formar profissionais capazes de desvendar as dimensões constitutivas da chamada questão social, do padrão de intervenção social do Estado nas expressões da questão social, do significado e funcionalidade das ações instrumentais a este padrão, através da pesquisa, a fim de identificar e construir estratégias que venham a orientar e instrumentalizar a ação profissional, permitindo não apenas o atendimento das demandas imediatas e/ou consolidadas, mas sua reconstrução crítica.

A dimensão interventiva é o princípio formativo da profissão onde acontece a atuação direta do assistente social na realidade objetiva, concretizando os princípios éticos e políticos profissionais ou reproduzindo valores da ideologia dominante. É onde o profissional vai imprimir suas intencionalidades, exercendo a práxis profissional.

É na dimensão interventiva que o projeto profissional não se faz utópico e se mostra possível, mesmo com as limitações e condições concretas, causalidades universais, que podem interferir nessa atuação, o assistente social é um sujeito atuante na história, e pode intervir na realidade social.

Esse processo, é claro, não é individual, é uma luta não apenas da categoria, mas que deve ser compartilhada com todos os segmentos que compartilham o mesmo direcionamento político.

Além disso, esse processo também não é rápido, é processual e parcial, mas não podemos perder o direcionamento do projeto ético-político profissional hegemônico na profissão, ou seja, a busca por uma nova ordem societária mais justa e igualitária.

Nesse sentido, na dimensão interventiva é necessário recriar estratégias, recriar as mediações que possibilitam o percurso da teoria até a prática profissional e sempre produzir novos conhecimentos para tal, através também da dimensão investigativa.

Perpassando pela esfera interventiva e investigativa, estão, porém, a dimensão ético-política, que traçará o direcionamento das ações profissionais, a técnico-operativa, que diz respeito a instrumentalidade profissional conforme já discutido neste texto e a teórico-metodológica, com os elementos que vão fundamentar a ação profissional a partir de um referencial, como vimos aqui no caso do Serviço Social contemporâneo, pautado no método do materialismo histórico dialético.

É possível perceber que as dimensões profissionais estão mais que interligadas, são indissociáveis, e possuem unidade entre si, ainda que em movimento e com relativa autonomia.

Feitas essas apresentações, podemos começar a refletir sobre a **dimensão socioeducativa** do Serviço Social, que permite, a partir da instrumentalidade profissional em consonância com o projeto ético político, efetivar, dentro da dimensão interventiva, os objetivos profissionais.

2.1.3 Protagonizando: A dimensão socioeducativa

A **dimensão socioeducativa** é de caráter imanente da profissão, ao passo que contribui para o rompimento com o ideário burguês ou o reproduz, condição que depende do direcionamento sociopolítico e da intencionalidade dos profissionais.

Além de atender as demandas emergenciais e materiais da profissão e da requisição da profissão na sociedade, o assistente social supera essas atividades exercendo sua função socioeducativa, sem, é claro, desmerecer a emergência e a necessidade dessas demandas.

As demandas emergenciais e imediatas são, então, necessárias, urgentes e passíveis de atuações amplas, servindo, inclusive, como primeiros passos para ações de caráter socioeducativo.

Sendo assim, entendemos que a dimensão sócioeducativa perpassa toda a ação profissional, sendo indissociável, e possibilitando que a atuação busque seus reais objetivos, evitando assim práticas assistencialistas e/ou pontuais e descoladas.

É importante, nesse momento, lembrar que mesmo práticas assistencialistas não são dissociáveis de um suporte teórico e de intencionalidades e que, portanto, as ações

profissionais não são neutras e sempre possuem caráter educativo, seja na busca pelo rompimento ou na manutenção do ideário dominante.

Tendo em vista que o requerimento do Serviço Social foi justamente no sentido de conter as tensões provenientes do embate capital/trabalho, o Serviço Social tradicional possuía uma dimensão socioeducativa no sentido de fortalecer o ideário dominante e promover a adequação do indivíduo ao meio social, de maneira acrítica, pautada numa vertente positivista e tecnicista, portanto atendendo a uma racionalidade instrumental.

Como já discutimos anteriormente, o Serviço Social não superou integralmente essa vertente, constituindo assim como um desafio real o rompimento com práticas conservadoras e a busca pela efetivação da concepção crítico-dialética.

Ao visar à ordem social, a dimensão educativa imprimida pelos assistentes sociais que comungam com a vertente conservadora, são pautadas num objetivo disciplinador com uma relação verticalizada com os sujeitos e com ações fragmentadas. O indivíduo, nesse caso, é culpabilizado pelas expressões da questão social que se manifestavam em sua vida social e as expressões da questão social são psicologizadas e individualizadas.

Essa dimensão educativa disciplinadora e moralizadora, priorizada no Serviço Social tradicional, era realizada por procedimentos de adaptação do indivíduo, promoção e controle de higiene, saúde e educação, que eram realizados pelas “visitadoras sociais”. “Ações com perspectivas de melhoria do nível de higiene e saúde das demandas e de sua educação cívica eram também tidas como socioeducativas.” (ELIAS; OLIVEIRA, 2008, p. 65-66).

Freire (1987) nos aponta quanto a educação bancária, uma educação dominadora e disciplinadora, que baseia-se na transmissão de conteúdos formados por intencionalidades objetivas, como se os educandos do processo fossem meros receptores e não sujeitos desse mesmo processo e da realidade. É a transposição de informações e valores, que não reconhecem a realidade e os conhecimentos dos sujeitos desse processo de conhecimento, a fim de reproduzir um ideário dominante, ou seja:

Quem pode pensar sem as massas, sem que se possa dar ao luxo de não pensar em torno delas, são as elites dominadoras, para que, assim pensando, melhor as conheçam e, melhor conhecendo-as, melhor as dominem. Daí que, o que poderia parecer um diálogo destas com as massas, uma comunicação com elas, sejam meros "comunicados", meros "depósitos" de conteúdo domesticadores. A sua teoria da ação se contradiria a si mesma se, em lugar da prescrição, implicasse na comunicação, na dialogicidade. (FREIRE, 1987, p. 740).

A dimensão socioeducativa se torna ainda mais imprescindível e constituinte da identidade profissional hegemônica do Serviço Social, ao passo que, com a intenção de ruptura e o processo de renovação a partir da década de 1980, possui como direcionamento e projeto ético político o compromisso com a efetivação dos direitos sociais.

Quando se intenta romper com o conservadorismo originário da profissão, defender intransigentemente direitos sociais e, principalmente, buscar uma sociedade igualitária e livre de qualquer tipo de exploração e opressão, inclusive de classes, reconhecendo as contradições e tensões da sociedade capitalista, é necessário uma atuação que intente objetivos que, claramente, são coletivos e sociais, e não da esfera da individualidade profissional ou captam meramente as demandas singulares dos usuários dos serviços sociais.

Contudo, a atuação do assistente social ganha substância na dimensão socioeducativa, pois é presente na identidade profissional seu significado social e papel enquanto produtora e reprodutora social.

Quando o objetivo da dimensão socioeducativa é buscar o conhecimento da realidade de forma processual e democrática, é inviável pensar outras maneiras de se construir a relação com os usuários que não a baseada em uma pedagogia crítica, que ultrapasse os idealismos e busque alterações reais na sociedade. Pressupõe, portanto, uma relação horizontal, onde os sujeitos construam junto com os profissionais o conhecimento, a reflexão e as possibilidades de ação na vida social, considerando que todos os participantes desse processo compõem a classe trabalhadora e são, igualmente, sujeitos sociais – instituídos e instituintes, portanto com potencial de transformação do espaço socio-histórico onde vivem.

Nesta perspectiva, a dimensão socioeducativa imprimida pelo assistente social em sua atuação, na perspectiva crítica “Incentiva a organização popular e, assim, pode contribuir para o fortalecimento de uma consciência revolucionária e de uma materialidade da ampliação da cidadania.” (SANTOS, C. M., 2012, p. 49).

A dimensão socioeducativa ganha também nossa atenção por ser fundamentada pela categoria de mediação, como veremos no próximo capítulo, pois desvela a realidade social aproximando-se do conhecimento da totalidade dos fenômenos, permitindo assim a intervenção nessa realidade. Ou seja, é a partir desse desvelamento, desse conhecimento das contradições e determinações da sociedade, que os sujeitos sociais se elevam em sua gênese humano genérico e amplia a sua consciência. O processo educativo democrático e transformador, contudo, é proveniente desses conhecimentos e aproximações com a realidade social.

Partindo desse pressuposto, a intervenção profissional do assistente social na contemporaneidade precisa estar fundamentada por um suporte teórico-metodológico em consonância com seu projeto ético-político e, intrinsecamente, que subsidie sua dimensão socioeducativa. É preciso, então, pautar-se na Teoria Social de Marx para reconhecer e revelar as contradições e estruturas da sociedade capitalista.

Assim, é preciso superar as ações de caráter coercitivo e vertical dissimuladas pela dimensão educativa conservadora, que reproduz o ideário dominante com objetivo de conter as classes trabalhadoras e fortalecer a dimensão educativa, subsidiada por uma pedagogia libertária, uma pedagogia que objetive a autonomia de todos os participantes de seu processo.

Nenhuma pedagogia realmente libertadora pode ficar distante dos oprimidos, quer dizer, pode fazer deles seres desditados, objetos de um “tratamento” humanitarista, para tentar, através de exemplos retirados de entre os opressores, modelos para a sua promoção. Os oprimidos não de ser o exemplo para si mesmo, na luta por sua redenção. (FREIRE, 1987, p. 22, grifo nosso).

Portanto, a dimensão socioeducativa da profissão deve ultrapassar o caráter de transmissão de informações e possuir um potencial transformador da visão de mundo cristalizadas pelo racionalismo burguês e instrumental, que vai influir na consciência coletiva e na objetivação de uma sociedade igualitária. “Por grande que seja a força condicionante da economia sobre o nosso comportamento individual e social, não posso aceitar a minha total passividade perante ela.” (FREIRE, 2000, p. 53).

É importante, neste momento, também ressaltar que as práticas educativas são constituintes do movimento histórico, não ocorrem portanto, de forma abrupta e finalizada. Como já iniciamos a discussão acima, todo processo de conhecimento é contínuo, e perpassa pela busca da apreensão da realidade e de sua essência a partir da negatividade da realidade aparente, da abstração desse imediato, das múltiplas mediações realizadas com esse fenômeno aparente, e do retorno para essa mesma realidade objetiva agora através de um concreto pensado.

Para não correremos o risco novamente de cair num messianismo, tendo em vista que a realidade é dinâmica e dialética, é preciso reconhecer que esse processo é contínuo, mutável a partir das determinações da realidade em que ocorre e de uma práxis profissional.

Críticos seremos, verdadeiros, se vivermos a plenitude da práxis. Isto é, se nossa ação involucra uma crítica reflexão que, organizando cada vez o pensar, nos leva a superar um conhecimento estritamente ingênuo da realidade. Este precisa alcançar um nível superior, com que os homens

cheguem à razão da realidade. Mas isso exige um pensar constante, que não pode ser negado às massas populares, se o objetivo visado é a libertação. (FREIRE, 1987, p. 73-74).

Vale salientar que a dimensão socioeducativa perpassa todo o fazer profissional, pois dentro da dimensão interventiva, todas as ações profissionais interferem no modo de vida e no modo de ser dos sujeitos que compõem a sociedade. Sendo assim, todas as ações profissionais vão inferir na ruptura, através da potencialização da autonomia dos sujeitos, ou na manutenção do ideário dominante, “Por meio dos efeitos da ação profissional na maneira de pensar e agir dos sujeitos envolvidos nos processos da prática.” (ABREU, 2002, p. 17).

Então, as atuações do assistente social, como vimos, são intrinsecamente educativas (de forma crítica ou conservadora), vão corresponder à dinâmica da sociedade e às causalidades objetivas e universais, considerando o modo de produção da ordem vigente, os processos históricos, interesses econômicos e políticos, objetivos profissionais e um determinado ideário.

Além disso, lembrando que o assistente social atua com as relações sociais e humanas, sua intervenção socioeducativa tem que reconhecer as ações e interesses dos próprios sujeitos que são usuários, mas também atores dos serviços sociais, enquanto sujeitos sociais. Assim, o fim imediato do trabalho profissional do assistente social é, segundo Pontes (2010, p. 72) de transformar a consciência de outros sujeitos ou da sociedade e o resultado não depende só dos assistente sociais envolvidos, mas também dos usuários (outros atores sociais) que também tem suas alternativas e finalidades, alterando o resultado concreto.

Visto isso, lembramos que é ainda um desafio romper com práticas disciplinadoras, verticais e tecnicistas que se pautem em valores tradicionais ou na manutenção da ordem e buscar práticas socioeducativas que permitam atender aos objetivos éticos e políticos profissionais de promover reflexões críticas e autonomia e de romper com a burocratização da relação entre usuário e profissional, e profissional, destacamos um item importante previsto no Código de Ética (BRASIL, 1993, Título III, Cap.I):

Art. 5º São deveres do/a assistente social nas suas relações com os/as usuários/as:

[...]

g- contribuir para a criação de mecanismos que venham desburocratizar a relação com os/as usuários/as, no sentido de agilizar e melhorar os serviços prestados.

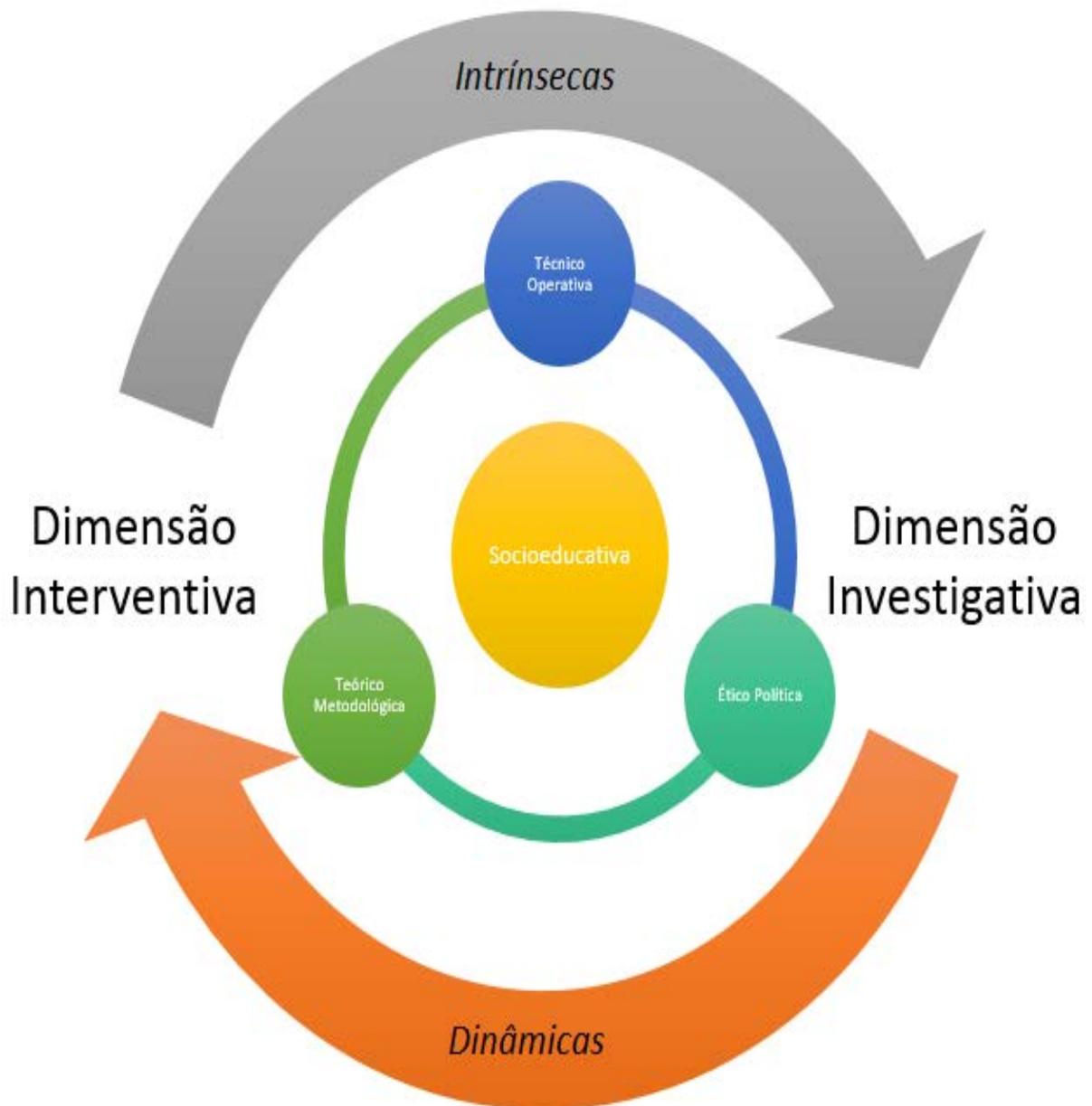
Esse desafio ainda é real tanto por condições objetivas e determinações da realidade social e do ideário dominante, pois qualquer ação que vislumbre estratégias de mudança e reconhecimento da realidade é uma ação que parte da negação da realidade posta e construída historicamente. Também reforça a dificuldade de alguns profissionais em realizarem suas ações socioeducativas dentro de uma perspectiva de totalidade e crítica, considerando as reais limitações institucionais, as burocratizações, as normatizações e cerceamentos da liberdade e da autonomia profissional em alguns espaços de atuação. E, por fim, a complexidade do objeto de trabalho do Serviço Social, dentro de uma ordem vigente que o tem como base, torna-se bastante desafiador. Somado a isso, o não aprofundamento ou não aproveitamento da Teoria Social de Marx, o não entendimento da práxis profissional, assim como o não “aprimoramento profissional de forma contínua” (BRASIL, 1993), também contribuem para uma prática conservadora e impedem ações socioeducativas democráticas, horizontais, pautadas na objetivação do incentivo a autonomia dos sujeitos sociais.

Ao buscarmos, entretanto, pautados pela instrumentalidade profissional e pelos suportes teórico-metodológicos, técnico-operativos e pelas análises provenientes da dimensão investigativa, uma intervenção crítica com os sujeitos usuários e atores dos serviços sociais, efetivamos a interrelação entre as dimensões da profissão dentro da identidade profissional, de modo que a dimensão interventiva e investigativa sejam compostas pela dimensão socioeducativa que vai perpassar e se constituir intrinsecamente as dimensões teórico-metodológica, técnico-operativa e ético-política, sendo estas indissociáveis.

No esquema a seguir esta relação fica ilustrada, e podemos ver, também, a dimensão socioeducativa no centro, constituindo-se como a essência da profissão, pois é através dela que se objetivarão os princípios ético-político profissionais, pois:

O trabalho socioeducativo que objetiva entre outros aspectos construir juto com as classes trabalhadoras a possibilidade de outra sociabilidade, ressaltando-se a dimensão coletiva, onde os sujeitos são partícipes da elaboração, execução e avaliação de todas as ações desenvolvidas. (GIAQUETO, 2015, p. 114).

ILUSTRAÇÃO 2: Esquema das Dimensões do Serviço Social



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos

Com a efetivação dessa práxis profissional, é possível superar sucessivamente os entraves e desafios profissionais, caminhando cada vez mais para uma atuação correspondente às “[...] conquistas emancipatórias da classe trabalhadora e de toda a humanidade – base do projeto ético-político profissional alternativo do Serviço Social, consolidado, nos anos de 1980 e 1990.” (ABREU; CARDOSO, 2009, p. 1).

E nessa práxis profissional, para a superação do desafio de efetivar o projeto ético-político profissional no trabalho profissional do assistente social se pressupõe também

[...] romper obstáculos, planejar estratégias, articulando forças com outros profissionais envolvidos no cenário das instituições (políticas públicas e privadas) para enfrentar a radicalidade das questões sociais e assim defender a vida humana acima de tudo. (MARTINS, 2011, p. 54).

2.2 Primeiras cenas: A mediação e o Serviço Social

Ainda no intuito de conhecermos o Serviço Social enquanto profissão, já feitas algumas aproximações com sua gênese e natureza, neste item pretendemos compreender a categoria teórico-metodológica da mediação e sua contribuição para a atuação profissional do assistente social.

2.2.1 Atrás das coxias: A categoria ontológica de mediação

Adentraremos nessa reflexão trazendo a conceituação sobre as racionalidades, para entendermos em qual nos pautamos ao pensar nas categorias e então abordaremos a concepção ontológica da categoria de mediação.

A racionalidade é um conjunto de formas de ser, pensar e intervir em uma determinada realidade sócio-histórica. É um sistema de leis que decorrem da ação humana, da historicidade e das contradições da sociedade, e não de maneira natural ou divina.

Existem diferentes tipos de racionalidades, conforme veremos a seguir:

- Racionalidade Formal Abstrata: grau de abrangência da razão que se limita apenas à análise da realidade, que só reconhece as formas fenomênicas, a aparência imediata e o desenvolvimento de um racionalismo formal abstrato tem seu desenvolvimento nas diferentes expressões da organização burguesa. O racionalismo formal abstrato, que tem na racionalidade formal abstrata um paradigma como se fosse a única forma viável de razão, “Encontra seu substrato nos processos e relações que se estabelecem no/pelo trabalho nas formações socioeconômicas capitalistas.” (GUERRA, 2011, p. 122).

- Racionalidade Instrumental: conjunto de formas de ser baseadas na manipulação. Também produz instrumentais e práticas imediatas e limitadas, que não ultrapassam a imediaticidade. Essa racionalidade, por ser funcional à sociedade capitalista, se torna hegemônica na ordem burguesa.

A razão, por sua vez, para Hegel, é a promoção da autonomia do indivíduo, a realização da liberdade do homem, pois é a supressão das contradições da realidade, quando ele supera o aparente na interpretação dessa realidade, através do processo de negação da negação, rompendo com a aparência imediata num primeiro momento (1ª negação), com a intuição sensível, e superando esse “entendimento subjetivo e finito” no processo da 2ª negação. A razão seria, portanto, sempre dialética e o nível mais alto da racionalidade. Assim, a:

- Razão crítica dialética: supera a perspectiva imediata de interpretação da realidade, pois busca conhecer a essência, a substância do fenômeno, através das categorias da universalidade, singularidade e particularidade, alcançando assim a maior proximidade com a realidade concreta e com a particularidade. A realidade é vista como objetiva e concreta, passível de aproximações com suas dimensões e determinações. As causalidades objetivas interferem no fenômeno histórico.

Os diferentes graus de abrangência da razão caracterizam-se como um marco na filosofia, pois transpassam a centralidade da razão divina para o sujeito, considerando a consciência e a autonomia do sujeito social, quando ele mesmo é ator para determinar suas ações e comportamentos.

Contudo, a racionalidade formal abstrata e instrumental são graus de abrangência da razão, dimensões que contribuíram para o processo científico e para o desenvolvimento sócio-histórico e do conhecimento, mas por si própria e, em suas contradições geram seu próprio fim.

Assim, Marx afirmou sobre o desenvolvimento do próprio sistema capitalista: são superadas com a razão dialética que é proveniente do processo de conhecimento através do processo de análise que incorpora a negatividade e a contradição, ou seja, é proveniente do processo que nega o aparente para buscar, pelo conjunto de mediações, a superação da forma fenomênica e alcançar maiores aproximações com a realidade e com a essência, perpassando pelo movimento das categorias da universalidade, singularidade e então da particularidade.

Sendo assim, a razão dialética é substantiva (objetiva a aproximação com a substância) e emancipatória e baseia-se em uma perspectiva de totalidade, buscando a essência do fenômeno através da totalidade, da mediação e da negatividade. A razão dialética reporta-se a uma lógica objetiva dos processos sociais, reconhecendo que eles existem independentemente da consciência humana, mas entretanto, possuem condições à partir da própria razão dialética de reconstruí-los pela via do pensamento, a partir da negação, das mediações e do afastamento da realidade para posterior caminho de volta e aproximação com a essência, ou seja, “A universalidade, particularidade e singularidade, enquanto formas de ser da realidade social, convertem-se em categorias lógicas da reflexão sociológica.” (GUERRA, 2011, p. 86) e, no caso, do Serviço Social enquanto ciência social aplicada.

A dialética de Marx diferencia-se da dialética Hegeliana pois, considera a realidade objetiva enquanto priori, ao passo que Hegel se pauta num idealismo e logicismo, considerando que tudo que é racional é real. A noção Hegeliana de totalidade é a de uma relação entre finitude-particularidade e infinitude-universal (PONTES, 2010, p. 51) e limita-se no reconhecimento do ser enquanto natural, na busca pela infinitude imanente e assim superação de sua finitude, sem considerar o movimento entre singular e universal em constante transformação através das mediações que tem origem na negatividade, para a superação da imediatividade pela particularidade, e a historicidade na formação do ser social, objetivo e concreto.

Reduzir a razão dialética ao intelecto é pensar que nos limitamos ao aparente e não somos capazes de buscar a essência, ficando apenas no fenômeno.

A filosofia Hegeiana, contudo, “Move-se dentro de certa unidade, determinada pela ideia do sistema de ontologia, lógica e teoria do conhecimento, o momento em que põe a si mesmo, uma semelhante unificação, tendendo mesmo a fundir esses elementos.” (LUKÁCS, 2012, p. 281-282).

Deste modo, coloca as conexões da realidade e do ser social sobre a base de esquemas lógicos, não alcança a dialética, o movimento dinâmico entre as categorias no sentido de aproximação com a realidade, onde “O pensamento que se eleva do intelecto à razão pode captar a essência, com as determinações reflexivas.” (LUKÁCS, 2012, p. 81).

A historicidade de todo ser social é uma determinação ontológica, e a razão crítica dialética, contudo, através da negatividade da realidade aparente e do reconhecimento da contraditoriedade, é capaz de romper com a imediatividade, fazendo isso a partir de aproximações e mediações com as categorias da universalidade, singularidade e particularidade.

Para que se possa dar continuidade as análises, uma explicação sobre essa tríade:

- A Singularidade: está na esfera das situações isoladas, fragmentadas. Normalmente o que nos aparece no imediato, carente de mediações.
- A Universalidade: está na esfera das determinações universais, do que é amplo, macro, estrutural.
- O Particular provém então, da mediação entre a legalidade da realidade, que está na categoria da universalidade, compondo a maior possibilidade de generalização do fenômeno e a singularidade, que contempla as atividades e ações específicas dos sujeitos sociais em determinada realidade.

Então, essa tríade é indissociável e dialética. As mediações entre uma categoria e outra são intermináveis e complexas.

As categorias, para Marx (2008) são formas de ser, determinações da existência. E Lukács (2010, p. 257) nos traz que a existência, o ser, para Marx, é:

[...] ao mesmo tempo ser-objetivo, e a objetividade é a forma primordial concreta e real de cada ser, conseqüentemente de todo nexos categorial, que depois costumamos transportar para o pensamento como sua generalidade e expressar como a generalidade de seu ser-determinado; a generalidade não é nada mais nada menos que em primeiro lugar uma determinação do ser exatamente como a singularidade, e só porque ela, tanto quanto a singularidade, existe e opera no ser mesmo como determinação da objetividade, pode tornar-se – reproduzida pela consciência – um momento fecundo no pensamento.

Ou seja, a mediação em face da totalidade, para Hegel, é lógica, é a articulação entre as partes na sua ação recíproca com o todo, enquanto que, para Marx, a mediação enquanto categoria dialética é ontológica, pois constitui os processos reais e concretos e não **apenas** reflexivos e do pensamento. A mediação seria, assim, proveniente da negatividade da realidade imediata, onde os processos da totalidade são dinâmicos e onde o motor desse movimento é a negatividade (PONTES, 2010, p. 55-57).

Esse processo do método marxista, como indica Pontes (2010, p. 51) vai nos explicitar como ocorre, a partir do eixo do núcleo racional, as categorias: Totalidade, Negatividade e Mediação, que possibilitam a investigação e a intervenção na realidade a partir de uma perspectiva crítica de negação do fenômeno aparente e a busca pela aproximação com a essência e com a realidade objetiva através de mediações.

A busca pela superação do aparente e alcance da essência de um fenômeno é sempre processual, pois as determinações de uma realidade são complexas, múltiplas e as mediações com essas determinações, intermináveis.

Lukács (2010, p. 91) nos traz, pois, que “como sempre na vida social, um fenômeno tão importante da vida cotidiana nunca se limita em si mesmo. Uma série ininterrupta de mediações conduz daqui às mais importantes decisões da vida humana.”

Para Pontes (2010, p. 78) “As mediações são expressões históricas das relações que o homem edificou com a natureza e conseqüentemente das relações sociais daí decorrentes, nas várias formações sócio-humanas que a história registrou” com a legalidade histórica e a construção do ser humano genérico.

Assim, a mediação é o lócus da dialética da tríade: universalidade- particularidade- singularidade (A universalidade, com as determinações gerais da legalidade histórica e as singularidades casuais).

O particular contempla um complexo interminável de mediações entre o singular e o universal. Lukács (1978) nos traz que a particularidade é um campo de mediações onde a legalidade histórica universal se singulariza, simultaneamente e interrelacionadamente ao passo em que a imediaticidade do singular se universaliza.

As mediações com as múltiplas determinações da realidade, portanto, são intermináveis e permitem, processualmente, aproximações sucessivas com a essência dessa realidade e a superação de sua aparência imediata.

A categoria mediação é também ontológica e reflexiva e são reflexos das formas de ser (racionalidade), ou seja, a razão recria as categorias que estão presentes na estrutura do ser social e na realidade concreta, que existe, conforme a perspectiva materialista, independente do pensamento.

Pontes (2010, p.41) define que a categoria mediação é ontológica e reflexiva, explicando da seguinte forma:

[...] ontológica porque está presente em qualquer realidade independente do conhecimento do sujeito; é reflexiva porque a utiliza a razão para ultrapassar o plano da imediaticidade (aparência) em busca da essência, necessita construir intelectualmente mediações para reconstruir o próprio movimento do objeto.

Para Marx, a realidade é concreta e existe independente de nossas interpretações, mas ela é recriada a partir das mediações que fazemos dessa realidade, que são, do mesmo modo, ontológicas e reflexivas.

Com isso, entendemos que a mediação é um componente estrutural do ser social (PONTES, 2010, p .77) enquanto ser humano genérico, produto das relações que estabelece com a natureza e o meio, em suas relações e intervenção na natureza e com outros seres humanos. Afinal, o homem é resultado do processo histórico, mas esse processo histórico é também fruto da ação do homem, que acontecem através das mediações.

Portanto, para Marx, a mediação ultrapassa o idealismo e a acidentalidade, como se fosse natural e determinada, mas é constituinte da ação da análise e ação do homem com o todo concreto.

As mediações, assim, são necessárias para a construção da legalidade histórica, das formações sócio-históricas, pois é através dela que o homem transforma a natureza, a sociedade e a si mesmo e consegue se elevar enquanto ser humano genérico.

2.2.2 Ribalta: A categoria teórico-metodológica da mediação no Serviço Social

A tríade supracitada: universalidade, singularidade, particularidade são compreendidas no processo de apreensão e ação na realidade, e estão presentes na atividade profissional que se pauta na perspectiva materialista histórica dialética em todas as dimensões da profissão, seja na investigativa ou na interventiva, possuem, então, duas conceituações: as categorias ontológicas são as que estão presentes na realidade a priori do pensamento e as categorias reflexivas, que não expressam formas de ser, sendo assim estruturas lógicas criadas pela razão, são potenciais no conhecimento do real, mas estão intrínsecas especialmente à imediaticidade, pois são carentes de mediações.

Superar o imediato é uma ação da mediação que tem origem no reconhecimento da contradição e na negação dessa realidade e, com isso, entendemos a categoria mediação para o Serviço Social como essencial para o desvelamento das expressões da questão social em seu cerne, nas relações do homem com a natureza e com outros homens possibilitando assim a construção de estratégias para seu enfrentamento.

Ao longo deste item será explanado sobre a relação da categoria de mediação no Serviço Social nas dimensões interventiva e investigativa, que são interdependentes.

A prática profissional também é interdependente e intrínseca à teoria e ao direcionamento ético e político profissional.

Se é no cotidiano profissional do assistente social que a sua instrumentalidade se materializa, desse mesmo cotidiano emergem mediações que lhe requisitam níveis de racionalidade mais elevados. A

negatividade, enquanto um modo de ser da realidade, explicita-se na relação teoria/prática. (GUERRA, 2011, p. 184).

Como já vimos, a dimensão ético política e teórico metodológica é indissociável da técnico operativa, o que em conjunto vai se materializar na prática profissional, mesmo porque “O conhecimento ligado à prática cotidiana se fixa em qualquer ponto, a depender de suas tarefas concretas e práticas.” (LUKÁCS, 1978, p. 159).

Partindo desse pressuposto, ao ultrapassar a supervalorização de um tecnicismo que é constituinte do ideário dominante, da racionalidade formal-abstrata e buscar práticas que atendam ao projeto ético político profissional e o seu direcionamento e intencionalidade na vertente crítica, o Serviço Social constrói, historicamente sua instrumentalidade própria e específica.

Para entender esse processo, é preciso esclarecer também que, ainda que a teoria caminhe para a ruptura com o conservadorismo profissional, não é determinante que a prática caminhe nesse sentido, pois a teoria não se transforma, não se traduz em prática, assim como a prática não se traduz em teoria.

Então, é equivocada a frustração quando uma prática profissional não alcança os objetivos propostos, pois a teoria nos permite realizar a ideação para o alcance desses objetivos e é com essa ideação que se constroem as ações e escolhas das técnicas e estratégias da atuação profissional que vão caminhar nessa direção, porém não traz a certeza que haverá a transformação dessa realidade social.

Porém, como a teoria não é um mero manual de procedimentos, o resultado dessas estratégias nem sempre é o esperado, pois as ações do Serviço Social são pautadas numa perspectiva teórica e num objetivo político, mas encontram diversas condições objetivas e causalidades que trazem a necessidade de repensar sempre a prática profissional, a partir das determinações e mediações encontradas.

Contudo, a categoria de mediação é necessária para a busca do conhecimento da realidade social que deve ser sempre recriado, ao passo que a realidade não é estática. Reconhecer as limitações e as mudanças que nossa atuação pode encontrar durante o percurso, provenientes dos determinantes da realidade social, pode evitar que os assistentes sociais caiam no fatalismo ou messianismo⁵.

5 Yamamoto (1998) utiliza dos termos messianismo e fatalismo na obra: “O Serviço Social na contemporaneidade: Trabalho e Formação Profissional”, como um dilema presente, e a ser superado, na profissão.

“O decifrar da realidade, isto é, do processo de produção e reprodução da sociedade capitalista, por intermédio das informações, dos conhecimentos propiciam o processo de transformação das práticas conservadoras.” (MARTINS, 2011, p. 50)

Como toda prática exige em si uma teoria, mas que não se descolam, não se transformam uma em outra, pois uma nunca pode existir nem anular a existência da outra.

Contudo, a teoria não é mais importante do que a prática e nem o inverso no processo do conhecimento e da intervenção na realidade.

A teoria, dentro da práxis almejada pelo Serviço Social contemporâneo, traz consigo suportes para uma interpretação da realidade e para a escolha de métodos e técnicas, para a ideação de uma atividade, ou seja, ultrapassa e muito a mera sistematização de técnicas, como era requerido do Serviço Social tradicional.

Tendo em vista que a concepção crítica-dialética que se materializa no Serviço Social na contemporaneidade rompe com a racionalidade instrumental e com a exigência de práticas acríicas, singulares, reduzidas às técnicas e conhecimentos formais, normativos e jurídicos, precisa de uma teoria que também ultrapasse esses pressupostos.

A prática e a teoria, partindo da perspectiva do método marxista, são mais que complementares, se constituem em uma unidade de movimento e a perspectiva teórica crítica permite ao profissional a investigação, a interpretação da realidade na busca pela essência fenomênica, assim facilitará a intervenção direta com a realidade.

Contudo, um embasamento pautado apenas em normativas e sistematizações de ações, jamais permitiria uma atuação crítica, que se movimenta de acordo com a realidade objetiva e dinâmica onde é executada.

É nesse sentido que percebemos que a dimensão da instrumentalidade profissional não pode se dissociar da dimensão teórica, que estão interligadas em uma práxis de intervenção e investigação, e que essa instrumentalidade está muito além da mera execução de técnicas singulares.

Sendo assim, consideramos a práxis profissional como constituinte de um movimento quando se origina das determinações da realidade objetiva e interventiva, a partir de seus direcionamentos, na realidade concreta.

Isso é decorrente do método marxista, que traz na categoria das mediações a possibilidade de, a partir de uma realidade objetiva e real, um concreto composto pela síntese de diversas determinações, conhecer o aparente e buscar a aproximação com sua essência perpassando pelo processo de negatividade desse aparente, de afastamento dessa realidade e de mediações com pressupostos teóricos e outros conhecimentos (conhecimento não é só

teórico) para retornar então a essa mesma realidade, mas em um concreto pensado num caminho de ida (abstração da aparência fenomênica) e volta (realidade pensada a partir de suas múltiplas determinações e mediações).

Essa aparência imediata, entretanto, é real, é parte inerente ao processo do conhecimento da realidade, mas se finda na esfera da singularidade e precisa, portanto, ser considerada, mas ultrapassá-la. É a realidade imediata que permite a busca pelas suas diversas determinações em sua composição complexa e dinâmica.

Cláudia Santos (2012, p. 16, 20-21) comenta que o concreto pensado é um concreto visto em suas conexões e contradições com a totalidade, mas que parte, num caminho de ida, da aparência, ou seja, no processo, aparência e essência se encontram e a prática é, assim, opositiva ao caráter especulativo da filosofia idealista, ou seja, não é mera atividade da consciência e do pensamento, mas sim uma atividade material do ser social, fruto de uma historicidade concreta que leva a formação das ideias. “O conjunto de objetivações humanas forma a práxis.” (SANTOS, C. M., 2012, p. 30).

O ser social historicamente concreto é, então, constituído por uma práxis social e é capaz de movimentar e interferir nessa mesma história, que é feita pela existência objetiva de homens e mulheres.

Ao mesmo tempo que prática e teoria são uma unidade em movimento, podemos conceber que existe também uma autonomia entre elas ao passo que a prática antecede a teoria, na perspectiva de que a realidade objetiva é anterior ao pensamento.

Cláudia Santos (2012, p. 21) reforça que, por ser o conhecimento aproximativo com a realidade, para buscar a aproximação com essa realidade, o conhecimento realmente não poderia ser uma mera sistematização de instrumentos e técnicas, pois esse conhecimento não é acabado, é apenas uma reprodução de um objeto pelo pensamento e necessita ser revisado e retomado quando encontra a prática e a realidade, com as múltiplas determinações que se depara. O objeto é assim produzido na prática e reproduzido na razão (SANTOS, C. M., 2012, p. 25).

Os elementos teóricos são, assim, determinações de aproximação com a prática e a dinâmica do real concreto e do cotidiano profissional.

Cláudia Mônica dos Santos (2012, p. 27) conclui que o mito da dicotomia entre a prática e a teoria na atuação do assistente social é infundado, tendo em vista que ambas constroem uma unidade em movimento e que a teoria traz determinações e permite mediações, justamente para a aproximação e intervenção na realidade concreta, sendo assim:

Na perspectiva do materialismo dialético, na prática a teoria só pode ser a mesma, uma vez que ela é o lugar onde o pensamento se põe. A teoria quer, justamente, conhecer a realidade, extrair as legalidades, as racionalidades, as conexões internas postas nos produtos da ação prática dos homens, assim, não há como na prática a teoria ser outra.

O método marxista é potencialmente contribuinte para a intervenção do assistente social na realidade concreta, pois permite, através de mediações com as determinações teóricas e concretas que permeiem o universo profissional, ultrapassar a realidade aparente para uma ação mais efetiva no sentido de buscar aproximações com a essência real do fenômeno.

Ao considerarmos a prática como dinâmica, reconhecemos que não conseguimos prever ações apenas com a teoria, precisando assim repensar a realidade aparente através de diversas mediações com as categorias da universalidade, singularidade e particularidade.

É preciso buscar essa aproximação com a essência, com a substância do fenômeno que nos chega de maneira apenas aparente, para uma intervenção concreta nessa mesma realidade à partir de uma práxis profissional, que traduza o resultado final e real de uma ação e não apenas o objetivo idealizado, a prévia ideação, que pode sofrer interferências a partir das causalidades objetivas.

Para Marx (2008, p. 66) “Toda vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios que desviam a teoria para o misticismo encontram sua solução racional na práxis humana e na compreensão dessa práxis.”

Contudo, podemos concluir essa reflexão, com a discussão realizada por Cláudia Santos (2012, p. 51) que nos atenta para o fato de que os conhecimentos procedimentais são necessários dentro da instrumentalidade e nos trazem respostas para o “como fazer” profissional, mas às respostas para: o “por que” e “para que” da atuação estão na dimensão teórica e prática do Serviço Social.

O Serviço Social, como vimos, é uma profissão que intervém diretamente na realidade objetiva e social. O assistente social é, portanto, atuante no processo histórico e político da sociedade.

Deste modo, as mediações do trabalho profissional do assistente social são múltiplas e inesgotáveis e o Serviço Social as apropria na atuação profissional, na análise e intervenção da realidade, ao reconhecer a contradição, realizar o processo de negação desse aparente e ao promover esse desvelamento também aos usuários dos serviços.

Portanto, não podemos entender a mediação no Serviço Social na perspectiva de mediar a relação do usuário com o serviço ou entre os usuários, mas como uma categoria

teórico-metodológica que permite ultrapassar o imediato através da negação e do reflexo da realidade.

Vera Santos (2009, p. 70) também compreende a mediação na profissão nesse sentido, na perspectiva ontológica lukácsiana, “Trata-se de uma categoria central, para a interpretação da relação sujeito/objeto e conhecimento/experiência em razão em razão da superação da linearidade e da hierarquia dos termos passíveis de mediação.”

A mediação é, pois, um processo e não um produto, e portanto constituinte do fazer profissional.

São essas mediações que perpassam a relação do homem com a natureza e as relações sociais e a mediação central que é a da categoria trabalho, que vão caminhar para essa superação da exploração e da opressão no sentido do “Progresso econômico-social-cultural-espiritual da espécie” (PONTES, 2010, p. 79), ou seja, no processo de elevação do ser humano genérico em sua ontologia.

Essa compreensão dialética da realidade a partir da perspectiva de totalidade com as mediações realizadas com o concreto real é necessária para uma atuação crítica e correspondendo aos princípios ético-políticos profissionais do assistente social.

Através das mediações com o movimento das categorias da universalidade, singularidade e particularidade é que será possível reconstruir o fenômeno aparente e buscar aproximações sucessivas com sua essência e assim ampliar a complexidade do ser humano genérico.

É importante lembrar que o fenômeno é constituído pela aparência imediata e pela essência, ambos são componentes de sua forma real e são interligados, não podendo ser descartados.

As mediações são, assim, o lócus da dialética entre essência e aparência (PONTES, 2010, p. 84).

Ou seja, todas as mediações realizadas com determinada expressão de uma realidade são importantes para as aproximações com essa realidade em sua forma real e esse processo de aproximações sucessivas é essencial para o conhecimento dialético e para a intervenção de fato em uma determinada realidade, na busca pela superação da exploração e da alienação e com isso, ampliando as possibilidades de um processo contínuo e dialético de elevação do ser humano genérico.

A categoria mediação potencializa a face teórica do Serviço Social, na compreensão de sua inserção no espaço social dentro da rede de mediações da realidade social e na sua

inserção na realidade burguesa (PONTES, 2010, p. 159-160), para compreender o significado social da profissão e seus caminhos sócio históricos.

A categoria de mediação, então, potencializa a dimensão investigativa e interventiva do Serviço Social rumo a efetivação dos princípios ético políticos profissionais, quando o assistente social realiza a ação profissional a partir das mediações que realiza ontologicamente em sua prática profissional.

Ao exercer a negatividade, realizando a negação do aparente e assim permitindo o movimento das mediações na busca pela essência do fenômeno, e nas mediações entre a teoria e a prática profissional, o assistente social caminha para o rompimento com o mito da dicotomia entre essas duas faces profissionais indissociáveis.

É fácil perceber que, para romper com essa dicotomia, é necessário negar a realidade aparente e realizar, no movimento do real, as múltiplas mediações com as demandas imediatas institucionais e individuais, com as singularidades causais, com as legalidades históricas e com os princípios ético políticos profissionais, com a dimensão teórico-metodológica do Serviço Social.

O assistente social também tem maiores chances de ultrapassar restrições institucionais e superar a subalternização da profissão, conseguindo possibilidades de articular forças políticas em face a um projeto social voltado a construção de uma nova ordem social, quando reconstrói a particularidade no campo da intervenção profissional (PONTES, 2010, p. 168-169) através do processo de negação e do desocultamento das mediações (que são concretas, reais, e inesgotáveis).

Tendo em vista que o Serviço Social intervém diretamente na realidade social e que é nessa singularidade imediata do cotidiano profissional que ele realiza as múltiplas mediações com a tríade singularidade – particularidade – universalidade para superar a aparência imediata, concordamos com Pontes (2010) que a mediação se constitui como categoria central da intervenção profissional do assistente social.

Pontes (2010) indica que é através das mediações que as demandas imediatas deixam de ser unilaterais e descoladas, ou seja, o objeto de intervenção do Serviço Social é recriado, dialeticamente, a partir das múltiplas mediações (como equipamento teórico metodológico) que são realizadas.

O objeto do Serviço Social é recriado, nesse sentido, como concreto pensado, através do processo dialético sintético no qual a razão teórica o reproduz no plano do pensamento, com o movimento das categorias e mediações.

Portanto, compreende-se a importância de uma instrumentalização pautada numa perspectiva crítica de totalidade, entendendo que é no movimento das categorias que se aproxima da compreensão da realidade, a partir da negação de seu aparente e da realização das mediações com a tríade singularidade – particularidade – universalidade, que o assistente social consegue responder as demandas técnicas, materiais e imediatas e ampliar sua ação atingindo seus princípios ético políticos na busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

Nesse mesmo sentido, faz-se necessário, nessa atuação pautada numa perspectiva crítica, que o profissional reconheça as categorias da realidade social e realize as mediações com seu conjunto complexo de determinações, a fim de buscar aproximações sucessivas com essa mesma realidade onde poderá, assim, intervir de forma concreta.

O materialismo histórico dialético nos indica o caminho para levar a realidade objetiva ao conceito, e, ao aproximar-se dela através das mediações, conseguir atuar diretamente e partindo dessa própria realidade concreta e, inclusive, contribuindo para o rompimento com o mito da dicotomia entre teoria e prática profissional.

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.
(Nada é impossível de mudar). (BRECHT, 1999).

2.3 Colorindo o figurino: A Arte enquanto categoria ontológica de mediação

Ao entender a mediação como uma categoria ontológica, contudo objetiva, que permite aproximações e intervenções na realidade social, compreende-se a arte enquanto uma categoria de mediação.

Considerando também que já foi aqui exposta a validade da categoria de mediação para a profissão, esse item irá apresentar a arte enquanto categoria de mediação, para, sequencialmente, ser possível visualizá-la deste modo na atuação do assistente social.

Como também já discutimos no capítulo anterior, o objeto de produção humana, tem sua forma e meio de produção determinados pela prévia ideação do homem. O valor de uso

que terá esse objeto influencia no processo de sua produção, ou seja, a produção só se realiza no consumo.

O trabalho concreto (e não alienado) traz os meios com os quais um pôr teleológico se realiza, e possui, dentro de seus limites, uma conexão dialética própria e imanente e a “Completude interna dessa conexão é um dos momentos mais importantes no processo que torna possível agir com eficácia para a realização do pôr.” (LUKÁCS, 2012, p. 388).

Nesse sentido que, os meios de produção e as mediações da vida social, incluindo a arte nesse contexto, precisam ser organizados a fim de permitir o alcance dessa completude.

A arte, nessa perspectiva, é produto humano, proveniente da dimensão material econômica e subjetiva.

Para Lukács, a arte e a ciência são um reflexo da realidade, não uma cópia, o que faz dela uma própria realidade social.

Marx (2004) nos diz que o homem, e, por conseguinte o artista, possui uma universalidade em si, uma genericidade humana que o faz superar a própria particularidade ao buscar seu encontro com esse ser humano genérico e social.

Nessa generalidade, o homem tem nas mediações mecanismos de resistência, que o possibilitam buscar sua autonomia para conhecimento, questionamento e até enfrentamento da realidade concreta atual.

Essas mediações, que são a arte, a filosofia e a ciência, se apresentam como mecanismos de resistência pois exercem como função principal o esclarecimento do plano de desenvolvimento econômico, a fim de transparecer a sociedade, a estrutura social e suas esferas, desvelando as dimensões e determinações da realidade social, para romper com o processo alienante.

Conforme também já vimos, a genericidade do ser social provém das tendências das categorias do ser social.

A tendência geral do consumo, o fato de que o impulso seja mediatizado e modificado pelo objeto, revela um caráter essencialmente social. [...] o impulso é formado pelo objeto por meio de um processo, é uma relação universal: se realiza, em primeiro lugar, na natureza própria, na produção material, mas se estende depois a produtividade de mediato. (MARX, p. 47, apud LUKÁCS, 2012, p. 333, grifo nosso).

A forma de produção que vai determinar, primeiramente, o objeto de consumo, segundo, o modo de consumo, e terceiro, o impulso para o consumo, o desejo. Contudo, quando é produzido um objeto, se objetiva produzir também a demanda para tal objeto.

Nesse sentido que Marx nos traz que a educação dos cinco sentidos, inclusive para a apreciação artística, é resultado de toda a história universal até o tempo atual onde é apreciada.

A arte e o conhecimento afloram os sentidos físicos e subjetivos, contudo, diferem das necessidades integralmente objetivas humanas e perpassam a dimensão genérica e social e suspendem a esfera das necessidades obrigatórias naturais.

Essa apreciação artística, portanto, é construída também de acordo com as bases materiais e subjetivas do ser social. “É óbvio que o olho humano frui de modo diferente do olho grosseiro, inumano, o ouvido humano de modo diferente do ouvido grosseiro, etc.” (ENGELS; MARX, 2010b, p. 97).

E é também só com a mão humana, que compõe o ser social, não apenas enquanto parte do corpo humano natural, mas produto do trabalho, criadora de trabalho, é possível criar arte.

O objeto de arte segue esse o percurso da produção humana proveniente do trabalho, que não envolve só a produção do objeto pra necessidade, mas também a produção da necessidade para o objeto.

O enriquecido desfrute artístico, “Depende precisamente do fato de que nenhum sujeito receptivo se encontra em face da obra de arte como tábula rasa.” (LUKÁCS, 1978, p. 293).

Ele cria, assim, um público capaz de apreciar e fruir dessa arte, de sentir prazer com essa arte, o que Marx (2011b, p. 63) chama de “prazer artístico”, “A produção, por conseguinte, não produz somente o objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto.” (MARX, p. 47, apud LUKÁCS, 2012, p. 333).

Também fruto da ideação teleológica, como o trabalho que cria e recria o homem, o objeto de arte imprime tanto o artista quanto o público e os transforma, “Embora seja uma coisa em-si, contém ao mesmo tempo algo para-nós, contém o sujeito nela, contém algo tanto do sujeito criador como do sujeito receptor virtual.” (HELLER, 1986, p. 130 apud SANTOS V., 2012, p. 4).

Contudo, as necessidades do sujeito social, assim como seu arcabouço genérico, são construídas historicamente, de acordo com as particularidades de cada época e/ou comunidade.

Nesse sentido que Lukács (1978, p. 163) nos exemplifica que “Toda obra de valor discute intensamente a totalidade dos grandes problemas de sua época.”

As vontades, opiniões e ações dos sujeitos, dependem das necessidades e circunstâncias. No caso da arte, as necessidades não apenas objetivas, mas também subjetivas.

Esse prazer artístico é constituído pela sensação de purificação ou depuração dos sentimentos e de sensações agradáveis, reconhecido como “Catarse” já em Aristóteles em “Arte Poética” (1907), ocupa uma função social, pois é capaz de contribuir para a praxeologia, para a construção do gênero humano e oferecer assim possibilidades de ações humanas.

Lukács aponta que a catarse reflete traços da própria vida, e que “Cada catarse estética é um reflexo concentrado e conscientemente produzido de comoções cujo original pode sempre achar-se na vida mesma.” (LUKÁCS, 1996, p. 507).

A catarse é a auto-exteriorização da essência íntima do ser social e a arte é capaz de produzi-la através do conjunto de cores, formas, sentimentos, sons e tudo que possa expressar essa essência, aflorando os sentidos.

Isso é importante para esclarecermos que a arte considerada nessa pesquisa não é deslocada, ao contrário, é proveniente de um processo histórico e social, ao passo que a produção e a reprodução da vida humana é determinada pela forma de produção.

Contudo, a historicidade e o movimento eterno do processo histórico do ser social é uma determinação ontológica, que determina não só a continuidade desse movimento e dinâmica, mas também sua direção.

Assim, os próprios valores tem sua determinação histórica e ontológica e a arte pode contribuir no processo de elevação do ser humano genérico – agregado desses valores – quando media suas relações e conexões com as determinações da realidade e cria o objeto de arte, ao mesmo tempo que recria o homem e sua percepção/valor.

O desenvolvimento (inclusive a passagem a um nível superior, nada tem a ver com a sua avaliação em sentido ético, cultural, estético, etc. As avaliações desse tipo surgem como necessidade ontológica, no quadro do decurso do ser social e será uma tarefa específica importante determinar com precisão sua relevância ontológica, ou seja, a objetividade ontológica dos próprios valores. (LUKÁCS, 1996, p. 341-342).

Sendo assim, só se pode falar em valor no âmbito do ser social e é na medida em que:

[...] o desenvolvimento do ser social, em sua forma ontologicamente primária, ou seja, no campo da economia (do trabalho), produz um desenvolvimento das faculdades humanas, só então é que seu resultado, como produto da autoatividade do gênero humano, ganha caráter de valor, o qual se dá conjuntamente com sua existência objetiva e é indissociável dela. (LUKÁCS, 2012, p. 348).

Então o valor é a explicitação de faculdades humanas e o resultado da própria atividade humana e o trabalho é o ponto de partida e a centralidade do desenvolvimento desse ser social, que recria a si próprio e cria o valor do seu trabalho de acordo com a forma de produção, mas também do desenvolvimento de outras atividades, que só podem aparecer como autônomas depois que o trabalho alcança um nível extremamente elevado.

O carácter místico da mercadoria não provém, pois, do seu valor-de-uso. Não provém tão pouco dos factores determinantes do valor. [...] por mais variados que sejam os trabalhos úteis ou as actividades produtivas, é uma verdade fisiológica que eles são, antes de tudo, funções do organismo humano e que toda a função semelhante, quaisquer que sejam o seu conteúdo e a sua forma, é essencialmente um dispêndio de cérebro, de nervos, de músculos, de órgãos, de sentidos, etc., do homem. (MARX, 1982, p. 154).

O trabalho não esgota a realidade social, que tem necessidades e problemas que perpassam, mas não são determinados unicamente a esse âmbito, Tonet (2013, p. 18) nos traz que “[...] isto leva ao surgimento de novas dimensões, tais como arte, religião, política, direito, ciência, etc.”, mas que “[...] a raiz de todas essas é o trabalho, mas cada uma delas tem uma função e uma especificidade própria.”

Para Aristóteles, entretanto, a arte e a técnica são separados da filosofia e da ciência pois estas trabalham com o necessário e a arte com o possível (CHAUÍ, 2004, p. 10).

Portanto, entende-se a validade da arte, enquanto produto da atividade humana e da centralidade no trabalho e no materialismo, para a transformação do ser social, considerando que os homens são atores de sua história, e que o processo ontológico e as legalidades das características dos homens e seus valores são também históricas, mas sem desconsiderar as determinações da realidade em sua totalidade.

É relevante, porém, na teoria marxista da história, que o desenvolvimento histórico é desigual, pois é verificada uma relação desigual no vínculo entre “[...] o desenvolvimento econômico e as objetivações sociais” como o direito e, como veremos aqui, a arte. Portanto, deve-se pensar esse processo de elevação do arcabouço humano genérico não num conceito popular de progresso, mas em sua aplicação ao curso histórico de superação “Lógico-gnosiológica de uma ratio generalidade de modo absoluto.” (LUKÁCS, 2012, p. 380).

Essa desigualdade do desenvolvimento do ser social (suas categorias, vínculos e relações) não pode ser retilínea, faz desvios que, no desenvolvimento global, dependem das circunstâncias ontologicamente necessárias.

Para Marx, apesar das tendências gerais do desenvolvimento, esse desenvolvimento é desigual devido a determinações da realidade e causalidades, e a arte também perpassa por

esse fenômeno, pois tem as desigualdades qualitativas, devido aos componentes sociais (de base objetiva e subjetiva) que tornam desigual o fenômeno particular no desenvolvimento artístico.

Porém, “Em relação a arte, etc. essa desproporção não é tão importante nem tão difícil de apreciar como no interior das próprias relações prático-sociais.” (ENGELS; MARX, 2010b, p. 127). Inclusive, na forma de arte algumas criações só são possíveis num estágio pouco elevado desse desenvolvimento.

Além disso, certas épocas de desenvolvimento artístico não correspondem integralmente ao desenvolvimento da sociedade nem com a base material/econômica.

A obra de arte vai nascer, assim, em uma constituição social concreta e, mesmo que possua em sua gênese o pertencimento a universalidade e a estrutura econômica, isso não ocorre de maneira simplista (mas envolvendo as bases objetiva e subjetiva, o conjunto da sociedade, incluindo as tendências ideológicas).

A arte e o fenômeno estético, contudo, partindo da concepção materialista, são articulados as forças materiais e às suas relações sociais provenientes, tendo também centralidade na base econômica, mas não determinada exclusivamente por esta, tendo assim uma relativa autonomia.

É por isso que, para Lukács, a atividade artística se destacou da vida cotidiana involuntariamente, se tornando relativamente independente após uma rede de mediações e categorias que se estabelecem em sua existência.

Lukács compreendeu a arte, a filosofia e o conhecimento como esferas onde o ser social expressa sua subjetividade e objetividade na vida real cotidiana e concreta.

Chauí (2004, p. 8) confirma essa relativa autonomia e independência quando diz que “[...] a obra de arte se dá a ver, a ouvir, a sentir, a pensar, a dizer. Nela e por ela, a realidade se revela como se jamais a tivéssemos visto, ouvido, dito, sentido ou pensado.” Isso já nos leva também para a reflexão de que a arte, diferencia-se da vida cotidiana e da ciência.

A vida cotidiana tem sua objetificação, mas ela não é fechada e estática e, portanto, essa vida cotidiana se cria as formas superiores de recepção e reprodução da realidade para, depois seus efeitos desbocarem novamente no cotidiano. A arte, a ciência e o pensamento cotidiano refletem a mesma realidade objetiva, porém de forma e conteúdo diferentes.

O reflexo científico é desantropomórfico e o estético é basicamente antropomórfico, partindo do reflexo do mundo humano e se orientando para ele, mas não se constituindo unicamente como subjetivo, ao passo que nunca se desprende de sua gênese.

É esse caráter antropomórfico da arte que permite a arte traçar um caminho mais próximo da vida cotidiana, pois “consegue desvelar as veredas inacessíveis ao conhecimento” que “É insuficiente para descrever a relação entre o homem e o mundo” e ao mesmo tempo consegue superá-lo, pois o conhecimento da vida cotidiana é mais imediato do que o de natureza artística (SANTOS NETO, 2013, p. 25).⁶

A religião e a magia também possuem esse caráter antropomórfico, entretanto, a arte não se orienta para o transcendente e sim para o mundo do homem, inclusive materialmente.

Então, mesmo esse reflexo da realidade sendo antropomórfico, Marx considera parte da gênese do ser social e, portanto, determinado pela estrutura econômica de sua época e espaço. Como exemplo, Marx traz o caso de Homero, onde sua arte, tal como foi construída, não teria sido possível no ambiente histórico de outra mitologia que não a grega, ou de uma época sem mitologia (LUKÁCS, 2012, p. 390-391).

Lukács (2010, p. 108) também nos atentou pra isso em “Prolegômenos para uma Ontologia do Ser Social”, dizendo que:

Determinadas formas de filosofia e em particular de arte (que se pense na forma da tragédia, em geral pouco compreendida) não teriam possibilidade de ter nascido e determinadas personalidades não teriam permanecido continuamente ativas e muito influentes por sua conduta de vida, não podendo também nunca ter ganho tal força de irradiação, se em seus feitos vividos ou criados essa relação dos homens com sua própria generidade pessoal não tivesse se expressado.

A mitologia não era necessária como bens naturais de sobrevivência, mas era necessária nesse estágio de desenvolvimento da sociedade e não ocorreria onde não houvesse relação mitológica com a natureza.

O artista não é enredado em si mesmo, mas inserido no seu tempo histórico, caso contrário, não conseguiria expressar o sentimento de humanidade em sua obra (SANTOS NETO, 2013, p. 27).

As casualidades interferem, assim, nesse processo de gênese, inclusive favorecendo ou desfavorecendo o nascimento de uma obra de arte e os diferentes gêneros artísticos tem relação com o desenvolvimento geral da sociedade e suas tendências.

Lukács (2012, p. 395) nos traz que “Num período desfavorável sempre podem nascer obras de arte significativas” assim como num “desenvolvimento ulterior” de potência mais elevada e favorável ao nascimento das obras artísticas, pode não o ocorrer.

⁶ Lukács (2012) conceitua o conhecimento da vida cotidiana como de primeira ordem e o conhecimento proveniente da arte é de segunda ordem, de natureza superior.

Isso nos diz que, os diferentes gêneros e obras artísticas, assim como a produção humana encontra-se em uma relação particular com o conjunto de determinações da realidade e as tendências dominantes da sociedade.

Contudo, os atos individuais são provenientes de escolhas, de alternativas, que, no campo da arte, tem objetivações na maioria produtos imediatos de atos individuais, onde a estrutura geral não pode deixar de assumir um impacto específico e particular.

Essas escolhas, por sua vez, tem reflexo do gênero, das tendências gerais da sociedade e da historicidade.

Lukács (2010, p. 91), se refere a esse processo de escolhas, quando nos traz que o curso de vida de cada ser humano constitui-se de uma:

[...] cadeia de decisões, que não é uma seqüência simples de decisões heterogêneas, mas sempre se refere espontaneamente ao sujeito da decisão. As inter-relações desses componentes como ser humano, como unidade, formam aquilo que costumamos chamar, na vida cotidiana, com razão, o caráter, a personalidade, do indivíduo.

É esse gênero e esse arcabouço, como pontuamos, de genericidades humanas, que vão constituir a ser social genérico e a elevação da essência desse ser e na perspectiva materialista que reconhece a centralidade das bases econômicas, o “nascimento do gênero humano em sentido social é o produto necessário, involuntário do desenvolvimento das forças produtivas” (LUKÁCS, 2012, p. 402).

Todo esse arcabouço é, portanto, construído histórica e socialmente. O gênero biológico é “Algo puramente objetivo”, enquanto o gênero do ser social é transformado de acordo com suas ações de transformação do mundo, da natureza (trabalho) e do “homem com o complexo social” (LUKÁCS, 2012, p. 401), tendo a arte como uma categoria de mediação que possibilita esse desenvolvimento para ampliar as possibilidades do processo de elevação do ser social (ou desfavorável a isso).

O sentimento de pertencer a uma comunidade concreta é imprescindível para que surja o gênero em sentido social.

E “Faz parte da essência ontológica do ser social que todas as correntes, tendências, etc, nele presentes se constituem a partir” desses atos individuais (LUKÁCS, 2012, p. 392).

A arte, contudo, influencia na construção desse arcabouço genérico social, na construção desse ser social e do seu processo de elevação ou desfavorecimento, e também sofre influências das tendências já existentes da sociedade.

E é esse gênero humano social que produz a consciência desses seres humanos de uma determinada sociedade e é a partir dessa consciência que se criam alternativas e ações humanas que podem transformar essa realidade.

Ao contrário do idealismo Hegeliano, Marx vem reconhecer que a prioridade ontológica é do ser social e não da consciência/ideias. “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.” (MARX, 2004, p. 9).

Lukács (2012, p. 403) nos traz que a consciência é, portanto:

[...] a forma de reação (de caráter alternativo) a relações concretas objetivamente diversas no plano social; e também o campo de ação de alternativas surgidas em casa oportunidade e objetivamente delimitado no plano econômico-social. É a reação-frequentemente obscura, puramente emotiva do indivíduo ao mundo social circundante que se apresenta a ele como algo dado.

As determinações estruturais sociohistóricas, somadas as causalidades, possibilitam a formação desse arcabouço do gênero humano, que permite as alternativas e ações humanas, dentre elas a arte, que é parte constituinte da criação dessa consciência e, portanto, a arte é construída sob essas influências e como parte integrante do gênero humano, pode, contudo, contribuir para sua elevação, no sentido de intervir nessa mesma realidade e trazer “progresso” ao ser social e a historicidade.

Veroneze (2013, p. 149) nos resume que quanto mais

[...] genéricas e conscientes as aspirações e objetivações do ser social na e para a vida cotidiana, quanto mais a consciência do valor da essência humana e de comunidade, maior o grau de genericidade, por conseguinte, maior será o campo das objetivações genericamente individuais e comunitárias [...].

Sendo assim, quando pensamos nessa elevação do ser humano genérico e do arcabouço humano genérico a partir de uma ruptura e transformação social revolucionária, devemos lembrar que “Os fatores objetivos e subjetivos não são só distinguíveis com exatidão, mas também – e temos aqui a base objetiva que permite distinguí-los, não caminham necessariamente de modo paralelo.” (LUKÁCS, 2012, p. 382).

Pensamos assim, aqui, na arte a possibilidade de contribuição no processo de elevação desse gênero humano. Chauí (2004, p. 7) define a arte como “um vir a ser”, a busca por um novo, a negação do atual aparente para a sua transformação e criação do novo e a obra de arte

nos revela “Que a história é o movimento incessante no qual o presente, retoma o passado e abre o futuro.” (CHAUÍ, 2004, p. 20).

Nesse sentido, também a entendemos como derivada do trabalho, que cria o novo, e recria o ser social, pois o processo de criação é parte integrante da expressão do ser ontológico (lembrando, inclusive, que a arte é posterior e provém do trabalho, categoria central, e do seu por teleológico que traz como resultado a criação).

Para Lukács (2012), na vida cotidiana, estão a essência e o fenômeno, realidade material; a teleologia e as causalidades, o que é previamente idealizado e executado pelo homem e as causalidades involuntárias; e a estética (a práxis artística, mundo da atividade reflexiva) e a ética (reino praxeológico) em constante movimento e frutos das forças reais da própria vida humana social.

Chauí (2004, p. 14-15) nos traz como contextualização que a palavra “estética” é a tradução da palavra grega “*aesthesis*” “que significa conhecimento sensorial, experiência, sensibilidade” e que “Foi empregada para referir-se as artes pela primeira vez pelo alemão Baumgarten, por volta de 1750.”

Enquanto o ético tem seu terreno na própria realidade, o estético é um reflexo dialético da realidade, portanto considera a interação entre objetividade e subjetividade, aspirando contemplativamente a um reflexo da realidade e do mundo estético.

Assim desenvolvem-se essas duas bases, tendo como base objetiva: situações reais econômicas ou derivadas disso / crises reais, concretas; e como base subjetiva: a consciência.

A consciência, no sentido de elevação do gênero humano e desenvolvimento da forma histórica mundial da humanidade, deriva do rompimento com a ignorância.

Marx (2012, p. 104) nos traz que a ignorância “É uma força demoníaca e tememos que ela ainda seja a causa de muitas tragédias” e exemplifica, no campo da arte caminhando para seu rompimento que os grandes poetas gregos a apresentavam “Como um signo trágico nos seus impressionantes dramas extraídos de casas reais de Micenas e Tebas.”

É nesse sentido que entendemos a arte como categoria de mediação, que interage com o conjunto complexo de determinações e enquanto uma objetivação social dentro do desenvolvimento, desigual, dessa generalidade humana, sendo que a arte verdadeiramente rica e valorativa perpassa pela “Mediação de uma subjetividade rica de sentido.” (SANTOS NETO, 2013, p. 60).

“O todo na forma que se apresenta no pensamento é um produto do cérebro pensante, que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível, de um modo que difere da

apropriação desse mundo pela arte, pela religião, pelo espírito prático.” (MARX, 2011b, p. 219).

Contudo, a arte é uma das mediações com essa realidade concreta, que é a síntese de múltiplas determinações, para buscar sua apropriação. O ponto de partida para essa aproximação com a realidade é a intuição e a representação, que se dá, também, através da estética e da arte.

A arte, assim, recria a dialética entre o singular e o universal, numa totalidade particular.

Lukács, com suas influências na filosofia clássica alemã (Kant, Hegel e Marx), mas que se distancia do idealismo hegeliano e se aproxima do materialismo histórico dialético trazendo grande aprofundamento, inclusive, na estética marxista, nos traz que a estética é, contudo, parte integrante da ontologia do ser social e a “[...] gênese da atitude estética está diretamente relacionada com experiência da vida cotidiana começando com aquelas que são suas formas mais gerais e abstratas, até as mais concretas.” (SANTOS NETO, 2013, p. 17).

Lukács fez, pois, uma análise da estética na perspectiva do método marxiano.

Para esse intelectual, a estética, como estudo dos efeitos das criações artísticas, propicia a busca do conhecimento da essência e dos fenômenos presentes na expressão artística que recriam a realidade sócio histórica e tornam-se patrimônio da humanidade.

Tertulian (2008, p. 188) defende a validade e a importância dos estudos da estética de Lukács:

O sistema marxista de estética de Georg Lukács, contido nos dois grandes volumes impressos em 1963 pela editora Luchterhand, da Alemanha Federal, pode ser considerado a obra mais completa do pensador. Sua significação vai muito além do estreito domínio das teses que trataram da natureza da arte. A importante evolução filosófica de Lukács, desde sua célebre obra História e consciência de classe até a fase, última e definitiva, de seu pensamento da maturidade, encontra sua expressão mais fiel na Estética. Sem dúvida, o grosso manuscrito da Ontologia, destinada a ser uma obra póstuma, é de natureza a lançar novas luzes, do mais alto interesse, na última fase da evolução filosófica de Lukács. Mas a Estética permanece o monumento mais expressivo dos textos publicados durante sua vida.

Nesse processo de elevação, o homem sofre um afastamento progressivo da barreira natural e da sua aproximação com o que é social. Como já vimos anteriormente, o ser biológico do homem constitui um momento fundamental da ontologia do ser social e o processo de transformação da natureza é intrínseco ao desenvolvimento do ser social e o

trabalho é sua categoria central, mas é também nas formas de produção e reprodução do trabalho e das relações sociais que ele se recria socialmente.

Entretanto, Lukács (2012) nos atenta para algumas mudanças no nosso trajeto histórico, que nos trazem ao nosso cenário atual e aos valores de individualismo que nos afastam, ao contrário, do processo de elevação do ser humano genérico, pois, anteriormente

[...] para o homem primitivo, a exclusão de sua sociedade representava uma sentença de morte. Mas a crescente socialidade da vida humana suscita em alguns indivíduos a ilusão de ser independentes da sociedade como um todo, de existir de algum modo como átomos isolados. (LUKÁCS, 2012, p. 346).

Essa ilusão, vem, para Marx, da contingência das condições de vida para o indivíduo na sociedade capitalista e é de fato uma ilusão, pois:

“O indivíduo é o ser social. Sua manifestação de vida – mesmo que ela também não apareça sobre a forma imediata de uma manifestação comunitária de vida, realizada simultaneamente com outros – é, por isso, externalização e confirmação da vida social.” (MARX, 2004, p. 103).

E, sendo assim, a “Consciência universal é apenas a figura teórica daquilo de que a coletividade real, o ser social, é a figura viva, ao passo que hoje em dia a consciência universal é a abstração da vida efetiva e como tal se defronta hostilmente a ela.” (MARX, 2004, p. 107).

Nesse sentido, frisamos novamente a importância de reconhecer a arte sem deslocá-la de um contexto sociohistórico, e que a arte, na perspectiva marxista, nasce a partir dessa realidade e das condições desta realidade. Sendo assim, um artista tem dentro de suas escolhas essa “falsa consciência” proveniente dessas influências de seu tempo e espaço político e social, inclusive de seu pertencimento de classe.

Assim, quando o artista se aproxima da realidade social através de sua práxis artística, pode despojar-se do mundo de seus preconceitos e captar corretamente a realidade tal como ela se apresenta em sua autenticidade e profundidade (sempre aproximações sucessivas, a partir do reconhecimento da totalidade, mas nunca chegando a percepção do fenômeno como ele é em sua existência concreta e real).

Lukács analisa a estética como uma das principais mediações que articula o âmbito materialista da vida cotidiana com as objetivações superiores da consciência.

“A experiência estética oferece um terreno privilegiado acerca da consciência de espécie da humanidade, que, certamente tem muito que ensinar ao homem de ciência e à vida cotidiana.” (SANTOS NETO, 2013, p. 27).

Contudo, entendemos a validade da arte na possível contribuição para o processo de elevação do ser humano genérico, tanto como mediação das relações sociais, da interpretação do mundo em sua totalidade, e, por conseguinte, na aproximação com essa realidade, que pode permitir a intervenção na mesma, e o processo de elevação do arcabouço da genericidade humana.

Conceituamos que a arte, assim, enquanto, como uma atividade da consciência universal, “Enquanto uma tal [atividade] – é minha existência teórica enquanto ser social.” (MARX, 2004, p. 107).

Quanto mais universal for a experiência estética (e menos singular), mais mediada será a relação entre o mundo refletido no interior do receptor e o mundo externo.

Com isso queremos refletir sobre como a arte pode elevar o ser social em sua concepção de mundo, ampliando suas perspectivas e o aproximando com a realidade concreta, ainda que reconhecendo sua constituição enquanto ser de bases objetivas e subjetivas.

Portanto, compreendemos aqui a arte numa concepção em que não “Abasteça o aparelho da produção capitalista, sem modificar, na medida do possível, num sentido socialista” (BENJAMIN, 1994, p. 127), mas sim que, apesar de provir dessa consciência, contribua para seu processo de elevação e assim superação dessa forma de produção e socialidade, caminhando para uma sociedade mais igualitária.

A arte, na sociedade capitalista, também não poderá nunca ser absorvida/fruída inteiramente, pois, devido a subserviência do capital, o ser social não realiza todas as suas potencialidades e tem suas possibilidades limitadas, o que dificulta o alcance de sua essência enquanto ser social genérico e a elevação da consciência, que pode imprimir uma ação revolucionária, libertadora e democrática, na intenção de uma nova configuração social.

O capitalismo ao intensificar o individualismo, promove o afastamento do artista do povo, o que afasta também o caráter ontológico da arte, que é coletivo e pode contribuir para o processo de elevação do ser social.

E seria na sociedade socialista, assim, que as condições materiais estariam suficientemente amadurecidas para a existência concreta dos homens em sua gênese e se fará de fato a interação dialética entre estética e ética, para assim, “Restaurar em seus direitos o elemento conscientemente social da arte.” (LUKÁCS, 1996, p. 533).

Socialismo será (se a humanidade conseguir chegar até lá) uma forma de sociabilidade construída a partir do capitalismo e superior ao que há de melhor e não simplesmente diferente que em alguns aspectos (como por exemplo, na preocupação com a igualdade social). (TONET, 2013, p. 16).

Contudo, a estética e a ética possuem relativa autonomia, mas estão dialeticamente relacionados e indissociáveis, através de múltiplas contradições.

A aspiração humana por uma conduta ética na perspectiva de essência humana social pode se converter em efetiva luta por transformação da realidade social, em ação concreta, através, também, da mediação de categorias estéticas.

“Cuando essa aspiración lucha por una expresión conceptual adecuada – especialmente en épocas en las cuales los ideales éticos vistos – es muy natural, y a menudo casi inevitable que toda esa tensión se exprese también mediante categorías estéticas.” (LUKÁCS, 1967, p. 266-267). Essa dimensão ética e o mundo externo e interno (econômico universal e subjetivo) são expressos na estética.

Para Lukács (1996, p. 24) “A arte é um produto da evolução social do homem que se faz através do seu trabalho” e a luta de classes também é reconhecida em Lukács como mediação fundamental para a transição dessa partidarietà das classes para o gênero humano e sua elevação.

“A consciência do indivíduo à espécie não exclui suas relações sociais com a classe, pois a emancipação humana passa pelo médium de uma revolução de natureza política e social que visa à superação da sociedade de classes.” (SANTOS NETO, 2013, p. 16).

Temos como exemplo a obra de Brecht e o teatro épico, que propõe a educação estética do proletariado, a partir da universalização do acesso aos saberes e da articulação com o universo do próprio operário, numa perspectiva de elevar a consciência e o gênero humano e produzir a transformação da socialidade. “Brecht concentra sua produção, de um lado, na relevância da luta de classes e, de outro, nas questões de natureza praxeológica.” (SANTOS NETO, 2013, p. 68).

Partindo então dos estudos da estética em Lukács, compreende-se sua contribuição para essa consciência:

El reflexo estético, la configuración artística, enlaza pues aquí – igual que en todo fenómeno vital importante, con su peculiaridad específica y no la rebasa sino porque la situa bajo, una nueva iluminación en el contexto total de la vida em la referencialidad última a la autoconsciência de la humanidad. (LUKÁCS, 1967, p. 294).

Assim, ela perpassa o reconhecimento do caráter genético da obra de arte, que, conforme vimos, é gerida dentro do arcabouço de características genéricas do ser social construído sociohistoricamente, depois com a valorização de seu caráter antropomórfico e então pelo seu papel desempenhado na consciência humana – sua construção e elevação – “A

obra de arte se desembaraça das restrições da finitude e da alienação e conduz a subjetividade a uma experiência significativa para o destino do homem como espécie” (SANTOS NETO, 2013, p. 27) com o intuito de desfetichizar o mundo alienado dos homens, se dirigindo sempre ao homem em sua totalidade.

A arte, para Lukács (1978) contém a síntese da consciência do ser social e da tríade universalidade, singularidade e particularidade diante da realidade concreta, trazendo como potencialidade a transformação da realidade e da história, do ser humano coletivo e genérico.

O reflexo estético cria, por um lado, reproduções da realidade nas quais o ser-em-si da objetividade é transformado em um ser para nós do mundo representado na individualidade da obra de arte; por outro lado, na eficácia por tais obras, desperta e se eleva a autoconsciência humana. (LUKÁCS, 1978, p. 275).

Heller (2004, p. 6 apud VERONEZE, 2013, p. 148), também considera o papel da arte na autoconsciência, como potencial contribuidora para o processo de elevação do ser humano social e genérico: “Temos que acrescentar ainda que a arte cumpre também, enquanto autoconsciência e memória, que é da história humana [...] não é casual que essa catarse seja propriamente uma categoria ética.”

Heller também considera o papel da arte na autoconsciência, como potencial contribuidora para o processo de elevação do ser humano social e genérico: “Temos que acrescentar ainda que a arte cumpre também, enquanto autoconsciência e memória, que é da história humana [...] não é casual que essa catarse seja propriamente uma categoria ética.”

Contudo, encerramos esse item esclarecendo que a tarefa da arte consiste em “Representar o homem, o seu destino, os seus modos de manifestação (tudo isso tomado no sentido mais lato)” (LUKÁCS, 1978, p. 288) e, portanto, ela opera diretamente sobre o ser social, como “Reflexo dos homens sociais em suas relações recíprocas, no seu intercâmbio social com a natureza, é um elemento de mediação – ainda que indispensável – é simplesmente um meio para provocar esse crescimento do sujeito.” (LUKÁCS, 1978, p. 296).

A arte, assim, possibilita que o ser social ultrapasse o imediato, alcançando o concreto pensado, sendo assim uma categoria de mediação e permitindo o desvelamento da realidade social por parte dos sujeitos.

Dessa forma, contribui para a instrumentalidade do assistente social, na perspectiva da razão crítica dialética, em suas ações de caráter socioeducativo que buscam desvelar a realidade para então intensificar a atuação dos sujeitos sociais nessa realidade e para aproximar-se do universo desses sujeitos.

Mesmo em uma sociedade com um ideário dominante que valoriza o consumismo e o individualismo, as atividades artísticas, que não se apropriem desses subterfúgios, podem ampliar a participação, despertar a criatividade e, com seu caráter antropomórfico e subjetivo, tornar sensível a experiência de desvelamento das contradições da sociedade.

A arte pode, assim, caminhar para o resgate da essência do ser humano genérico, enquanto uma mediação que percorre trajetórias no rompimento com a alienação.

2.3.1 Elementos cênicos: Modalidades artísticas

Para contextualizarmos um pouco a gênese da arte e adentrarmos em suas diferentes modalidades, faz-se necessário pontuar novamente que a entendemos em suas bases subjetivas e materiais, sendo, portanto historicizada, afinal, como nos traz Lukács (1978, p. 162) seria “[...] impossível uma história das artes se com as modificações na arte da vida, não se ampliassem ulteriormente também os limites do mundo conhecido e dos instrumentos de sua cognoscibilidade.”

Trazemos, pois, a análise de Chauí (2004, p. 12-13) que aponta que as duas primeiras manifestações culturais foram o trabalho e a religião, que:

[...] instituíram as formas de sociabilidade – a vida comunitária – e da autoridade – o poder religioso. Ambos instituíram símbolos de organização humana do espaço e do tempo, do corpo e do espírito. As artes, isto é, as técnicas ou artes mecânicas, foram, assim, inseparáveis de ambos.

Assim, e conforme já vimos no item anterior, a arte e outras atividades decorrem do trabalho (na concepção de trabalho concreto e ontológica abordada anteriormente), posterior a ele enquanto categoria central, mas também constituindo o gênero humano.

Chauí (2004) continua nos apontando que as futuras sete artes nascem no interior dos cultos para servirem a esse fim e são necessários milhares de anos e transformações histórico sociais para que consigam alcançar autonomia enquanto atividades culturais, dotadas de valor e significações próprias.

A partir do romantismo, a arte é vista como criadora, com potencial de criação e seu valor ultrapassa o antes prioritário da imitação da natureza e da realidade e começa a permitir as releituras dessa mesma realidade de forma a recriá-la (como discutimos no item anterior) de forma criativa, perpassando também a dimensão subjetiva.

Lukács (1978, p. 124-157) traçou um panorama da evolução do entendimento da estética, conforme segue uma síntese:

Platão foi o primeiro a desenvolver a concepção de arte como reprodução da realidade e subordiná-la a generalização filosófica, entretanto, entendia a arte como uma cópia da imediaticidade, da realidade aparente e não uma busca pela essência.

Para Aristóteles, a arte não era reflexo das ideias e sim da realidade objetiva, mas apenas uma cópia mecânica e técnica, desconfigurando a esfera da subjetividade.

Goethe traz um grande avanço na compreensão estética, quando reconhece as intuições artísticas, e entende que a arte contempla a dimensão subjetiva e objetiva/material, no reflexo da realidade.

Atualmente pode-se reconhecer, e é o que faremos aqui, a arte em sentido integral, um conjunto de interpretação e reprodução da natureza, com a criatividade, expressão e subjetividade. Já a reconhecendo enquanto mimética, no reflexo da realidade, e onde o artista cria não apenas ao produto, mas também a si mesmo.

Contudo, Lukács (1978) nos traz que a arte não é uma simples imitação da singularidade, mas uma reprodução estética, um reflexo em movimento e uma própria realidade em si.

Chauí (2004) demonstra, contudo, que a arte, contudo, perpassou histórica e socialmente por transformações no fazer artístico (escolas de arte, estilos, relações entre matéria e forma, técnicas e materiais, relação com o público, procedimentos) e na sua determinação social, ou seja, em sua finalidade social (lugar ocupado pelo artista, condições de recepção da arte).

Portanto, uma arte enquanto categoria de mediação dessa realidade, possibilitando recriá-la.

“O artista é um ser social que busca exprimir seu modo de estar no mundo, na companhia de outros seres humanos, reflete sobre a sociedade, volta-se para ela, seja para criticá-la, seja para afirmá-la, seja para superá-la.” (CHAUÍ, 2004, p. 16).

Entendendo a arte enquanto categoria de mediação, podemos compreender também que ela pode aproximar o ser social de seu gênero humano, que é eternamente construído, através da aproximação com o complexo conjunto de determinações da realidade social e com a expressão e representação da realidade cotidiana.

E é assim que se configura seu caráter transformador, nascendo da realidade concreta e potencialmente podendo intervir nessa mesma realidade, recriando-a a partir de interpretações e criações, de uma forma nova.

Com isso, a realidade não está “[...] aquém e nem na obra, mas é a própria obra de arte.” (CHAUÍ, 2004, p. 9).

Assim como o arcabouço do gênero humano social é constantemente transformado de acordo com as tendências universais e causalidades, a arte também está eternamente construindo e reconstruindo o mundo.

A atividade artística, por sua vez, possibilita a catarse, a auto-extereorização da essência íntima do ser através de cores, formas, sentimentos, sons, sabores e tudo que possa ser expressão do ser social, recriando, não copiando, a realidade social e histórica, trazendo aproximações com suas determinações e permitindo assim a busca pela essência do ser social e o desejo de descoberta do universal concreto e subjetivo que esconde em si. Portanto, a arte em si é uma realidade social.

A superação da universalidade na particularidade artística se apresenta: “De acordo com o período, com o gênero ou com a individualidade do artista, sob variadíssimas formas. [...] A única coisa segura é que a fonte mais profunda dessa generalização artística, em última análise, é a generalização da própria vida, dos fenômenos concretos da vida.” (LUKÁCS, 1978, p. 163).

A obra artística, assim, que vai nos levar a busca dessa essência, pode se constituir de diferentes modalidades, como a literatura, a música, a pintura, o teatro, a performance, dentre outras, e “Qualquer das artes é a passagem do instituído ao instituinte, transfiguração do existente numa outra realidade, que o faz renascer sob a forma de uma obra.” (CHAUI, 2004, p. 9).

Tendo em vista que nosso objetivo aqui é compreender a arte enquanto categoria de mediação, e, portanto, compreendemos a arte em seu sentido ontológico integral, entendendo que todas as suas modalidades tem potencial elevador do gênero humano, só nos aproximaremos um pouco, para particularizar nosso recorte de pesquisa, das modalidades que foram utilizadas na pesquisa participante, que são a música e a pintura, com enfoque na pintura do mural.

A música e o ritmo surgem como alívio do homem primitivo na dosagem dos esforços e domínio harmonioso de seu corpo e do objeto de trabalho, gerando o prazer artístico.

O movimento rítmico é resultado das forças produtivas do trabalho. O ritmo não é invenção arbitrária dos poetas, mas converte-se em elemento de poesia a partir da rítmica do trabalho. Surge da interação do homem com a natureza, mediado pelas relações dos homens entre si.

Antes, o ritmo e o prazer eram efeitos dessa atividade utilitária, para suavizar o trabalho e com o tempo se tornaram autônomos e formação evocativa dominante nos cantos e danças.

Como já discutimos anteriormente, é criado também o fruir artístico, junto com o produto da música, a necessidade e o desejo desta. Contudo, assim como falamos sobre o homem natural e sua evolução para o ser social, da mão humana, para além da mão biológica, também é criada a sensibilidade para a música.

Em Prolegomênos para uma Ontologia do Ser Social, Lukács (2010, p.261 - 262) nos diz assim, que:

Talvez se veja mais nitidamente ainda essa transformação, essa troca de funções, no fato conhecido de que a mais elevada forma biológica da audição (ouvido absoluto) nada tem a ver com o talento humano para a arte específica da audição, que é a música. Sua existência nada significa para o talento musical do seu possuidor; de outro lado, há músicos importantes sem ouvido absoluto. Se é verdade que possui-lo poderia ser uma ajuda importante, isso não diminui minimamente o significado teórico do fato de que ele é supérfluo por princípio. O talento musical continua sendo uma capacidade social, como a paisagem ou o característico na expressão humana etc. são e permanecem categorias sociais, não mais biológicas.

Então, ainda que o estético, e no caso específico, a música, tenha relação com o útil, não pode ser compreendido pelas determinações simplesmente pragmáticas (SANTOS NETO, 2013, p. 21-22).

A música tem um grande potencial de expressar emoções e subjetividades, dentro da relativa autonomia artística:

La musica se distingue de las demás artes, también en cuanto a la catarsis por el hecho de que en ella no se trata de que la interacción de los mundos externo e interno del hombre o sus conflictos o catástrofes objetivamente refigurados desencadenen esa conmoción liberadora sino que la mimeses de la mimeses que obra en este arte, sin una referencia manifiesta de los hechos de la vida vivencial, sin ella imposible de las emociones. (LUKÁCS, 1967, p. 76-77).

Lukács aqui também reforça que a música, enquanto modalidade artística, consegue refletir para assim recriar o mundo externo (tendências universais) com o mundo interno (subjetividades e singularidades), somando as causalidades e historicidades com os sentimentos e expressões do artista para a construção do novo e assim influencia e transformação posterior do arcabouço do gênero humano. E assim, todos os elementos sonoros da música, toda a sua estrutura material e espiritual, é a externação e expressão sensível desses universos:

La mera existência de los elementos sonoros de la musica, desde la entonación y la melodia hasta los mas complicados problemas de la armonización, apunta a la superficialidad o la protos que entran en la mimeses dúplice de la musica como reflejos de reflejos de los acontecimientos del mundo externo y el mundo interno. (LUKÁCS, 1967, p. 264).

Concluiremos nossa aproximação com essa modalidade artística usando um exemplo utilizado e analisado por Engels, que é a canção popular dinamarquesa “*The Vicar of Bray*” do séc. XVIII, que conta a sobre a carreira de um vigário de Berkshire e suas dificuldades e estratégias para conservar seu escritório eclesiástico, questionando essa estrutura.

Nos dias de ouro do rei Carlos
Quando a lealdade não causava nenhum mal
Eu era um zeloso homem do alto-clero
Então fui promovido

Eu nunca deixei de ensinar meus fiéis
Os reis são indicados por Deus
E pobre daqueles que insistem em resistir
Ou em tocar no que foi ungido pelo senhor
E está é a lei que eu seguirei
Até meus dias finais, Senhor
Que qualquer que seja o rei
Eu serei o vigário de Bray

Quando vossa realeza James foi coroado
E o papismo entrou em voga
Eu calei as leis penais
Eu li a declaração
A igreja de Roma que fundei se adequaria
Perfeitamente a minha constituição
E me tornei um Jesuíta
Mas pela revolução
E essa e a lei que seguirei. [...]. (ENGELS; MARX, 2010b, p. 253).

Essa canção se preservou na Inglaterra por mais de 170 anos. Isso ocorreu, segundo Engels e Marx (2010b, p. 253) não apenas pela sua técnica avançada, “tem uma estupenda melodia” mas também “porque ela não envelheceu se considerar as condições atuais [da época] da Alemanha, apesar de alguns avanços que ocorreram”.

Engels reconhece assim o potencial transformador dessa canção, que tem bases econômicas reais e subjetivas e avança na consciência e no arcabouço de genericidades do ser social.

A modalidade artística da música, então, mediatiza o mundo para recriá-lo, e assim ao gênero humano, a partir das aproximações externas e internas que realiza.

A outra modalidade que utilizamos na pesquisa participante foi a da pintura, com a especificidade do mural.

Quando pensamos em artes plásticas e pintura, precisamos lembrar que a arte pode retratar sensivelmente a realidade, construindo assim o novo e permitindo a construção de uma nova consciência, contudo, não consiste em copiar a realidade tal como é na concreticidade.

Contudo, a pintura perpassa a observação da realidade concreta, através de aproximações com suas determinações, e sua recriação sensível, proveniente de bases materiais e subjetivas.

[...] las artes que reproducen con inmediatez artística la objetividad inmediata del mundo externo se orientan – precisamente desde el punto de vista del realismo estético – a una simple reproduccion ni menos a una reproduccion fotografica, sino a dar significacion sensible a la coincidencia de la apariencia y la esencia en el fenómeno que a si se hace.” (LUKÁCS, 1967, p. 75).

Por conseguinte, está também na modalidade da pintura e do mural, a arte enquanto categoria de mediação, o desvelamento da realidade, a criação do novo e assim a ampliação de possibilidades de intervenção na realidade social.

Para Marx em carta a Heine, toda oportunidade deve ser considerada, no processo de contribuição para revolução e transformação da realidade social. (ENGELS; MARX, 2010b, p. 282).

Entretanto, conforme já levantamos aqui, na sociedade capitalista, ao intensificar o individualismo, se promove o afastamento do artista com as pessoas e comunidades, o que enfraquece o potencial criador e transformador da arte, que só se dá através da contribuição do processo de elevação coletiva do arcabouço genérico humano.

Nesse sentido que temos a especificidade do mural enquanto modalidade artística, que supera essa condição individual tanto em sua criação quanto em sua fruição.

E como exemplo histórico e inspiração para nossas atividades, tivemos o Movimento Muralista Mexicano, desenvolvido após a Revolução Mexicana de 1910, que criava, especialmente, uma interlocução entre o artista e o povo.

O Movimento Muralista Mexicano teve como principais expressões os seguintes artistas: Diego Rivera, José Clemente Orozco e Davi Alfaro Siqueiros, que se formaram durante o governo de Porfirio Diaz, um período político que foi marcado “Pelo objetivo de transformação do México em um Estado moderno, com a execução de ferrovias e uma

homogeneização social”, e onde “Empreendeu-se uma violenta política de expropriação e colonização amparada por uma ideologia positivista que era propagada por uma classe burocrática que dispunha de privilégios sobre a maioria mestiça e indígena.” (QUINSANI, 2010, p. 7)

Contudo, os muralismo retratava a opressão estrangeira, religiosa e de classes, mostrava o cotidiano e a vida do povo, dentro daquela realidade social, de modo que seu

[...] impacto moldou novas configurações sociais e continua exercendo influência até hoje na sociedade mexicana. [...] Enfim, uma arte que se pensa revolucionária, que assume seus valores, que os deseja propagar e colaborar na construção de um processo histórico revolucionário. (QUINSANI, 2010, p. 2).

Esse impacto se deu, pois, o muralismo também tem como característica marcante o fato de ser uma arte democrática e acessível ao povo, ao passo que tinha os murais pintados em locais como de acesso visual público palácios, câmaras legislativas, prédios ministeriais, prédios, escolas e museus.

ILUSTRAÇÃO 3: Mural de Diego Rivera: Terra Virgem



Fonte: Diego Rivera (2001).

Contudo, o mural tem nossa atenção especial, pois pode ser produzido coletivamente e, especialmente, pode ser acessível a todos de forma democrática, além de, no caso do muralismo mexicano (inspiração pra nossa pesquisa participante), retratar de forma sensível a realidade popular e o momento político e social, criando uma nova consciência.

Concluindo aqui essa aproximação com as modalidades artísticas que utilizamos em nossa pesquisa participante, adentraremos no nosso terceiro capítulo para podermos, enfim, refletir sobre a arte enquanto categoria de mediação no Serviço Social.

**CAPÍTULO 3 SE A REALIDADE E O PENSAMENTO SÃO DIALÉTICOS, O QUE
TE MOVIMENTA NESSA DANÇA?**

Este capítulo consiste em apresentar os resultados da pesquisa participante realizada, com o intuito de demonstrar como a arte, enquanto categoria de mediação, pode contribuir com a atuação do assistente social em todas as suas dimensões.

Contudo, é importante lembrar que somos seres sociais e somos constituídos de bases materiais e subjetivas, como já discutimos anteriormente, e, se queremos pensar a contribuição dessa categoria para a atuação profissional, devemos lembrar do que nos motiva a buscar esse aprimoramento.

A categoria profissional, quando assume uma vertente crítica, busca uma intervenção real direcionada ao reconhecimento das contradições do sistema vigente e assim conduzindo processualmente a elevação da consciência do ser humano genérico.

E é no cotidiano do assistente social, na dimensão socioeducativa da profissão, que como vimos anteriormente perpassa todo o fazer profissional e alimenta todas as outras dimensões, que de fato se concretiza a ação profissional na busca por esses objetivos, o cotidiano é o mundo da vida, que se produz dialeticamente em movimento.

É reconhecendo essa perspectiva supracitada que iniciaremos uma reflexão acerca da arte enquanto categoria de mediação pode existir no cotidiano do assistente social, contribuindo para o alcance dos objetivos profissionais, e sequencialmente analisaremos como isso se materializou na pesquisa participante.

3.1 Apresentamos: A arte no Serviço Social!

Entendemos o ser humano enquanto ser social, concreto e real, que se relaciona com o mundo onde vive. A inserção nesse mundo se dá

Num processo de construção e auto construção, dinâmico e dialético, e que possui uma dupla dimensão: ontológica, a ser concebida como tendo uma natureza comum e inerente a todos e a cada um dos seres, portanto, genérica; e reflexiva que é elaborada pela mente humana. (BARROCO, 2004, p. 50).

Com o Serviço Social não é diferente, e por isso já discutimos no primeiro capítulo sobre seu significado social o que demandou sua gênese enquanto profissão, em um determinado momento histórico.

Esta profissão, assim, é inserida no contexto da sociedade capitalista, uma sociedade que através da intensificação de um ideário dominante que traz como primazia valores individualistas e alienantes, com a reificação do próprio sujeito social.

O próprio trabalho, vital e fundante do ser social, ao ser interpretado, nos contornos da sociedade capitalista, geralmente torna-se alienado e explorado, principalmente na sociedade vigente, quando ocorre a intensificação da máxima do capitalismo – a exploração de uma classe pela outra. Assim percebe-se que as determinações concretas da sociedade capitalista atual promovem um processo de desumanização extremamente exarcebada.

Considerando essas condições concretas, o assistente social que atua numa vertente crítica precisa de estratégias que permitam buscar seus objetivos profissionais, caminhando para a aproximação com a essência humana e com o processo de elevação do arcabouço genérico humano.

Nessa perspectiva o Serviço Social deve atuar numa perspectiva de totalidade, onde questões singulares são ligadas as universais e constituem um particular, considerando que a proposta da profissão é vinculada a um projeto que tem uma direção rumo a uma nova sociabilidade.

Deste modo, além das demandas emergenciais e materiais, que intentam atender as necessidades sociais objetivas, a dimensão socioeducativa da profissão perpassará toda a natureza da profissão, buscando a efetivação do projeto ético político profissional.

É através desta dimensão socioeducativa que é possível ampliar o desvelamento das expressões da questão social e das contradições dessa sociedade por parte dos usuários, contribuindo com essa aproximação com a essência genérica humana.

A categoria de mediação, nesta dimensão socioeducativa, que vai permitir aproximações e com as determinações da realidade social e com a essência humana. Ela é, entretanto, processual e não um produto pronto, e contempla a negação do imediato e a aproximação com as determinações da realidade concreta.

A arte, neste sentido, ultrapassa a dimensão concreta, apesar de provir desta, e abarca o subjetivo. Ela é reflexo sensível da realidade concreta, e entendemos esse reflexo enquanto mediação e contribuinte para o despertar da consciência crítica e a processual ruptura com a alienação própria da ordem burguesa.

Entender a arte enquanto mediação no Serviço Social, supera a busca por técnicas isoladas e engloba a negação e a superação, trazendo a possibilidade de pensar a instrumentalidade profissional de forma mais criativa e sensível e de uma forma a exaltar a dimensão socioeducativa.

É importante lembrar aqui que o processo educativo tem uma bipolaridade e que nos referimos aqui a uma dimensão socioeducativa na perspectiva crítica, dialética e democrática, e não disciplinadora ou meramente informativa.

No período de ascensão da profissão, entretanto, seu caráter educativo era constituído por atividades disciplinadoras, que trabalhavam com higiene, harmonia familiar, capacitação de mão-de-obra com a tecnização e adequação dos trabalhadores, disseminação do moralismo e de valores como "honestidade e trabalho", além de sua face filantrópica e, muitas vezes, assistencialista favorecendo maior controle das massas por parte da burguesia.

Nesse mesmo sentido, é importante esclarecer que ao compreender que nos apropriamos da perspectiva da arte enquanto categoria de mediação com a realidade concreta, que contribui para a ampliação de possibilidades no processo de elevação do arcabouço genérico humano social e passível de todo ser social e não como mero tecnicismo, como muitas vezes ocorre na sociedade capitalista, incluindo o artista na divisão social e técnica do trabalho, trazendo assim limitações para a execução de sua arte e o fazendo atender a critérios e demandas, inclusive, da classe dominante no sentido de reprodução ideológica.

É por isso ainda que entenderemos a arte enquanto categoria de mediação no Serviço Social, uma arte em sua dimensão ontológica do ser social, mediatizando as determinações da realidade social, em busca de uma aproximação e intervenção na mesma, e, por conseguinte, influenciando no processo de elevação desse arcabouço do ser humano genérico, contribuindo com a constituição da consciência coletiva.

Nas críticas a Shakespeare de Engles e Marx (2010b, p. 200), podemos perceber que não concebiam que a arte precisasse de técnicas altamente desenvolvidas, mas de expressão e sensibilidade, e de influência na consciência, com seu potencial transformador.

Contudo, não proporemos que o assistente social seja um artista técnico, no sentido do artista enquanto trabalhador dentro do nosso contexto social estrutural, mas um profissional que utilize dessa categoria de mediação com o mundo dos homens e com a relação com os usuários, em suas ações profissionais.

Deste modo, entenderemos essa categoria de mediação no cotidiano profissional, que é o mundo das objetivações, onde se pode concretamente efetivar a prática profissional, articulando continuamente todas as dimensões da profissão.

A arte enquanto categoria ontológica de mediação pode contribuir para o Serviço Social e seus objetivos e princípios ético-políticos profissionais, que vimos anteriormente, pois

[...] pode elevar o homem de um estado de fragmentação a um estado de ser íntegro, total. A arte capacita o homem para compreender a realidade e o ajuda não só a suportá-la como a transformá-la, aumentando-lhe a determinação de torná-la mais humana e mais hospitaleira para a humanidade. (FISHER, 1971, p. 57 apud SANTOS, V., 2012, p. 3).

No Serviço Social, a arte traduz-se na mediação da singularidade e da universalidade, constituindo-se em si própria como particularidade, expressando a realidade concreta como uma síntese sensível e, por conseguinte, permitindo ao assistente social uma aproximação e intervenção, transformação, dessa realidade objetiva.

Portanto, enquanto uma mediação e não um produto pronto e determinado. E nem somente uma ligação entre o universal e o singular. No conhecimento teórico, pois, esse movimento de dupla direção vai de um extremo ao outro tendo como termo intermediário a particularidade, uma função mediadora, perfazendo assim a tríade categorial.

A arte, entretanto, como mediação nessa relação dialética, converte-se constantemente uma categoria na outra num movimento constante no processo de reflexo da realidade. E “No interior deste último movimento (de um extremo ao outro) é que consegue se expressar o caráter peculiar do reflexo estético.” (LUKÁCS, 1978, p. 161).

Contudo, Lukács (1978, p. 161) nos mostra que no reflexo estético,

[...] o termo intermediário torna-se literalmente o ponto do meio, ponto de recolhimento para o qual os movimentos convergem. Neste caso, existe “um movimento da particularidade à universalidade (e vice-versa), bem como da particularidade à singularidade (e ainda vice-versa) e em ambos os casos o movimento para a particularidade é o conclusivo.

Assim, a arte e o reflexo estético enquanto categoria de mediação no Serviço Social, permitem ao assistente social o conhecimento, mas através dos seus meios específicos, da totalidade da realidade em sua “Explicitada riqueza de conteúdos e formas modificando decisivamente [...] o processo subjetivo, ele procura modificações qualitativas na imagem reflexa do mundo.” (LUKÁCS, 1978, p. 161).

Ou seja, apesar de nunca ser possível a apreensão total do real, a arte e o reflexo estético permitem aproximações com os seus conteúdos/determinações, o que possibilita a busca por estratégias inclusive de intervenção nessa realidade.

Lukács (1978, p. 221) nos traz que a especificidade da arte se traduz no fato de que “A essência se dissolve completamente no fenômeno, e na obra de arte, jamais ela pode assumir uma forma autônoma, separada do fenômeno, ao passo que na ciência ela pode estar separada dele – conceitualmente”, se tornando assim uma categoria de mediação enriquecida para o assistente social que intervém diretamente na realidade social, pois se revela mais próxima da vida que a ciência.

Na ciência é possível prever o futuro a partir do modo de ser puro da universalidade, enquanto que na criação artística, conduz-se a previsão a partir do reencontro perfeito da universalidade superada na particularidade.

Assim, “A individualidade da obra de arte pertence a particularidade, sua generalização artística eleva toda singularidade à particularidade, representa através de símbolos na particularidade tudo que é universal.” (LUKÁCS, 1978, p. 249).

Contudo, a arte pode criar uma nova unidade de fenômeno e essência, quando “Penetra todas as formas fenomênicas de tal modo que elas, em sua manifestação, o que não ocorre na realidade mesma, revelam imediata e claramente a sua essência.” (LUKÁCS, 1978, p. 222).

Nesse processo contínuo e dinâmico, a particularidade é fixada de modo que não pode mais ser superada, pois “Sobre ela se funda o mundo formal das obras de arte.” (LUKÁCS, 1978, p. 161).

A superação da universalidade e da singularidade na particularidade, que tem um processo recíproco na criação e recriação (inclusive mediada pela arte) “Fixa em cada oportunidade, um grau do desenvolvimento da humanidade para a consciência humana.” (LUKÁCS, 1978, p. 162).

Quanto mais mediações o assistente social reconhecer (considerando que elas já existem na realidade social concreta) e reflexivamente realizar as múltiplas conexões, maior será a força criadora.

No materialismo dialético, a particularidade se modifica no reflexo estético, que não é estático e nem cópia da realidade, mas sua posição estrutural mantém-se a mesma.

Por conseguinte, a arte permite, enquanto categoria de mediação, a aproximação do assistente social com a essência da realidade social, através de um reflexo sensível da mesma, o que permitirá a criação de possibilidades e estratégias de atuação nesta realidade concreta.

3.2 Ato por ato: particularidades desta pesquisa participante

Neste momento, nos aproximaremos com os resultados da pesquisa participante realizada. Como já vimos no decorrer dessa dissertação, foi realizada uma pesquisa participante na EE Prof^a Therezina da Fonseca Pares, com famílias dos alunos das classes de 1º e 2º ano do ensino fundamental. Participaram efetivamente da maioria dos encontros dez sujeitos.

Essas classes foram escolhidas por estarem sendo inseridas nesse ambiente recentemente e precisarem mais de criação de vínculos com a escola.

As famílias foram convidadas, por intermédio da coordenadora pedagógica da escola e através de um convite elaborado pela pesquisadora, a participarem de encontros onde refletiríamos sobre temas de relevância social que fossem do interesse delas.

Foram realizados ao total, seis encontros com duração média de duas horas e meia. Foram propostos oito encontros com as famílias (um semestre escolar, com frequência quinzenal), mas em dois deles não houveram participantes e foi realizada apenas uma reflexão com a coordenadora pedagógica da escola.

Nestes encontros foram realizadas atividades artísticas que envolveram a modalidade da música e das artes plásticas, com enfoque na criação de um mural, conforme escolha dos próprios participantes.

Esses encontros eram bastante democráticos e a pesquisadora e assistente social sempre propunha e tentava promover um espaço de participação e construção coletiva.

As músicas que foram escutadas foram levadas pela pesquisadora e tratavam de temas de relevância social, temas geradores, que poderiam ampliar o debate e alcançar algumas particularidades daqueles participantes.

A partir delas, os participantes foram identificando questões como a desigualdade social, e o direito à educação, onde foram refletindo a respeito, inclusive com o adendo dos conhecimentos profissionais da assistente social acerca do assunto.

Os encontros foram sempre uma troca de conhecimentos, que permitia à assistente social se aproximar com as experiências e determinações das realidades dessas pessoas, assim como elas mesmas, permitindo uma identificação coletiva e uma perspectiva macro das situações trazidas.

Também foram realizadas algumas pinturas em grupos acerca dessas temáticas, reflexos estéticos e sensíveis de suas realidades, que depois os participantes apresentaram uns aos outros, trazendo novos elementos para reflexão.

Nessas pinturas surgiram outros temas como família e paz, que também foram reconhecidos, identificados e refletidos no coletivo, somando os conhecimentos e experiências de todo o grupo.

As pinturas em grupo e as músicas trouxeram a desigualdade social como tema gerador, elas propunham reflexões que decorressem desse tema amplo, que não foi escolhido aleatoriamente, mas sim a partir do prévio conhecimento de determinações da realidade social. Contudo, foi utilizado um tema gerador que perpassasse o universo daquelas pessoas,

não se descolando de suas realidades e vivências. O tema gerador é uma ideia originária da proposta de educação de Paulo Freire, e

[...] parte do Estudo da Realidade (fala do educando) e a Organização dos Dados (fala do educador). Nesse processo surgem os Temas Geradores, extraídos da problematização da prática de vida dos educandos. Os conteúdos de ensino são resultados de uma metodologia dialógica. Cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica dispõe em si próprio, ainda que de forma rudimentar, dos conteúdos necessários dos quais se parte. O importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. (apud FEITOSA, 1999, [p. 1])⁷.

Posteriormente se deu início a criação do mural, modalidade artística escolhida por todo o grupo para ser realizada, de modo que a atividade tivesse sentido e fosse prazerosa para todos os participantes.

Durante a elaboração do mural foram sendo reproduzidas dimensões da vida dos participantes, assim como identificações que iam surgindo, provenientes também das reflexões anteriormente realizadas e dos apontamentos profissionais e informações trazidas pela assistente social e pesquisadora.

Os principais temas que surgiram foram sobre direitos sociais: como assistência social, saúde, educação e acesso a serviços públicos. Nesse sentido, foram sendo desveladas concepções de pobreza e a culpabilização individual da mesma; a naturalização da violação dos direitos sociais e foi refletido acerca da participação popular e do reconhecimento das pessoas enquanto sujeitos sociais.

Contudo, ao longo das produções e fruições artísticas foram surgindo e sendo refletidos sobre temas de relevância social, desocultando algumas determinações da realidade e assim, traçando possibilidades de rompimento com processos alienantes.

A arte, enquanto mediação, pode reconhecer essas determinações da realidade concreta de todos os participantes e consequentes reflexões pertinentes a este universo.

Retomando e complementando neste momento, os principais temas que surgiram foram família, educação, relações sociais e comunitárias, desigualdade social, pobreza, direitos sociais, habitação, saúde, crianças e adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas, violência contra crianças e adolescentes, trabalho infantil, serviços públicos, participação social e, em especial, política de assistência social e serviços referentes ao Sistema Único de Assistência Social, SUAS.

⁷ Texto de Sonia Couto Souza Feitosa como parte da dissertação defendida na FE-USP (1999) intitulada: "Método Paulo Freire: princípios e práticas de uma concepção popular de educação".

Além de permitir essa mediação com particularidades, singularidades e universalidades deste coletivo, promovendo aproximações com essa realidade concreta, a arte também facilitou a criação de um ambiente descontraído, com atividades prazerosas e participativas/democráticas e passível de sensibilização, reflexão e alcance da essência do ser humano genérico.

Em cada encontro conhecíamos obras e/ou produzíamos objetos de arte, como o mural coletivo que levou alguns encontros para ser finalizado. Este mural também foi exposto posteriormente na escola para que as reflexões realizadas pelo grupo alcançassem outras pessoas.

Contudo, entendeu-se que as atividades foram bastante enriquecedoras e realmente permitiram uma aproximação da assistente social/pesquisadora com a realidade social da comunidade e, em especial, dos sujeitos da pesquisa.

Com o criar artístico, fortaleceu-se a expressão e a participação dos integrantes, e elevou a discussão para o plano da ação e da prática, tornando a atividade menos cansativa e mais tangível.

O principal tema a ser refletido, por escolha dos participantes, foi o da Política de Assistência Social, que perpassa temáticas como direitos sociais e participação popular.

As atividades tiveram sempre perfil horizontal e democrático e objetivam a discussão dos temas relevantes pensados anteriormente ou durante o processo.

A arte cumpriu o papel de recriar a realidade, ao retratá-la de forma sensível, e assim desvelar a universalidade em uma particularidade, como mediação do trabalho da assistente social pesquisadora.

Para encerrar esse item, coloco essa tirinha do Armandinho (BECK, 2015) que traz uma reflexão acerca da superação do imediatismo, se aproximando assim com nossa discussão sobre a arte enquanto mediação, para busca da essência e autoconscienica:

ILUSTRAÇÃO 4: Armandinho: opinião pronta



Fonte: Beck (2015).

Ainda, ao longo deste capítulo será apresentada uma análise sobre o mural construído e sobre as entrevistas orais realizadas após o encerramento dos encontros e no Apêndice D é possível visualizar os relatórios elaborados ao final de cada encontro, e assim se aproximar mais do desenvolvimento desta pesquisa participante.

3.3 Os tons das cores: análise do mural

A obra de arte é a principal manifestação da forma da estética genuína e original. É a “Objetificação do reflexo estético da realidade, no processo criador e no comportamento estético-receptivo em face da arte.” (LUKÁCS, 1978, p. 184).

A forma artística, pois, é a “Forma específica e peculiar daquela determinada matéria que constitui o conteúdo de uma dada obra.” (LUKÁCS, 1978, p. 184).

A obra de arte contém um conteúdo, que é a sua especificidade, é a materialização do reflexo estético da realidade, portanto, a ela não se aplicam unicamente as leis universais, ainda que as suas técnicas tenham sim uma influência do desenvolvimento da humanidade, inclusive da ciência.

Mas ela é em si uma particularidade, não segue, como a ciência, apenas tendências generalizadas de técnicas. Assim, o mural, produto do processo criativo realizado na pesquisa participante, constitui-se de um reflexo estético da realidade social desses sujeitos sociais que participaram, enquanto produto da arte enquanto categoria de mediação com essa mesma realidade e essência.

Nesse sentido, salientamos que não nos prendemos na realização dessas atividades a técnica, tendo em vista que ela é só

Um instrumento para expressar com a máxima perfeição possível a reprodução criadora da realidade que resumimos no princípio de forma de um conteúdo determinado, na função organizadora de um nível específico de particularidade por cada obra de arte. [...] este meio organizador é diverso de acordo com o período, o gênero, com o estilo, com a personalidade, etc. Portanto, uma técnica só é fecunda e progressista, em sentido artístico, quando favorece o florescimento próprio desta particularidade. (LUKÁCS, 1978, p. 190).

Deste modo, buscamos imprimir a identidade dos participantes, a subjetividade e recriar a realidade em nosso produto desse reflexo estético, na produção processual de uma particularidade própria e o valor da produção artística não é proporcional à perfeição técnica.

Portanto, para Lukács (1978, p. 203) é inerente a estética a necessidade de

Representar com verdade objetiva e ao mesmo tempo com um mundo humano, adequado ao homem, uma realidade que existe independentemente da consciência humana. Esta necessidade impõe a universalização, aqui descrita, da subjetividade no particular, bem como a superação de qualquer puro universal na subjetividade humanizada do particular.

Trazer elementos do que é existente e concreto e traçar o novo, que será uma particularidade proveniente do processo de reflexo, escolhas (nunca totalmente voluntárias) e da universalização das singularidades imediatas.

“A vida reproduz sempre o velho, produz incessantemente o novo, a luta entre o velho e o novo penetra em todas as manifestações da vida.” (LUKÁCS, 1978, p. 219).

Nosso mural, enquanto obra artística, e as atividades artísticas no Serviço Social, refletem a mesma realidade que poderia ser refletida pela ciência ou pela filosofia, tendo um reflexo universal que busca a totalidade e a essência, mas não despreza no conjunto das múltiplas determinações dessa realidade, a realidade objetiva e o reflexo subjetivo.

A arte, contudo, jamais representa singularidades, mas sim e sempre totalidades, ou seja, ela não pode se concentrar em reproduzir homens com suas aspirações, suas propensões, aversões, etc.: ela deve ir além, deve orientar-se para a representação do destino dessas tomadas de posição em seu ambiente histórico-social. (LUKÁCS, 1978, p. 226).

Sendo assim, o fazer artístico no Serviço Social, possibilita a aproximação com a essência da realidade social, para possíveis contribuições na elevação da consciência e, por conseguinte, a intervenção nessa mesma realidade e um direcionamento nessa intervenção e transformação, que caminhe, assim, para a elevação do ser social genérico.

Nesse momento é que vamos analisar, por conseguinte, melhor sobre o mural que foi produzido durante os encontros com as famílias na pesquisa participante, que foi o produto artístico que recriou a realidade concreta de forma sensível, trazendo o novo para a vida social e constituindo-se enquanto obra artística, na perspectiva da arte enquanto categoria de mediação do Serviço Social.

O mural foi construído coletivamente, durante os encontros, enquanto conversávamos e refletimos sobre cada tema, assim como trocávamos experiências e saberes.

Os participantes ficaram em uma roda, criando com materiais como vários tipos de tinta, lápis, glíter e outros, uma imagem simultaneamente.

Primeiramente, seguem fotos do mural realizado, para posterior análise:

ILUSTRAÇÃO 5: Foto 1 do mural produzido no encontro artístico na EE Profª Therezina da Fonseca Pares



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos.

ILUSTRAÇÃO 6: Foto 2 do mural produzido no encontro artístico na EE Profª Therezina da Fonseca Pares



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos.

No mural, os participantes do grupo registraram algumas de suas experiências de vida e um pouco de sua realidade social. Foi possível conhecer, através dele, algumas das determinações de suas suas realidades sociais vivenciadas cotidianamente.

Foi feito no centro do mural uma forma que lembra um caminho, circularidades e cores em imagem abstrata, expressando de forma sensível as emoções dos participantes. Segundo próprio relato deles, essa forma com cores diversificadas traduz as diferenças presentes no próprio grupo, porém que não impedem de se unirem e buscarem juntos um objetivo coletivo, ou de aprenderem uns com os outros e estabelecerem vínculos, criando assim um único corpo coletivo “colorido”, portanto representando a diversidade.

Além disso, a imagem de caminho pode nos trazer algumas reflexões frente ao que o grupo trouxe de objetivo coletivo. O grupo está junto percorrendo um mesmo caminho, processual e contínuo.

Também foram recriadas no mural as particularidades de cada um, e de todos juntos. Apareceram reflexos das casas e da comunidade, da rede sócio-assistencial e outros serviços públicos que atendem essas famílias (como a instituição “Padre Haroldo”, para pessoas que fazem uso de substâncias psicoativas, o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e o Centro de Saúde), demonstrando a relevância desses espaços públicos e serviços para essas pessoas.

Podemos ver nessa ampliação do mural a seguir, o desenho de uma casa e do Padre Haroldo, que atendeu a família da participante que o representou com a ajuda dos colegas:

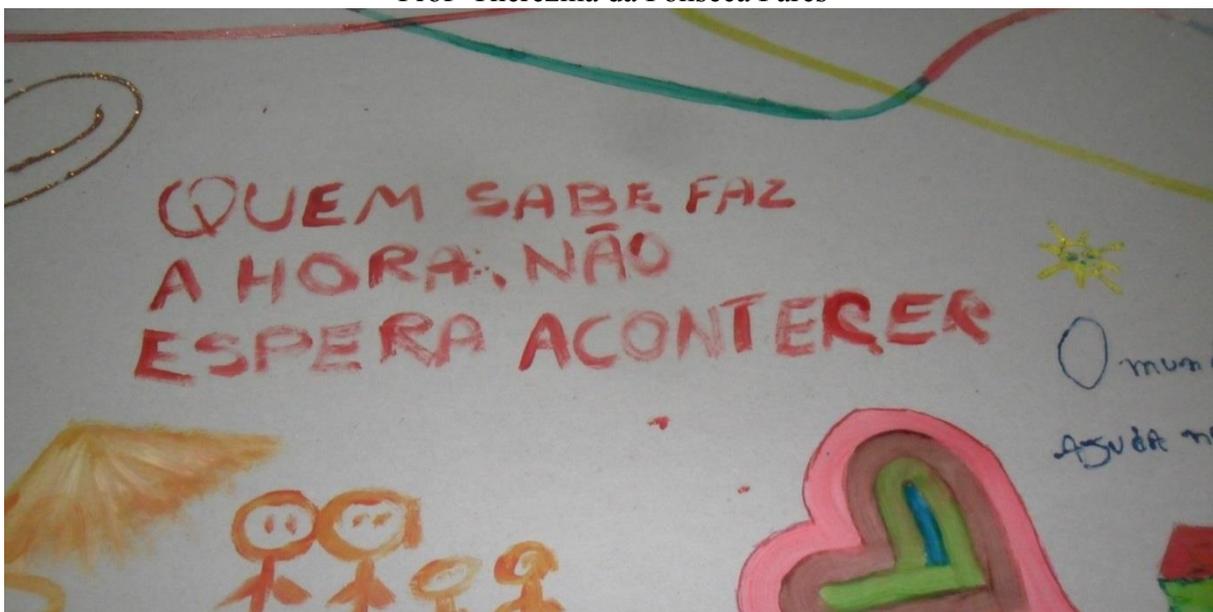
ILUSTRAÇÃO 7: Foto 3 do mural produzido no encontro artístico na EE Prof^a Therezina da Fonseca Pares



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos.

Também trouxeram através de linguagem escrita um pouco dos seus desejos enquanto seres sociais, como pedidos de paz, frases que destacam a necessidade da força coletiva e a potencialidade de todos na busca por transformações, como a que vemos a seguir “o mundo precisa de toda ajuda necessária” e até um trecho de música, da época da tropicália, cheio de significâncias: “quem sabe faz a hora, não espera acontecer” (Geraldo Vandré – Pra não dizer que não falei das flores).

ILUSTRAÇÃO 8: Foto 4 do mural produzido no encontro artístico na EE Profª Therezina da Fonseca Pares



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos.

ILUSTRAÇÃO 9: Foto 5 do mural produzido no encontro artístico na EE Profª Therezina da Fonseca Pares



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos.

Contudo, acreditamos que a criação do mural enquanto produto das atividades artísticas realizadas, atendeu aos objetivos de fortalecer o grupo e suas relações e de assim a arte constituir-se enquanto categoria de mediação, trazendo proximidade com a essência da realidade dessas pessoas, seus desejos e alguns elementos de suas vidas, não como mero “espelho”, mas refletindo-as no surgimento, inclusive, de uma nova realidade.

As principais temáticas que foram refletidas no mural (produto da criação) foram:

- Família [apareceu em cinco momentos], aparece trazendo seu protagonismo nas vidas dos sujeitos da pesquisa, através da pintura de duas famílias nucleares e de três pinturas de casas, compondo o ambiente familiar. É importante destacar que uma das casas também aparece, no mural, junto a seguinte frase –de mesma cor- “Eu quero meus direitos”, o que pode nos remeter a requisição do direito à moradia. Essa figura também aparece ao lado da figura da Escola pública, podendo refletir o protagonismo desses espaços em questão de convivência familiar e comunitária;
- Aspiração por paz [apareceu em três momentos], reconhecida como intrínseca ao amor, a aspiração por paz é refletida na exigência escrita no moral “Queremos paz” e em imagens de corações coloridos que relataram ser representações de seus desejos por leveza, amor e paz na vida cotidiana;
- Desejo de transformação via luta coletiva [apareceu em três momentos], com o trecho da música “Para não dizer que não falei das flores – Geraldo Vandré” que foi escrito no mural, a frase também escrita “O mundo precisa de toda ajuda necessária” e a forma circular do centro do mural que representa a união dos diferentes por um objetivo comum. Essa discussão que perpassa a temática dos direitos sociais, também trouxe a transcrição da frase citada acima “Eu quero meus direitos”;
- Políticas Públicas [apareceu em três momentos], como também impactante na vida dos usuários, foram representadas políticas públicas como a da Educação e da Assistência social, através da produção de imagens de espaços públicos desses setores.

Todas essas discussões e categorias presentes na produção artística, foram resultado das realidades sociais particulares de cada participante, assim como das discussões realizadas

com a pesquisadora e assistente social e traduziu o que era mais relevante naquele momento de reflexão e o que gostariam de exteriorizar.

Os conteúdos que apareceram refletidos de suas vidas sociais e criando uma nova particularidade, são conteúdos bastante pertinentes a atuação do assistente social, em especial em sua dimensão socioeducativa (que como vimos, perpassa todas as outras intrinsecamente), no incentivo a reflexão crítica e, por conseguinte, na busca por mudanças.

A arte constituiu uma das mediações com a realidade dos participantes, possibilitando o desocultamento de determinações dessa realidade como o reconhecimento dos direitos que não são garantidos a essas pessoas (condições dignas de habitação e transporte, atendimento de qualidade na rede de saúde, segurança de renda) e a desmistificação de alguns ideários dominantes e alienantes, como a culpabilização e naturalização da pobreza, e permitiu, assim, que fossem realizadas reflexões acerca de mudanças que desejavam, assim como reflexões acerca de seus direitos sociais.

Também, através dessas mediações, a pesquisadora/assistente social conseguiu se aproximar dessa realidade social dinâmica e complexa, conhecendo-a um pouco mais para poder, assim, pensar em outras ações a serem realizadas com aqueles indivíduos (sem esquecer que os encontros já são por si só intervenções concretas, que comporão de algum modo a história daqueles participantes).

3.4 Os tons das vozes: análise das entrevistas

Assim percebemos como o mural e outras modalidades artísticas possibilitaram a aproximação com esses temas, com determinações da realidade concreta dos participantes, que trouxeram elementos de sua vida social e cotidiana e que alguns itens em que refletimos ficaram registrados em suas memórias, demonstrando como a arte contribuiu com a reflexão sensível acerca dessas questões, que permitem a construção do conhecimento, da consciência e do real desejo de intervir enquanto ser social.

Ruben Alves (2010, p. 24) já disse que “[...] sonhos não moram em argumentos ou razão. Sonhos moram nas imagens e poesias.” Portanto, para intervir na consciência, efetivando de fato uma ação socioeducativa e não meramente informativa, é imprescindível que se adentre também na esfera emocional e reflexiva humana, o que é possível, como está sendo visto ao longo desta pesquisa, com a arte.

Neste item, conheceremos também as expressões verbais, decorrentes das entrevistas semi-estruturadas, realizadas posteriormente a pesquisa participante. As entrevistas tiveram

duração entre 15 e 45 minutos e suas transcrições na íntegra podem ser conferidas no Apêndice C.

Durante os encontros, participaram dez pessoas. Foram convidados para realizarem a entrevista oito desses dez participantes que compuseram os encontros. Os dois que não foram convidados foi por terem mudado de região e de escola e não conseguirmos localizá-los.

Contudo, segue gráfico referente aos participantes que realizaram entrevistas:

GRÁFICO 1: Participantes dos encontros que realizaram as entrevistas



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos.

Traçando uma caracterização para apresentação dos participantes da pesquisa que realizaram a entrevista (segunda etapa da pesquisa), podemos perceber que a maioria não possui o ensino médio completo, correspondendo também ao alto índice de baixa escolaridade da região (conforme vimos anteriormente).

Com exceção da coordenadora pedagógica da escola, que compôs os encontros e possui ensino superior e de uma das participantes que possui ensino médio completo, o restante não chegou a concluir o ensino médio, conforme representado no gráfico a seguir:

Podemos verificar essas informações no gráfico a seguir:

GRÁFICO 2: Escolaridade dos participantes que realizaram as entrevistas



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos.

Outro dado importante é de que a grande maioria era do gênero feminino. Tendo apenas um homem enquanto participante:

GRÁFICO 3: Gênero dos participantes que realizaram as entrevistas



Fonte: Produção do próprio autor.

Com isso, podemos perceber a hipótese de que a participação das mulheres nesses espaços educacionais ainda prevalece e refletir, inclusive, sobre o papel cultural das mães enquanto responsáveis pelas tarefas educativas dos filhos (como acompanhamento escolar, ainda que essa não fosse a proposta do grupo).

Conforme gráfico a seguir, a faixa-etária incluiu pessoas de 30 a 67 anos, constituindo um grupo de adultos com algumas pessoas idosas. Existiu bastante respeito entre essas pessoas de gerações um pouco diferentes. Porém, constatamos que, a maioria dos participantes se encontram na faixa etária de 30 a 39 anos.

“Na trajetória da Política Educacional brasileira, estão imbricados posicionamentos políticos e ideológicos que são determinados pelo contexto histórico, isto é, pelas forças políticas e os antagonismos dos projetos societários presentes naquela dada realidade.” (MARTINS, 2011, p. 45).

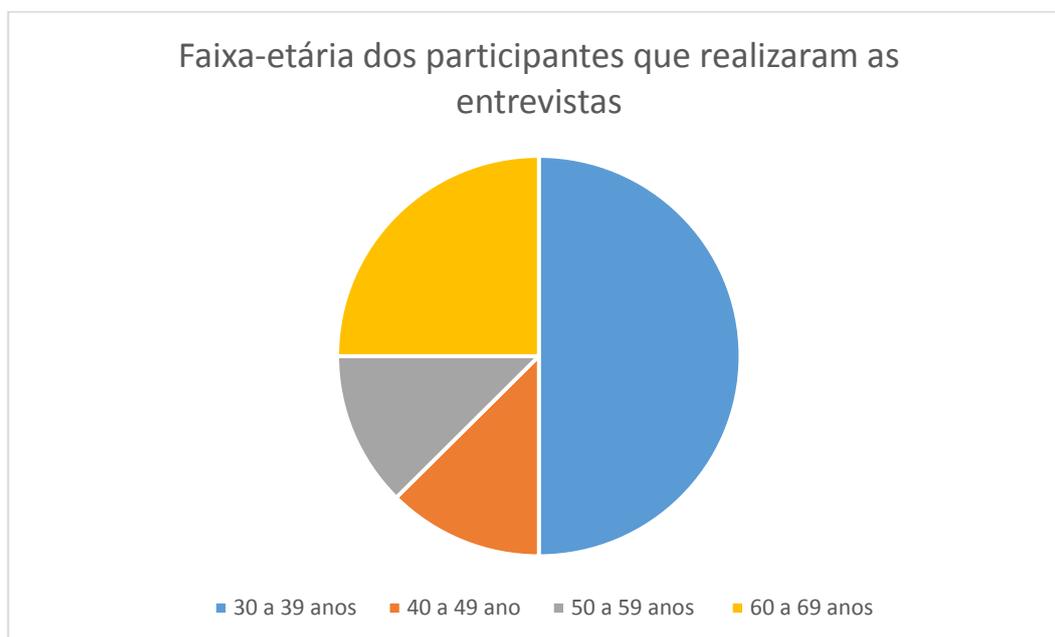
E é por isso que, ainda que alguns não tenham concluído o ensino básico, fundamental e/ou médio, é interessante destacar que frequentaram a rede de ensino na década de 1990, que foi marcada por um período de reformas políticas, ideológicas e estruturais no aparelho do Estado, nas relações capital/trabalho e na educação, provenientes da demanda de contensão da crise econômica que atingia o país, que vinha tendo a motivação atribuída a tentativa de implantação do Estado de Bem Estar Social.

Destacam-se, assim, a ampliação de “Noções de globalização, Estado mínimo, reengenharia, reestruturação produtiva, sociedade pós-industrial, sociedade pós-classista, sociedade do conhecimento, qualidade total, empregabilidade etc.” (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2003, p. 95).

Contudo, essas reformas que refletiram na política de educação, adotaram princípios da teoria liberal que criticava o Estado de Bem Estar Social e defendia a necessidade de “[...] reformar o Estado e suas instituições para corrigir distorções e aumentar sua eficiência, inserindo, assim, o Brasil na nova organização do modo de produção capitalista” e o discurso reformista afirmava que a ineficiência do Estado era a razão do “fracasso escolar” (NAIDER FILHO, 2008, p. 113).

Nesse sentido, esses participantes frequentaram a rede de ensino neste momento histórico de crise e reestruturação ideológica e metodológica na educação, voltada para uma hierarquização e controle, o que pode justificar, inclusive, algumas concepções que permeiam suas falas nas entrevistas.

GRÁFICO 4: Faixa etária dos participantes que realizaram as entrevistas



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos.

Outro dado importante para contribuir na análise da faixa etária desses participantes, é o de que as duas pessoas idosas que participaram eram avós dos estudantes da escola, e estavam compondo esse grupo como representantes familiares enquanto os responsáveis pelas crianças estavam realizando outras atividades como trabalho e cuidados com a casa.

Isso nos mostra como são dinâmicos os cenários das famílias brasileiras e a contribuição de todos os parentes na formação das crianças.

Contudo, a partir dos gráficos ilustrados nessa pesquisa, percebe-se que apesar de algumas semelhanças, existiu uma heterogeneidade que foi enriquecedora, pois trouxe muitas histórias de vida e diferentes experiências e perspectivas.

Realizada essa aproximação com o perfil das pessoas que compuseram a pesquisa participante e responderam as entrevistas semi-estruturadas, para entendermos um pouco de suas singularidades e o que podem refletir em suas respostas, apresentaremos agora a análise do conteúdo dessas expressões verbais.

As entrevistas foram realizadas no mês de março de 2015, oito meses após o encerramento dos encontros feitos na pesquisa participante (último encontro aconteceu dia 10 de junho de 2014).

Essa opção por esse espaçamento de tempo entre a realização das atividades e as entrevistas foi justamente para que fosse possível identificar o que ficou registrado na memória e os resultados que ocorreram nas vidas, após esse período, desses participantes.

As entrevistas foram direcionadas a partir de um roteiro aberto (Apêndice A) que tinha como objetivo traçar um caminho, mas permitir que fossem trazidas as distintas memórias e relevâncias da pesquisa participante para cada sujeito da pesquisa.

Deste modo, conseguimos entender como resultaram as atividades artísticas enquanto mediação, no fazer profissional do assistente social.

As verbalizações dos participantes foram transcritas, conforme podem ser conferidas na íntegra, salvaguardado o sigilo dos participantes, no Apêndice C e aqui serão identificados os tons dessas vozes.

Para facilitar a apreciação das falas e a aproximação com os sujeitos de pesquisa, foi elaborado o quadro a seguir com informações como sexo, idade e escolaridade e pseudônimos criados para os participantes.

Ao longo da análise das entrevistas, foram apresentadas as falas através da utilização desses pseudônimos, para trazer mais personalidade e proximidade com esses sujeitos e permitir uma maior compreensão conjuntural do conteúdo que eles trouxeram e ao mesmo tempo preservar a identidade de cada um. Para fazer uma referência à “arte”, utilizamos como pseudônimos nomes de artistas, sendo essa também uma singela homenagem.

QUADRO 2: Informações do perfil dos participantes identificados através de pseudônimos

Quadro com informações do perfil dos participantes identificados através de pseudônimos			
Pseudônimo	Sexo	Idade	Escolaridade
Florbela Espanca	Feminino	45	Superior Completo
Mário Quintana	Masculino	34	Médio Incompleto
Clarice Lispector	Feminino	65	Fundamental Incompleto

Quadro com informações do perfil dos participantes identificados através de pseudônimos

Cecilia Meireles	Feminino	59	Fundamental Incompleto
Hilda Hilst	Feminino	63	Fundamental Incompleto
Cora Coralina	Feminino	30	Médio Incompleto
Pagu	Feminino	31	Fundamental Completo
Rachel de Queiroz	Feminino	34	Médio Completo

Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos.

- Os tons das vozes

Ao longo das entrevistas, o “tom” mais expressivo se referiu ao CRAS e aos benefícios, especialmente o Programa Bolsa Família. Apenas uma pessoa não falou sobre o CRAS na entrevista, e apenas uma outra pessoa não falou sobre nenhum tipo de benefício/programa da Política de Assistência Social.

É importante destacarmos que todos falaram sobre os benefícios, sobre o CRAS e os serviços ofertados por esse equipamento social, com a perspectiva do direito social, tendo em várias das falas, inclusive, a lembrança sobre as reflexões acerca dos direitos sociais de maneira ampla e sobre a política de Assistência Social enquanto direito social. Isso fica bastante claro neste trecho da fala de Raquel de Queiroz (informação verbal)⁸.

⁸ Entrevista concedida por Raquel de Queiroz. Entrevista II. [mar. 2015]. Entrevistador: Bianca Nogueira Mattos, 2015. Transcrita (40 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

Eu não sabia desses direitos que a gente podia buscar, correr atrás e conseguir e achei bem interessante ir esclarecendo, abrindo a mente [...] passa tanta coisa na cabeça, falamos sobre a dificuldade de cada um, sobre os nossos direitos, expressamos em desenho no mural, foi divertido, atrativo, todo mundo gostou e participou.

No que diz respeito ao que os participantes trouxeram sobre o CRAS, também é relevante que alguns informaram ter ido conhecer esse espaço procurar por serviços, encaminhamentos, cursos e inclusão em benefícios, comprovando que as informações trazidas no grupo e as construções acerca dos direitos sociais e da participação popular deram alguns passos na vida cotidiana prática e imediata dessas pessoas. Na seguinte fala de Hilda Hilst⁹ isso fica bastante explicitado:

Tinha dúvidas do CRAS, então (ao esclarecê-las) fui no Bolsa Família incluir meu filho e eu lembro que é um direito nosso.

Ainda sobre a assistência social, que foi o tema mais recordado e trazido nas entrevistas pelos participantes, destaca-se aqui que Cecília Meireles¹⁰ falou também sobre o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) e recordou que existem esses dois espaços distintos nessa política pública.

Alguns relataram que o conhecimento sobre o CRAS foi o que ficou mais registrado em suas memórias, posterior aos encontros, e que estavam compartilhando esse conhecimento com seus familiares, vizinhos e amigos (inclusive com outros familiares de outras crianças da escola). A identificação disso é expressiva, pois nos encontros conversamos bastante sobre compartilhar o que estávamos construindo com a comunidade, dos outros profissionais da escola e dos que nos são próximos, para que isso se fortalecesse no coletivo.

A arte aqui contribuiu com o fortalecimento dos vínculos e sentimentos comunitários, pois facilitou a reflexão, tornando sensível e perceptível algumas determinações ocultas da realidade e ideários alienantes. Com isso, pode facilitar o processo de elevação da autoconsciência e o arcabouço da genericidade humana.

Essa consciência coletiva e a aproximação com a identificação enquanto ser humano genérico aparece quando alguns dos participantes contaram que gostaram de

⁹ Entrevista concedida por Hilda Hilst. Entrevista V. [mar. 2015]. Entrevistador: Bianca Nogueira Mattos, 2015. Transcrita (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

¹⁰ Entrevista concedida por Cecília Meireles. Entrevista IV. [mar. 2015]. Entrevistador: Bianca Nogueira Mattos, 2015. Transcrita (25 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

conhecer sobre o CRAS ou sobre benefícios sociais, ainda que não vão utilizar seus serviços no momento, mas que puderam apoiar amigos ou familiares que precisavam, como foi o caso que relatou Raquel de Queiroz¹¹, sobre outro participante durante a criação do mural:

Cada pessoa colocou o problema, a dificuldade que tava enfrentando no papel e uma pessoa ali eu reparei que não tinha aquela necessidade do CRAS e muitas outras coisas, mas ela disse ‘não por mim, mas tô colocando isso no papel porque acontece perto da minha casa, eu vejo acontecer’, achei interessante, porque muita gente se coloca num círculo fechado de depressão, mas nunca aconteceu com ela, mas ela foi bem sincera e se viu no outro, eu admirei ela por isso, ela falou ‘isso não acontece comigo, mas acontece perto da minha casa, presencio todo dia’.

A principal resposta dos participantes, quando questionados nas entrevistas sobre como poderíamos aprimorar as atividades, vai de encontro com esse reconhecimento da importância das relações coletivas, pois propõe que sejam ampliados o acesso e as possibilidades de participação das pessoas.

Nesse sentido que também se optou por expor o mural que produzimos na escola, para que outros pudessem refletir conosco e ampliasse esse debate, e isso apareceu no seguinte depoimento de Cora Coralina¹²:

A gente fez o mural, pintou as coisas que conversou e depois colocou na escola pros outros pais poderem ver o que fizemos.

O grupo, a produção artística e as reflexões, inclusive decorrentes desta, promoveram um espaço de vivência coletiva e sensível, em meio a uma sociedade com valores cada vez mais individualistas e imediatistas.

Essa experiência nas relações sociais entre os participantes do grupo teve significado no reconhecimento da força coletiva em busca de conhecimentos e de mudanças, o que pode intensificar as organizações coletivas nas vidas cotidianas dessas pessoas.

¹¹ Entrevista concedida por Raquel de Queiroz. Entrevista II. [mar. 2015]. Entrevistador: Bianca Nogueira Mattos, 2015. Transcrita (40 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

¹² Entrevista concedida por Cora Coralina. Entrevista VI. [mar. 2015]. Entrevistador: Bianca Nogueira Mattos, 2015. Transcrita (20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

Nessa outra verbalização de Cora Coralina¹³, também fica expressivo esse fortalecimento do coletivo e das relações sociais e comunitárias, através do desenvolvimento de relações de amizade:

A gente fez amizade também, eu tinha ido com minha vizinha, a gente passa um tempo também com quem a gente tem perto e com a família, e lá encontra outras pessoas, né?

Quando um indivíduo se reconhece como sujeito coletivo, se identifica também como parte de um todo que está em constante movimento e assim, se enxerga como como sujeito social e ator para buscar seus direitos sociais.

Marx (2004) defende essa ideia de que o homem, e, por conseguinte o artista, possui um mundo pessoal e assim sua generalidade em si, uma figura na vida social, uma parte integral da sociedade, superando a própria particularidade ao buscar seu encontro com a espécie humana em uma personalidade coletiva e criativa.

O mural apareceu em um tom bastante expressivo também nas entrevistas. Todos os participantes falaram sobre o mural, e cada um recordou mais sobre o que produziu e a reflexão que estávamos fazendo que fora representada naquele objeto artístico. Os temas, discussões e questionamentos mais recordados nas entrevistas que foram representados no mural foram o direito a moradia, o acesso a alguns serviços públicos e a família.

É importante lembrar que buscou-se uma pesquisa democrática e participativa, e, assim, os temas foram construídos, contudo, coletivamente, pois, como nos disse a participante Pagu¹⁴:

“Não adianta impor um assunto que ninguém tá interessado, então tem que ouvir primeiro pra depois trazer o assunto, né?”

Outra questão que aparece nas vozes destes sujeitos, ainda que num tom “um pouco mais claro”, isso é, com menos destaque quantitativo, mas que compõe esse colorido de vozes com igual significado, foi sobre a importância da aproximação das famílias e comunidades com a escola. Na fala de Cora Coralina¹⁵ isso fica bastante evidente:

¹³ Entrevista concedida por Cora Coralina. Entrevista VI. [mar. 2015]. Entrevistador: Bianca Nogueira Mattos, 2015. Transcrita (20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

¹⁴ Entrevista concedida por Pagu. Entrevista VIII. [mar. 2015]. Entrevistador: Bianca Nogueira Mattos, 2015. Transcrita (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

¹⁵ Entrevista concedida por Cora Coralina. Entrevista VI. [mar. 2015]. Entrevistador: Bianca Nogueira Mattos, 2015. Transcrita (20 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

A gente conversou [...] sobre como é importante estarmos perto da escola, que é onde nosso filho fica.

Essas expressões verbais vão de encontro também com o reconhecimento enquanto sujeitos e atores sociais, seres coletivos que tem potencialidades para se organizarem, ocuparem os espaços públicos e se apropriarem de seus direitos.

O ultimo tom que colore os depoimentos de forma expressiva é o da desigualdade social. Alguns dos participantes trouxeram que através das conversas, das pinturas produzidas e das músicas que foram escutadas e realizadas reflexões a posteriori, foram questionando as estruturas da sociedade e a desigualdade social enquanto seu cerne e outras questões que a perpassam, como a culpabilização da pobreza. Isso pode ser percebido nessa lembrança que foi registrada por Pagu¹⁶:

Eu lembro da música que falava da pobreza, riqueza.

E também é percebido no seguinte questionamento de Florbela Espanca¹⁷:

Por que eu acho que não sou capaz, né? O que é me dado pra eu ser capaz?

Também é perceptível o registro deste quando ela diz que: “O que mais me marcou foi o primeiro encontro, quando você deu os materiais [...] eram materiais diferentes para falarmos sobre desigualdade de oportunidades.”

A reflexão sobre a desigualdade social e seus reflexos nas expressões da questão social, o desvelamento dessa categoria teórica extremamente significativa no sistema capitalista, decorreu especialmente de músicas das quais fruímos no encontro e de uma atividade de pintura em que representávamos os bens de produção e consumo.

Nestas e em outras falas que pode-se perceber como a arte facilitou esse processo de intensificação dessa percepção da estrutura da sociedade e de reflexão acerca da sociedade capitalista, que em sua essência e raiz produz e reproduz desigualdades sociais.

¹⁶ Entrevista concedida por Pagu. Entrevista VIII. [mar. 2015]. Entrevistador: Bianca Nogueira Mattos, 2015. Transcrita (30 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

¹⁷ Entrevista concedida por Florbela Espanca. Entrevista I. [mar. 2015]. Entrevistador: Bianca Nogueira Mattos, 2015. Transcrita (45 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

Contudo, a arte enquanto categoria ontológica e reflexiva de mediação permitiu desvelar algumas determinações da realidade social ocultas por uma propagação de um ideário dominante, com valores e ideias como a naturalização e a culpabilização da pobreza.

Ao observar algumas das falas dos participantes, tem-se a impressão de que reproduzem alguns discursos e ideários dominantes, o que é intrínseco a ordem burguesa. Entretanto, pode-se observar também com seus relatos que as atividades artísticas os levaram a refletir e desconstruir alguns desses (pré) conceitos. Consideramos assim como (pré) conceitos, por serem introjetados acriticamente, pelo senso comum, sem aprofundar as análises para aproximar-se da raiz, dos determinantes históricos.

O mural foi, contudo, um reflexo sensível da vida dos participantes, reproduzindo determinações de suas realidades e possibilitando que cada um identificasse na produção artística do outro as semelhanças com suas próprias realidades.

Com isso perceberam que não são meras causalidades e pudemos refletir juntos sobre a estrutura da sociedade capitalista, mas sim frutos e expressões de uma determinada ordem social. Também foram percebendo ao longo das reflexões que foram sendo conduzidas pela pesquisadora e assistente social, inclusive pelo arcabouço de conhecimentos da profissão, que são sujeitos sociais e sujeitos de direitos, e que esses direitos têm sido constantemente violados, conforme foram reproduzindo em suas pinturas.

Para acessar os direitos sociais é preciso, primeiramente conhece-los, e essas atividades e espaço possibilitaram o conhecimento de alguns direitos sociais.

O acesso ao direito pressupõe mobilização, ou seja, necessita para sua efetivação que o “sujeito” reivindique, direta ou indiretamente, o que a lei em princípio lhe assegura. Na realidade social, todavia, os usuários cujas histórias de vida são profundamente marcadas pela vulnerabilidade social, de modo acentuado, tendem a desconhecer seu estatuto de direito. (JOAZEIRO, MARIOSA, 2013, p. 196).

Os participantes perceberam, como pudemos ver, que as oportunidades não são as mesmas para todos, e foram rompendo com a mistificação de que a pobreza é responsabilidade individual.

Para Lukács (1965), a arte se dirige contra a alienação, pois sempre possibilitará reflexão. Portanto seria a principal e fiel função da arte a de

desfeticização, facilitando o poder de criação e de reconhecimento do produto criado, e enfrentando assim a alienação proveniente de estranhamentos, seja no trabalho ou em qualquer outra esfera produtiva.

Nesse sentido, essas atividades artísticas compuseram a dimensão sócioeducativa do Serviço Social, pois contribuíram para a

[...] capacidade crítica do indivíduo, bem como construir a cidadania, em um movimento de incentivo à participação na vida pública, facilitando a convivência e a solidariedade. Nesse sentido, propiciam ao grupo o descobrimento de si e do outro, das possibilidades e potencialidades que não enxergavam devido às marcas ideológicas [...]. (GIAQUETO, 2015, p. 77).

Lukács (1965) também nos traz que os olhos do artista que captarão a arte, mesmo que represente fielmente a realidade, nunca será instrumento de alienação, pois capta o real a partir de seu olhar singular que contém a interpretação e concepção do mundo e do gênero humano social, podendo o artista idear, inclusive, o mundo que luta contra a alienação.

O que colore a fala de todos os participantes são as lembranças e avaliações das atividades artísticas realizadas, onde disseram, por exemplo, que facilitou as expressões, a comunicação, a participação de todos e também sobre a beleza das obras produzidas e o prazer e as reflexões promovidas a partir das obras fruídas ou produzidas.

O participante Mario Quintana¹⁸ relatou isso dizendo que observou mais do que produziu, mas que teve um fruir artístico com a atividade realizada de forma prazerosa e que a obra produzida pelo grupo expressava as reflexões realizadas:

Achei bem legal, muito legal desenhar, os desenhos e conversar. Eu fiquei observando e achei muito bom mesmo. Os desenhos ficaram bonitos e foi de tudo que a gente tinha falado. Eu já não sou muito de desenhar, aí eu ficava mais observando mesmo, era mais observação. Mas observar é bom, foi bom, porque ficou muito bonito de olhar.

Isso, pois, através da arte se representa um reflexo da realidade social de forma sensível, conforme vimos anteriormente nesta pesquisa. Lukács (1965) diz que os olhos do artista [no sentido ontológico da arte que estamos nos apropriando aqui] ao captarem a realidade nunca a farão de forma alienada, pois ele capta esse real a partir

¹⁸ Entrevista concedida por Mário Quintana. Entrevista VII. [mar. 2015]. Entrevistador: Bianca Nogueira Mattos, 2015. Transcrita (15 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice C desta dissertação.

de um olhar singular que contém a interpretação do mundo repleta de reflexões, inclusive de concepções de mundo do arcabouço do ser humano genérico.

O ser social ao produzir a arte pode representar, inclusive, a realidade que deseja, onde o ser se aproxime de sua humanidade e essência humana.

Isso aconteceu no encontro onde representamos através de pinturas o que desejaríamos para nossas vidas. Os participantes representaram valores de paz, liberdade e várias imagens de convivência comunitária e familiar, possibilitando reflexões acerca desses desejos, de como se aproximam de fato com o ser ontológico e social e de como, nessa sociedade, podemos estar afastados dessa humanidade.

Contudo, a arte enquanto mediação, através especialmente do mural e das músicas como vimos aqui nas presentes falas, possibilitou aproximações com determinações da realidade social e permitiu que os participantes comessem a se apropriar, inclusive, do conhecimento acerca dos direitos sociais, que pode contribuir para a promoção de um processo de elevação da consciência enquanto seres sociais e genéricos.

Marx (2004) defende essa ideia de que o homem, e, por conseguinte o artista, possui um mundo pessoal e assim sua generalidade em si, uma figura na vida social, uma parte integral da sociedade, superando a própria particularidade ao buscar seu encontro com a espécie humana em uma personalidade coletiva e criativa.

Feitas essas análises, conclui-se este item com a constatação de que as lembranças relatadas pelos sujeitos expressaram o caráter antropomórfico da arte e as mediações que constituiu nesses encontros trouxeram sentido e podem ter contribuído para o processo de elevação da consciência dos participantes, pois

Grande parte das ações reais cai no esquecimento e apenas aquelas cuja essência, sentido, valor etc. permanecem elevados à consciência, como momento de uma etapa do desenvolvimento da genericidade, formam um material para as avaliações posteriores. (LUKÁCS, 2010, p. 99 e 100)

Por fim, foi possível perceber que a realização dos encontros com o advento das atividades artísticas, foram prazerosos e permitiram uma esfera de sensibilidade que facilitou o entendimento dos assuntos abordados, uma aproximação com a realidade social, desocultando algumas de suas determinações, o reconhecimento de vivências das realidades singulares de cada participante no coletivo, a ampliação do processo de reconhecimento dessas pessoas enquanto seres sociais, humanizados e sujeitos de direito.

Contudo, foi promovido um ambiente encantador para todos os participantes, e gratificante a profissional do Serviço Social e pesquisadora que pode reconhecer a dimensão socioeducativa da profissão se efetivando no exercício profissional na busca por contribuições que ampliem as possibilidades de um processo de elevação dessa consciência crítica e coletiva.

Entretanto, é importante esclarecer que essa contribuição foi limitada, pois ainda há muito a ser revelado da realidade múltipla e complexa, para que realmente os indivíduos se aproximem da sua essência humana. Porém, com a realização de uma ação contínua e com a apropriação da arte no exercício profissional cotidiano, as contribuições ao longo do tempo potencializariam esse processo.

É necessário reunirmos esforços, pensarmos estratégias e aprimoramentos para a atuação cotidiana, a fim de buscarmos cada vez mais uma prática que caminhe ao destino dos objetivos e princípios ético-políticos profissionais, pois

[...] a possibilidade de transformação dessa realidade adversa continua a ser tarefa do homem quando organizados politicamente em torno de projetos de ruptura: nosso empenho, nessa direção também se fortalece nas pequenas batalhas cotidianas que, embora limitada profissionalmente, podem consolidar politicamente o projeto profissional coletivo – a forma de resistência objetiva mais coerente com as intenções éticas assumidas. (BARROCO, 1999, p. 134).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de todas as reflexões e aproximações que buscou-se fazer ao longo dessa dissertação, fica possível perceber que, em uma atuação pautada numa perspectiva crítica, o assistente social deve buscar aproximações sucessivas com a realidade concreta onde investigará e intervirá diretamente.

Essas aproximações com as categorias da universalidade, singularidade e particularidade, que são intrínsecas, dinâmicas e indissociáveis e tem como lócus a categoria da mediação é de extrema importância se quisermos efetivar uma atuação profissional coerente com o projeto ético-político profissional. Entendendo ainda que, as determinações de uma realidade são complexas e múltiplas, fica claro que suas mediações são também intermináveis.

E são essas mediações que possibilitaram a superação da imediatividade e permitem assim, que a realidade aparente seja questionada e possivelmente enfrentada.

A ciência e a filosofia e a arte, na concepção marxista e lukácsiana são categorias de mediação, pois vão desvelando as determinações da realidade social e assim possibilitando o processo de rompimento com a alienação.

O modo de operar do ser social que produz a arte é autônomo do artista, pois “Surge do homem e se enraíza no homem” [LUKÁCS, 1978, p.595] se aproximando assim de forma livre da essência humana.

A arte, contudo, tem o benefício de realizar esses desvelamentos de forma sensível, permitindo numa ação socioeducativa o facilitamento da participação e da reflexão, inclusive de forma subjetiva, podendo contribuir para o despertar dos questionamentos dessa realidade que está sendo desvelada e o introjetamento de determinadas questões nas vidas cotidianas dos sujeitos sociais.

Contudo, a arte produz, assim como a ciência, mas com o favorecimento da característica antropomórfica, um reflexo dos homens sociais em suas relações sociais e com a natureza, sendo um elemento de mediação para a contribuição com o processo de elevação desse sujeito (LUKÁCS, 1978).

Os homens são sujeitos sociais e coletivos e, ao irem realizando esse desvelamento através de aproximações sucessivas, vão ampliando sua consciência e alcançando cada vez mais sua essência.

E é o arcabouço genérico humano que produz historicamente a consciência desses seres humanos de uma determinada sociedade e é com essa consciência que se criam possibilidades de intervenções na realidade social.

Pode elevar-se o arcabouço de tendências e genericidades do ser social que é construído a partir da transformação da natureza, do próprio homem através das relações, da arte enquanto categoria de mediação nesse sentido.

Marx nos explica um pouco sobre as relações humanas e com a natureza, que constituem esse arcabouço genérico humano, e sobre os reflexos das ações humanas que podemos reconhecer também nas profissionais, nesse trecho a seguir:

Suponhamos que o homem seja homem e que sua relação com o mundo seja humana - então, tu só podes trocar amor por amor, confiança por confiança, etc. Se tu queres desfrutar da arte, deves ser uma pessoa artisticamente cultivada; se tu queres influir sobre outros, deves ser uma pessoa que atue de modo estimulante e encorajador sobre outras pessoas. Cada uma das tuas relações com o homem e com a natureza deve ser uma determinada exteriorização, correspondente ao objeto de tua vontade, da tua vida individual real. (MARX, 2004, p. 146).

A categoria de mediação é intrínseca a esse fazer profissional do assistente social e considerou-se aqui a arte enquanto uma categoria de mediação que pode perpassar esse universo do Serviço Social, trazendo mais sentido e significado às ações profissionais de caráter socioeducativo, de forma prazerosa e correspondendo à vontade, ao objetivo da atuação profissional.

No Serviço Social, muitas vezes a dinâmica do cotidiano profissional faz com que os profissionais acabem priorizando demandas emergenciais e materiais, no atendimento de necessidades imediatas dos usuários, o que pode enfraquecer a dimensão socioeducativa profissional que, quando realizada numa perspectiva transformadora, é a real essência da profissão, pois é através dela que se pode promover o processo autonomia e o pensamento crítico dos sujeitos sociais e assim efetivar os objetivos da profissão.

“Cabe ao profissional – assistente social, na efetivação do seu trabalho, lutar pela liberdade, construindo sujeitos autônomos, o que implica o resgate de categorias éticas fundamentais como responsabilidade, compromisso, alteridade.” (MARTINS, 2011, p. 53).

Portanto, é importante ao assistente social buscar estratégias e possibilidades constantemente para sua prática profissional, mesmo porque trata-se de uma profissão diretamente interventiva e investigativa da realidade social, que está em constante movimento.

Ou seja, a utilização da arte no Serviço Social em sua dimensão socioeducativa é uma das alternativas que facilitam uma prática condizente com os princípios ético-políticos profissionais e humanizada e a efetivação da práxis profissional em uma perspectiva crítica, num cenário tão adverso em que vivemos, com a priorização de valores como o

individualismo e o consumismo e a intensificação das expressões da questão social, que beira a barbárie.

Com todas essas reflexões realizadas até este momento, pretendeu-se explicitar como a arte, enquanto categoria de mediação e com seu caráter de promoção da elevação do arcabouço genérico humano e da consciência desses seres sociais, pode contribuir para a atuação do assistente social. Se for considerada uma atuação condizente com a perspectiva correspondente aos valores impressos no projeto ético-político profissional construído nas últimas décadas pelos profissionais e que tem sido a direção social assumida hegemonicamente pelos órgãos representativos da categoria profissional – conjunto CFESS/CRESS e as principais legislações que orientam a formação e o exercício profissional.

Essa pesquisa foi realizada através de pesquisa bibliográfica e da pesquisa participante, cujos resultados puderam ser aqui analisados e apreciados anteriormente.

A pesquisa participante foi realizada através de encontros com as famílias dos estudantes de uma escola que contemplavam atividades artísticas e reflexivas, fora percebida também a arte enquanto categoria de mediação contribuindo para o processo de elevação do arcabouço genérico humano e social e, assim, facilitando a busca pelos objetivos profissionais do assistente social.

Essa percepção se deu através da análise do conteúdo das obras produzidas durante os encontros e das entrevistas realizadas com os participantes, onde foi possível perceber resultados posteriores e apropriações das reflexões feitas nos encontros tendo a arte enquanto mediação.

No processo de efetivação dos encontros – através das expressões artísticas e dos depoimentos dos sujeitos nas entrevistas – constatamos o quanto as expressões da questão social estão presentes no cenário da vida da classe trabalhadora. Tal situação nos remete a Marx (2004, p. 9): “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.”

É preciso que os sujeitos se apropriem dessa premissa, compreendam as determinações sócio-históricas que influenciam a condição de vida da coletividade e assim possam superar o determinismo da ideologia dominante que culpabiliza o indivíduo, a “sorte”, determinações divinas e naturais.

O rompimento com essas perspectivas trazidas do ideário dominante pode acontecer através da dimensão socioeducativa da profissão, que como discutimos ao longo dessa dissertação, perpassa todas as dimensões do trabalho profissional que estão dialeticamente

articuladas: investigativa e interventiva (também técnico-operativa, teórico-metodológica e ético-política).

Contudo, nessa dimensão socioeducativa a arte consegue facilitar o alcance dos objetivos profissionais e dessa desalienização através do desvelamento da realidade social.

Para Barbosa (2008, p. 3), a arte traz representações da realidade humana, como “[...] traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais, que caracterizam a sociedade a partir de seus modos de vida, valores, tradições e crenças.”

Entendemos, assim, que a arte é válida na dimensão sócioeducativa do Serviço Social e em todo processo educativo, pois considera os elementos da realidade dos sujeitos sociais e desperta sua criatividade.

Para Lukács (1965), a arte, em seu real sentido ontológico, tem um direcionamento contrário a alienação, pois possibilita reflexão. Com isso, a principal e mais fiel função da arte, quando facilita a criação e o reconhecimento da obra criada enquanto parte da identidade do artista, é a desfeticização. Deste modo, a arte tem a potencialidade de enfrentamento da alienação que é proveniente de estranhamentos, seja no trabalho ou em qualquer outra esfera produtiva.

Percebeu-se que a arte contribuiu ao desvelar algumas determinações da realidade social daquele grupo, trazendo aproximações com algumas dimensões de suas vidas que despertaram questionamentos e reflexões acerca, especialmente, de seus direitos sociais.

A arte também contribuiu com a aproximação da pesquisadora e assistente social ao universo dos participantes e sujeitos da pesquisa e de forma leve e sensível. Em pouco tempo, foi possível criar vínculos com esses participantes, que se sentiram confortáveis e pertencedores daquele espaço e grupo, realizar atividades prazerosas e promover um ambiente participativo, criativo, colaborador, democrático e agradável e que permitiam reflexões que traziam sentido e significado dentro da vida de cada uma das pessoas do grupo.

Nesse sentido, também podemos refletir sobre como a arte pode contribuir ainda mais com ações a longo prazo, como o período em que os estudantes frequentam a rede de ensino, por exemplo, fomentando, interminavelmente e processualmente, o pensamento crítico e o desvelamento da realidade social, através de ações educativas e que alcancem a todos de forma sensível e envolvente, ampliando a participação e a organização coletiva.

Com a pesquisa participante e as reflexões realizadas sobre a temática, percebe-se sua validade e possível contribuição com a profissão do Serviço Social, entretanto, percebe-se também que é um estudo inesgotável.

Sendo assim, espera-se que essas instigações aqui trazidas permitam aprimorar e facilitar a atuação de assistentes sociais, e enriquecer, trazendo diversidade e cor, a instrumentalidade e formação dessa categoria profissional.

Encerra-se, agora, essa dissertação, mas abre-se um caminho bastante longo para que seja percorrida essa temática teórico, prática (indissocialmente) e especialmente encantadora.

Tudo acaba, mas o que escrevo continua,
O que é bom, muito bom,
O melhor ainda não foi escrito.
O melhor está nas entrelinhas.
Clarice Lispector.

REFERÊNCIAS

ABEPSS. Proposta básica para o projeto de formação profissional. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, ano 17, n. 50, p. 143-171, abr. 1996.

ABESS; CEDEPSS. Diretrizes gerais para o Curso de Serviço Social CADERNOS ABESS. **Formação profissional: trajetórias e desafios**. São Paulo: Cortez, n. 7, p. 58-76, nov. 1997.

ABREU, Marina Maciel. **Serviço Social e a organização da cultura: perfis pedagógicos da prática profissional**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____.; CARDOSO, Franci Gomes. Mobilização social e práticas educativas. In: ABEPSS; CFESS (Org.). **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília, DF, 2009.

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. 21. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

BARBOSA, Ana Mãe. **Arte na escola ontem e hoje**. São Paulo: Presença Pedagógica 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROCO, Maria Lúcia Silva. **A inscrição da ética e dos direitos humanos no projeto ético-político do Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Os fundamentos sócio-históricos da ética. In: CAPACITAÇÃO em Serviço Social e política social: reprodução social, trabalho e Serviço Social. mod. 2. Brasília, DF: CEAD, 1999.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: a segunda infância**. São Paulo: Planeta, 2006.

BECK, Alexandre. **Armandinho: opinião pronta**. 21 set. 2015. Disponível em: <<http://tirasbeck.blogspot.com.br/>>. Acesso em: abr. 2015.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio P. Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORDA, Orlando Fals. Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.) **Pesquisa participante**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BOTERF, Guy Le. Pesquisa participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BOURGUIGNON, Jussara Ayres. (Org.). **Pesquisa social, reflexões teóricas e metodológicas**. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2009.

BOURGUIGNON, Jussara Ayres. **A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social. 2005**. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

BOURGUIGNON, Jussara Ayres. **A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2008.

_____. A particularidade histórica da pesquisa no Serviço Social. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v.10, p. 46-54, 2007.

BRANDÃO, Carlos. Rodrigues. **A pesquisa participante: um momento da educação popular**. Belo Horizonte: Popular, 2007.

_____. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRASIL. **Código de Ética do/a Assistente Social: Lei 8.662/93 de Regulamentação da Profissão**. Brasília, DF, 1993.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

CADERNOS ABESS. **Formação profissional: trajetórias e desafios**. São Paulo: Cortez, n. 7, nov. 1997. 168 p.

_____. **Diretrizes curriculares e pesquisa em Serviço Social**. São Paulo: Cortez, n. 8, nov. 1998. 117 p.

CFESS. **Subsídios para a Atuação de Assistentes Sociais na Política de Educação: trabalho e projeto profissional nas políticas sociais**. Brasília, DF, 2013.

CHAUÍ, Marilena. **O universo das artes**. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

DEMO, Pedro. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. 2. ed. Brasília, DF: Liberlivro, 2008. (Pesquisa, 8).

_____. **Metodologia científica em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1995.

ELIAS, Wiataiana de Freitas; OLIVEIRA, Cirlene Aparecida Hilário Silva de. Configurações da dimensão sócio-educativa do serviço social brasileiro na sua trajetória histórica profissional. **Serviço Social & Realidade**, Franca, 17, n. 2, p. 61-83, 2008.

ENGELS, Friedrich; MARX, Karl. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Penguin, 2012.

_____. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2010a.

_____. **Cultura, arte e literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2010b.

FEITOSA, Sonia Couto Souza. **O método Paulo Freire**. São Paulo: Ed. USP, 1999.

FONSECA, Helena Rizzatti. **O recente processo de urbanização da cidade de Campinas-SP (1990-2014):** as ocupações urbanas - um estudo dos usos do território da Região Sul. 2014. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, 2014.

FIGUEIRA, Sônia Maria de Almeida. **Fundamentos filosóficos para o Serviço Social.** São Paulo: Ed. Unisa, 2014.

FREIRE, Paulo. Criando métodos de pesquisa alternativa: aprendendo a fazê-la melhor através da ação. In: HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

_____. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Dez anos da morte de Paulo Freire.** Entrevista de Paulo Freire, reprodução autorizada pela TV PUC. Revista do professor. São Paulo: SINPRO, 2007.

_____. **Educação e mudança.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. **Educação & Sociedade,** Campinas, v. 24, n. 82, p.93-180, abr. 2003.

GHILARDI, Flávio Henrique. **O lugar dos pobres na cidade de Campinas-SP:** questões a partir da urbanização da ocupação do Parque Oziel, Jardim Monte Cristo e Gleba B. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2012.

GIAQUETO, Adriana. **Serviço Social e a ação socioeducativa frente ao contexto sócio-histórico atual.** São Paulo: Paco, 2015.

GODOY, Shimidt Arilda. **Pesquisa qualitativa, tipos fundamentais.** São Paulo: Ed. Unesp, 1995.

GUERRA, Yolanda. **A instrumentalidade do Serviço Social.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Instrumentalidade do Trabalho do Assistente Social. In: **CAPACITAÇÃO em Serviço Social e política social:** o trabalho do assistente social e as políticas sociais. mod. 4. Brasília, DF: CEAD, 2000.

_____. A dimensão investigativa no exercício profissional. In: CFESS; ABEPSS (Org.). **Serviço Social:** direitos sociais e competências profissionais. Brasília, DF, 2009.

GUIMARÃES, Gleny Terezinha Duro; EIDELWEIN, Karen (Org.). **As políticas sociais brasileiras e as organizações financeiras internacionais**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2010.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. São Paulo: Cortez, 1998.

_____. **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. **Renovação e conservadorismos no Serviço Social: ensaios críticos**. São Paulo: Cortez, 1997.

IASI, Mauro. **Meta amor fases**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

JOAZEIRO, Edna Maria Goulart. **Serviço Social e supervisão de estágio: saberes, formação, temporalidades**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

_____.; MARIOSIA, Duarcides Ferreira. Formação em Serviço Social: articulação entre expressões da “questão social”, políticas sociais e território. **Serviço Social & Saúde**, Campinas, v. 12, n. 2 (16), p. 185-210, jul./dez. 2013.

LUKÁCS, György. **Introdução a uma estética Marxista: sobre a categoria da particularidade**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Aportaciones a la historia de la estética**. México: Grijalbo, 1965.

_____. **Estética: la peculiaridade de lo estético. cuestiones liminares y de principio**. Tradução de Manuel Sacristan. Barcelona: Grijalbo, 1996. V. 1.

_____. **Estética: la peculiaridade de lo estético. cuestiones liminares de lo estetico**. Tradução de Manuel Sacristan. Barcelona: Grijalbo, 1967. v. 4.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo, 2012.

_____. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MANZINI, Eduardo José. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARTINELLI, Maria Lúcia. O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social. In: _____. (Org.). **O uso das abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço Social: um instigante desafio**. São Paulo: Veras, 1994.

MARTINS, Eliana Bolorino Canteiro. Implicações da ética profissional do assistente social no espaço educacional. **Textos e Contextos**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 44-55, jan./jul. 2011.

MARX, Karl. **Grundrisse**. manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011a.

_____. **Contribuição à crítica da Economia Política**. 3. ed. São Paulo: WMF MARTINS FONTES, 2003.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos de 1844**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **O 18 de Brumário de Louis Bonaparte**. Tradução Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011b.

_____. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008. L. 1.

_____. **O capital**. Tradução de Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1982. L. 1. v. 2.

_____. **O capital**. Tradução de Régis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1983. L. 3. v. 2.

NAIDER FILHO, Enéδιο. A reforma do Estado e da educação na década de 1990: a refuncionalização da escola via implementação da eficiência mercadológica. **Dialogia**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 113-120, 2008.

PAULO NETTO, José. Desigualdade, pobreza e Serviço Social. **Em Pauta**: Teoria Social e Realidade Contemporânea, Rio de Janeiro, n. 19, p. 184-170, 2007.

_____. **Capitalismo monopolista e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Democracia e transição socialista**. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

PESSOA, Fernando Antonio Nogueira. **Poemas completos de Alberto Caeiro**. São Paulo: Martin Claret, 2006. (A obra prima de cada autor).

PONTES, Reinaldo Nobre. **Mediação e Serviço Social**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS. **Relatório de Gestão Município de Campinas**. Campinas: Secretaria de Cidadania, Assistência e Inclusão Social, 2011.

QUINSANI, Rafael Hansen. A revolução na encruzilhada: uma análise da arte revolucionária do muralismo mexicano a partir da imagem: o homem controlador do universo, de Diego Rivera. **História, Imagem e Narrativas**, Rio de Janeiro, n.11, p. 1-20, out. 2010.

QUINTANA, Mário. **Caminho**. 23 mar. 2008. Disponível em: <<http://poetamarioquintana.blogspot.com.br/2008/03/caminho-mario-quintana.html>>. Acesso em: abr. 2015.

RAMOS, Rita de Cássia de Souza Soares; SALVI, Rosana Figueiredo. **Análise de conteúdo e análise de discurso em educação**. Brasília, DF: SBEM, 2009.

RIVERA, Diego. Terra Virgem. In: CASTELANI, Gláucia Rodrigues. Murais mexicanos: a arte para o povo. **Klepsidra**, [S.l.], ed. 6, fev./mar. 2001. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra6/muralismo.html>>. Acesso em: fev. 2014.

SANTOS, Artur Bispo Neto. **Estética e ética na perspectiva materialista**. Maceió: Instituto Lukács, 2013.

SANTOS, Claudia Mônica dos. **Na prática a teoria é outra?** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2012.

SANTOS, Vera Núbia. **Projeto Orquestra Sinfônica Jovens de Sergipe: arte e história**. 2009. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. **Arte como Mediação no Serviço Social**. SERGIPE: Ed. UFS, 2012.

SOUSA, Charles Toniolo de. **A prática do assistente social: conhecimento, instrumentalidade e intervenção profissional**. Ponta Grossa: Emancipação, 2008.

TERTULIAN, Nicolas. **Georg Lukács: etapas de seu pensamento estético**. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

TONET, Ivo. **Sobre o socialismo**. Maceió: Instituto Lukács, 2013.

VERONEZE, Renato Tadeu. **Agnes Heller: indivíduo e ontologia social – fundamentos para a consciência ética e política do ser social**. 2013. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

YAZBEK, Maria Carmelita. Serviço social: direitos sociais e competências profissionais. Os fundamentos históricos e teórico-metodológicos do Serviço Social brasileiro na contemporaneidade. In: CFESS. ABEPSS. (Org.) **Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais**. Brasília, DF, 2009.

APÊNDICES E ADEREÇOS

Apêndice A - Roteiro de orientação para as entrevistas semiestruturadas

Roteiro de orientação para as entrevistas semiestruturadas realizadas com as famílias:

- O que ficou pra você dos nossos encontros?
- Qual sua opinião sobre a forma como foram realizados os encontros?
- Comente como influenciou no seu dia a dia?
- O que poderia ter sido diferente?

Roteiro de orientação para a entrevista semiestruturada a ser realizada com a coordenadora pedagógica da escola:

- O que ficou pra você dos nossos encontros?
- Qual sua opinião sobre a forma como foram realizados os encontros?
- O que poderia ter sido diferente?
- Na sua opinião, houve alguma mudança significativa na relação dessas famílias com a escola?

Apêndice B - Projeto de pesquisa participante apresentado à escola

O presente projeto foi apresentado à escola EE Prof^a Therezina da Fonseca Pares, que está situada no município de Campinas e onde será realizada a pesquisa participante da dissertação.

Apresentação

A proposta ora apresentada está relacionada à realização da pesquisa de mestrado intitulada “Instrumentalidade artística no trabalho socioeducativo com grupos de famílias na escola” realizada no Programa de Pós graduação em Serviço Social da UNESP - Campus de Franca sob a orientação da Prof. Dra. Eliana Canteiro Bolorino.

A referida pesquisa elegeu como sujeito as “famílias de alunos de uma escola pública” para realizar reuniões periódicas de caráter socioeducativo abordando temas referentes à educação assim como outros pertinentes à realidade social do grupo e considerados por esses participantes, de seu interesse.

A proposta inicial é que estes encontros periódicos aconteçam com algumas das famílias dos alunos da EE Prof^a Therezina da Fonseca Pares, localizada na região sul do município de Campinas, no bairro Jardim das Bandeiras.

Buscando estabelecer uma relação horizontal com as famílias e através de atividades lúdicas e artísticas que possam facilitar a participação e a expressão de todos, a Assistente Social/pesquisadora buscará uma proximidade entre a escola e a família. Estes encontros serão um ambiente propício para o fortalecimento de vínculos com o objetivo de compreender os reflexos da realidade familiar e comunitária com a convivência na escola, o aprendizado e a relação do aluno com os profissionais da rede de ensino.

Ao final dos encontros será realizado um processo avaliativo sobre a metodologia utilizada nos encontros e o desenvolvimento dos mesmos com as famílias participantes, que será utilizada na dissertação acadêmica de Mestrado “Instrumentalidade artística no trabalho socioeducativo com grupos de famílias na escola”, em desenvolvimento pela mesma pesquisadora.

É importante registrar que a pesquisadora assume o compromisso de socializar os resultados da pesquisa para os sujeitos pesquisados e também para direção e coordenação pedagógica da referida escola.

Justificativa

Existem projetos de lei que preveem a inserção do Assistente Social e do Psicólogo nas escolas, mas que esse ainda se encontra em tramitação, entretanto, é reconhecida a importância desses profissionais no espaço educacional, tendo em vista as contribuições que poderão oferecer, de acordo com as competências e atribuições da respectiva profissão para a efetivação da educação como direito social. Dentre essas contribuições destaca-se o fortalecimento da relação escola/família, a aproximação com a realidade dos próprios alunos para entender suas representações no ambiente escolar, atividades com os profissionais da escola e atividades socioeducativas que integrem famílias, alunos, educadores, comunidade e outros profissionais envolvidos.

Por conseguinte, entende-se que a escola é um espaço comunitário e que é válida sua interlocução com a comunidade e com as famílias dos alunos, já que os mesmos influenciam diretamente no processo de aprendizagem e nas relações com os educadores e outros profissionais da Instituição.

A metodologia artística utilizada vai de encontro aos objetivos da Dissertação “Instrumentalidade artística no trabalho socioeducativo com grupos de famílias na escola” que tem como objetivo principal propor a inserção da arte como instrumental do assistente social nos espaços educativos da profissão.

Assim compreendemos que essa pesquisa tem relevância social dentro do ambiente escolar em interação com as famílias e comunidades, acadêmica e profissional para o Serviço Social.

Universo

A intencionalidade de desenvolver as atividades na EE Prof^a Therezina da Fonseca Pares é devido às questões geográficas da mesma, ao passo que está inserida em uma região com elevado índices de vulnerabilidade social de Campinas e que atende um contingente bastante amplo devido a proximidade com áreas de ocupação do bairro Jardim das Bandeiras II, Jardim do Lago II e Parque Oziel que junto ao Jardim Monte Cristo e Gleba B comportam cerca de 1.500.000 m², 3.000 famílias e 30.000 moradores, sendo assim um dos maiores espaços de ocupação da América Latina.

A escolha das famílias participantes será realizada juntamente com a diretora da escola, que apontará a turma com maior número de famílias atendidas pelo Programa Bolsa Família, considerando que a participação no programa denota maior possibilidade de vulnerabilidade socio-econômica, tendo em vista os critérios para inserção no mesmo: renda

percapita até de R\$140,00 em famílias que sejam constituídas por crianças ou adolescentes estudantes e gestantes, ou renda percapita até R\$70,00 para famílias compostas apenas por pessoas adultas ou idosas.

Outro motivo para escolher famílias atendidas pelo Programa Bolsa Família é a própria condicionalidade do programa: assiduidade e permanência das crianças e adolescentes na escola, além do incentivo a participação em grupos socioeducativos como complementaridade do programa de transferência de renda. Desta forma, torna-se válido o espaço de encontro com as famílias para realizar grupos onde possam ser orientadas sobre o programa e seus objetivos e onde possam discutir temas de cidadania e direitos humanos, atendendo assim aos objetivos do programa.

Metodologia

As atividades a serem realizadas com o grupo estão previamente planejadas para acontecerem semanalmente, durante quatro meses, entretanto isso pode ser alterado de acordo com o interesse dos participantes.

Os encontros terão aproximadamente duas horas de duração e todo processo desenvolvido nos encontros serão sistematizados em relatórios, destacando a devolutiva das próprias famílias sobre cada um deles.

Ao final do processo de realização das reuniões será realizada uma avaliação envolvendo todos os participantes do grupo. Esta avaliação será realizada através de entrevistas semiestruturadas e da confecção de um trabalho artístico, que será escolhido coletivamente, para representar o processo de vivenciado em todos os encontros e por fim será realizada uma análise dessas entrevistas e do desenvolvimento das atividades.

Os encontros utilizarão de música, artes plásticas, literatura, cinema, dentre outras modalidades artísticas com o intuito de discutir temas da área da Educação e outros assuntos pertinentes a realidade social do grupo.

Deste modo, entende-se que as modalidades artísticas farão parte da metodologia das atividades, a fim de possibilitar maior envolvimento dos membros tanto no sentido de facilitar a participação de todos ao propor diferentes formas de linguagem e expressão, quanto no sentido de tornar a atividade mais prazerosa e criativa.

Ao final da elaboração da dissertação, será entregue uma via para a Instituição.

Objetivos

Objetivo Geral

Analisar o resultado da utilização da arte como instrumento profissional na dimensão socioeducativa do assistente social no trabalho com famílias na escola EE Profª Therezina da Fonseca Pares do município de Campinas/SP.

Objetivos Específicos

- Realizar atividades socioeducativas com caráter lúdico e artístico com famílias da turma escolhida junto à diretoria da EE Profª Therezina da Fonseca Pares, que comportem maior número de famílias atendidas pelo Programa Bolsa Família.
- Discutir e refletir sobre temas pertinentes à educação formal e informal;
- Dialogar sobre temas acerca da realidade social dos participantes do grupo;
- Desenvolver atividades de caráter artístico possibilitando maior integração através do fruir e criar artístico;
- Avaliar o desenvolvimento das atividades com todos os participantes;
- Devolver os resultados da pesquisa para a escola;
- Apropriar os resultados e análises da pesquisa de campo na dissertação “Instrumentalidade artística no trabalho socioeducativo com grupos de famílias na escola”;
- Promover um espaço democrático e prazeroso onde possam ser fortalecidos vínculos entre a escola, à pesquisadora e as famílias;
- Orientar e conversar com as famílias sobre o programa Bolsa Família e seus objetivos e condicionalidades.

Pré-cronograma

Segue a seguir um pré-cronograma como norteador das atividades a serem realizadas, entretanto ele está aberto para modificações de acordo com a disponibilidade e interesse do grupo. Os assuntos a serem abordados também serão escolhidos coletivamente, além dos que forem surgindo naturalmente durante o desenvolvimento das atividades.

<i>Mês</i>	<i>Encontros</i>	<i>Atividades</i>
Fevereiro	1 encontro	Apresentação da proposta e construção coletiva do cronograma das atividades socioeducativas
Março	2 encontros	Atividades socioeducativas
Abril	2 encontros	Atividades socioeducativas
Maior	2 encontros	Avaliação dos encontros

Apêndice C - Transcrição integral das entrevistas

Entrevista I - realizada com a Coordenadora Pedagógica da Escola

Duração: 45 minutos

Data: 03 de março de 2015

Pseudônimo: Florbela Espanca

O que ficou pra você dos nossos encontros?

Tudo pra mim foi válido, tudo que a gente faz pra comunidade até pra esclarecer, é válido e uma forma de trazer a comunidade pra cá (escola). O que mais me marcou foi o primeiro encontro, quando você deu os materiais, separou e pediu pra cada grupo fazer a mesma atividade com o material que tinha (eram materiais diferentes pra falarmos sobre desigualdade de oportunidades) e eu fiz isso com os professores e foi muito legal, foi espetacular, o propósito se encaixou direitinho. Então essa me marcou bastante, as outras também, todos os outros assuntos, a respeito do CRAS, esclarecimento dos Bolsas (BF e outros benefícios), dos direitos que eles tem, acho que tudo isso foi bem válido, gostei de todos, mas o que mais me marcou foi o primeiro encontro. As diferenças, por que eu acho que não sou capaz, né? O que é me dado pra eu ser capaz? Eles fizeram aquilo com o que eles tinham, então porque o outro não tinha? E quando fiz isso com os professores também foi bem interessante. "Por que pra mim você deu isso e pro outro deu isso e aquilo, agora tenho que fazer só com isso?" Então deu pra refletir bastante até na prática dos professores na sala de aula, gostei muito. Pode trazer outras ideias como essa que vou levar pra eles! Gosto muito dessas coisas de por a mão na massa, que é onde fica, né? Sente na pele.

Qual sua opinião sobre a forma como foram realizados os encontros?

Foi bacana, uma forma de descontrair. Se você chegasse com um texto e ficasse só no blabláblá, eu vinha no primeiro encontro e já não viria mais. Então a música que você trouxe, é uma coisa que descontraí, traz reflexão, a gente pode fazer juntos. E às vezes estamos tão estressados e aí com essas atividades já ficamos melhor, então achei que o jeito foi perfeito. Acho que é bem por aí mesmo, se tiver que acontecer grupo, tem que ser assim mesmo, assim a gente não vem só ouvir blabláblá na orelha. E falar do que a gente, do que o outro quer saber, porque você podia trazer tudo pronto, mas acho que aí ninguém nem voltaria pros outros encontros. Eu acredito nisso.

O que poderia ter sido feito diferente?

Pra eu falar que tá errado eu teria que dar uma sugestão. Achei que os encontros foram bacanas, que o caminho é esse mesmo, o desafio seria o de trazer aqueles que não vieram. A gente ficou com receio de convidar todo mundo e vir muita gente, e depois vieram poucos. Fiquei meio desapontada com isso, porque contamos com isso, com não vir um monte de gente. É muito triste quando vemos falarem que a escola virou um depósito de crianças, porque é muito importante os pais estarem perto. Quando o pai tá junto, a família trabalha com a gente na escola, a gente tem bons resultados. As vezes o pai acha que chamamos, que fazemos as coisas pra gente, e não é pra gente, é pros filhos deles, porque queremos descobrir alguma coisa pra ver onde podemos ajudar. As vezes emperramos nessa coisa de professor culpar família e família culpar escola, até onde é seu papel e até onde é papel do outro, então os dois tem que estar juntos.

Na sua opinião houve alguma mudança significativa na relação dessas famílias com a escola?

Os pais que vieram normalmente são presentes na escola, então quando a gente tem eventos na escola costumam estar presentes. O desafio maior é de participarem... Muitos são dos

prédinhos e do Oziel (bairros distantes). Tem dois onibus e uma perua que trazem as crianças, e eles moram longe, então dificulta bastante. E a locomoção pelo bairro, eles tem receio (segurança). Acho que se fosse uma comunidade mais perto, eles viriam mais. Fora as mães, com as jornadas duplas e triplas, trabalham fora, depois em casa.

Entrevistas realizadas com as pessoas que participaram dos encontros

Entrevista II

Duração: 40 minutos

Data: 05 de março de 2015

Pseudônimo: Rachel de Queiroz

O que ficou pra você dos nossos encontros?

Ficaram muitas coisas marcadas, mas o que achei mais interessante foi o mural, foi bem interessante, bem extrovertido entre todos que estavam participando, bem dividido entre todos que estavam participando, as coisas foram postas de uma maneira clara e todos puderam se expressar. E tudo que a gente conversou, sobre o CRAS também, muitas outras coisas que a gente conversou durante a reunião, acho que foi tudo muito interessante e realmente valeu a pena ter participado. As dúvidas que a gente tinha sobre os nossos próprios direitos que não conhecíamos. A gente não tinha esse conhecimento que a gente podia estar usufruindo de tudo que você tava explicando pra todas as mães ali. Eu não sabia desses direitos que a gente podia buscar, correr atrás e conseguir e achei bem interessante ir esclarecendo, abrindo a mente, tendo uma ideia mais elevada. Quando a gente gosta e participa, a gente lembra de tudo. Passa tanta coisa na cabeça, falamos sobre a dificuldade de cada um, sobre os nossos direitos, expressamos em desenho no mural, foi divertido, atrativo, todo mundo gostou e participou. A, lembro de muita coisa assim, mas a maioria das conversas caía também no CRAS, que ficou mais marcado assim, tudo com resultado no CRAS, é o que ficou mais forte assim na mente.

Qual sua opinião sobre a forma como foram realizados os encontros?

Tem muita gente que é muito fechada, mesmo com algumas que são abertas até demais (risos). Eu sou assim mais na minha, e acho que muita gente que é mais fechada assim na hora da reunião não tem coragem de falar e consegue expressar ali no papel o que quer pras dúvidas não se acumularem. Colocar no papel, fazer, sem falar, sem ter que ficar conversando com medo e insegurança é bastante interessante. Cada pessoa colocou o problema, a dificuldade que tava enfrentando no papel e uma pessoa ali eu reparei que não tinha aquela necessidade do CRAS e muitas outras coisas, mas ela disse "não por mim, mas tô colocando isso no papel porque acontece perto da minha casa, eu vejo acontecer", achei interessante, porque muita gente se coloca num círculo fechado de depressão mas nunca aconteceu com ela, mas ela foi bem sincera e se viu no outro, eu admirei ela por isso, ela falou "isso não acontece comigo, mas acontece perto da minha casa e presencio todo dia". Às vezes ficamos meio "cabreiras", não "bota fê" e não quer participar, mas quando vemos que a coisa é verdadeira, a gente quer participar, que é meu caso, vi que o negócio tava desenvolvendo, todo mundo participando, se envolvendo, óbvio que eu ia guardar um pouquinho do meu dia pra vir aqui dividir com as outras pessoas e foi bem interessante.

Comente como influenciou no seu dia a dia.

A mim não teve nada direto, mas ajudou minha irmã, pois eu conheci o direito com vocês, eu conversei com ela sobre os direitos dela e da minha sobrinha, de estudar e fazer curso gratuito pra quem não tem dinheiro e minha sobrinha conseguiu uma vaga aqui no CRAS no Patrulheiros, com passagem e tudo. É uma coisa bem legal pra quem não tem condições procurar esses recursos sem ter que "apertar, tirar da boca" pra pagar. E no meu jeito de ver o direito assim.

O que poderia ter sido feito diferente?

A música faz parte do nosso dia a dia, né? Ela ajuda, tem muitas, não todas, mas muitas educativas, que falam da vida. As que você passou faziam parte do nosso dia a dia, aí todo mundo entendeu. Achei que foi importante pra todos que estavam presentes. No mural todo mundo se expressou. Foi bem legal. Olha, apesar de ser uma reunião para os pais, você conseguiu expressar bem as coisas, mas assim, tem mães que por mais que explique os direitos dela, até entende, mas tem dificuldade de explicar pras outras sobre os direitos, o que poderia fazer pra melhorar isso, a ideia que eu tenho é de apresentar videos que os pais se identifiquem, consigam focar, participar e se identificar pra ter um diálogo maior, pra não ficar um de canto, pra puxar pra todo mundo falar, que é o que você fazia também nos encontros.

Entrevista III

Duração: 20 minutos

Data: 05 de março de 2015

Pseudônimo: Clarice Lispector

O que ficou pra você dos nossos encontros?

Lembro das casinhas que a gente desenhou com o que a gente queria. Fomos falando das moradias, né? Do que era importante, do que queria, da família.

Qual sua opinião sobre a forma como foram realizados os encontros?

Eu gostei dos encontros, de desenhar, não é difícil não, desenho é coisa fácil pra gente mostrar.

Comente como influenciou no seu dia a dia.

Nos dias que eu fui embora eu me preocupava com fazer o barraco, por causa do quanto eu ganho e eu moro de aluguel ali perto do córrego, o aluguel é 500 reais aí tenho vontade de voltar pra minha terra, mas lá é ruim de emprego e aqui é ruim de aluguel, e a gente falou disso tudo né, das moradias que trabalhando não tá dando e do bolsa família que ajuda, mas que depende lá do governo o tanto que recebe, eles que criam lá essas coisas e depende do que a gente precisa também. E precisa ir lá no CRAS pra levar os documentos todos.

O que poderia ter sido feito diferente?

Não teve nada pra ser diferente não, eu queria outra vez. Foi bom estar com as outras, eu nem sabia (do grupo) e aquela outra que veio que me chamou, que é minha vizinha, ela disse "bora lá na escola", e eu "fazer o que?" e ela "bora lá" e foi bom.

Entrevista IV

Duração: 25 minutos

Data: 07 de março de 2015

Pseudônimo: Cecília Meireles

O que ficou pra você dos nossos encontros?

O que ficou mais marcado foi aquela brincadeira, do primeiro dia, que era uma roda. Foi a noite. Teve o mural que também foi "da hora", mas aquele primeiro dia que fez uma atividade cada um foi da hora, e teve as perguntas, as conversas, mas muita gente confunde uma coisa com a outra, ou não conhece, ou não sabe. Igual a outra moça perguntou pra você do benefício da mãe (auxílio maternidade), você falou e eu vi no debate ontem, mas eu não entendi direito na tv se a pessoa tinha que estar trabalhando. E as mães podem receber trabalhando ou não tanto, só não pode tá parada a muito tempo. A gente tava concentrada numa coisa, mas sempre vinham outras que as pessoas começavam a falar, de doação, de

cesta, da bolsa escola, do CRAS, do CREAS. Que é uma ajuda pra uma pessoa que precisa dos benefícios e a pessoa vai atrás pra conseguir chegar.

Qual sua opinião sobre a forma como foram realizados os encontros?

Eu fiz tipo uma guarita mesmo, de onde meu sobrinho tava internado (Pd. Haroldo) e eu ficava embaixo daquela guarita com ele, aí eu fiz o formato da guarita, que era de um dos direitos. Foi até uma surpresa muito boa, porque eu gostei de tudo que a gente fez, mas pra antecipar não tem muita graça, então de surpresa é melhor, a gente pensava na hora e ia fazendo.

Comente como influenciou no seu dia a dia.

Eu fui no CRAS, cheguei lá e a menina falou que agora por enquanto não dava o benefício pro meu filho, e o pai dele já tem ajudado também, mas ela falou lá (técnica do CRAS) que se tivesse alguma coisa pra gente ela avisava. Eu faço o que eu posso pra cuidar do meu filho, e tô vendo também o Bolsa Escola, que a gente tinha falado. E o passe do onibus pra ele ir pro tratamento, que nossa, como ajudou, busca duas vezes na semana.

O que poderia ter sido feito diferente?

Não precisava ter nada diferente, eu gostei de como foi, foi bem divertido, foi bom, o que veio na minha cabeça foi isso.

Entrevista V

Duração: 15 minutos

Data: 08 de março de 2015

Pseudônimo: Hilda Hilst

O que ficou pra você dos nossos encontros?

A gente fez um trabalho no mural. Eu pintei a família, a gente falou sobre as famílias e a educação dos filhos. Também falamos do CRAS. Eu gostei.

Qual sua opinião sobre a forma como foram realizados os encontros?

Gostei do trabalho, ficou bonito. Foi tranquilo pra pintar, fiquei a vontade.

Comente como influenciou no seu dia a dia.

Tinha dúvidas do CRAS, então fui no Bolsa Família, incluir meu filho e eu lembro que é um direito nosso.

O que poderia ter sido feito diferente?

Foi bom assim, não precisava ser diferente. Os assuntos que a gente queria falar, foi bom.

Entrevista VI

Duração: 20 minutos

Data: 10 de março de 2015

Pseudônimo: Cora Coralina

O que ficou pra você dos nossos encontros?

A gente fez o mural, pintou as coisas que conversou e depois colocou na escola pros outros pais poderem ver o que fizemos. A gente conversou sobre a escola. Sobre como é lá e de ser importante estarmos perto da escola, que é onde o nosso filho fica. De como ficam os alunos na escola, o que eles fazem lá. A gente também conversou do Bolsa Família.

Qual sua opinião sobre a forma como foram realizados os encontros?

Gostei de desenhar porque é simples, foi bem simples. E a gente consegue por tudo que vem na mente lá no mural. Gostei muito. Fomos bem recebidos também, com muita atenção pra gente e pro que a gente falava. Todo mundo prestava atenção e falava. Eu gostava também dos lanches que a gente fazia no final e ficava conversando.

Comente como influenciou no seu dia a dia.

Assim, eu não lembro não, acho que não. (sobre se influenciou na vida). Só fui atrás do Bolsa Família que eu vi que eu podia ter. Que é pra todas as pessoas que precisam, né? Mas tem aquelas coisas (condicionalidades) todas que tem que ter, então não é pra todo mundo mesmo. E eu vi lá que eu podia ter. E a gente fez amizade também, eu tinha ido com minha vizinha, a gente passa um tempo também com quem a gente tem perto e com a família, e lá encontra outras pessoas, né?

O que poderia ter sido feito diferente?

Não tinha nada pra ser diferente não. Se tiver de novo depois eu vou querer ir outra vez, mesmo que a gente tem a vida corrida, faz um monte de coisa, leva os filhos nos lugares, cuida da casa, faz os bicos, mas eu separo um tempo pra ir sim se tiver de novo os grupos.

Entrevista VII

Duração: 15 minutos

Data: 10 de março de 2015.

Pseudônimo: Mario Quintana

O que ficou pra você dos nossos encontros?

O que marcou mesmo foi o mural, que eu lembro mais. Das pessoas desenhando, dos desenhos. A gente falou também do Bolsa Família e da escola assim. Dos pais com a escola e de ganhar o Bolsa Família. É pra gente melhorar, né? Numa fase difícil.

Qual sua opinião sobre a forma como foram realizados os encontros?

Achei bem legal, muito legal desenhar, os desenhos e conversar. Eu fiquei observando e achei muito bom mesmo. Os desenhos ficaram bonitos e foi de tudo que a gente tinha falado. Eu já não sou muito de desenhar, aí eu ficava mais observando mesmo, era mais observação. Mas observar é bom, foi bom, porque ficou muito bonito de olhar.

Comente como influenciou no seu dia a dia.

A gente recebe o Bolsa Família agora e é pras pessoas receberem do governo quando precisam, não tem que fazer nada em troca.

O que poderia ter sido feito diferente?

Não mudaria não, achei que foi bom assim, a gente gostou.

Entrevista VIII

Duração: 30 minutos

Data: 12 de março de 2015

Pseudônimo: Pagu

O que ficou pra você dos nossos encontros?

Ah, eu gostei quando voce esclareceu alguns programas, né? Programas sociais que existem e a gente nem sabe, que a população tem direito e às vezes nem sabe, então perde, perde alguns dos próprios direitos. Lembro que você falou do LOAS, que eu tinha dúvidas, não lembro dos nomes direito, mas que uma pessoa tem direito, mesmo ela estando sozinha, sem ninguém pra ajudar, e tem programa que pode pagar, e eu achei interessante, eu não sabia, acho que muitas pessoas não sabem. Pra uma situação que a pessoa foi expulsa de casa, ou o marido largou. Eu até pude passar pra uma pessoa essa informação, que tava precisando eu falei pra ela procurar o CRAS do bairro dela e falar que ela tinha direito, porque ela tinha separado do marido e não tinha nada, e aí lá no CRAS ela pode ver o que dá certo pra ela, e foi por meio dessas reuniões que eu fiquei sabendo do CRAS, até de onde era, dos cursos, aí eu fui ver os cursos pra fazer, meu pai também precisava.

Qual sua opinião sobre a forma como foram realizados os encontros?

Eu achei que foi normal, as pessoas podiam falarem, dar suas opiniões, saber suas preocupações. Porque não adianta impor um assunto que ninguém tá interessado, então tem que ouvir primeiro pra depois trazer o assunto, né? A gente fez os desenhos e falou da desigualdade, né? É uma maneira de se expressar, né? Tem pessoas que gostam de transmitir o que pensam pelo desenho. Eu gostei, eu gosto muito de falar, dar opinião, eu nunca fui boa em desenho, mas achei bom pra interagir, pra fazer alguma coisa assim. Achei interessante, foi bom. Eu lembro da música que falava da pobreza, riqueza, mais do filminho que passou, porque a música tava meio ruim de ouvir a letra.

Comente como influenciou no seu dia a dia.

Eu pude ajudar essa pessoa, eu fui no CRAS, ajudei meu pai, sabia onde era. Eu também aprendi do LOAS, que minha mãe tinha interesse, aí eu pude ter certeza de como era esse direito pra ir atrás. E eu comecei o curso no CRAS.

O que poderia ter sido feito diferente?

Talvez pudesse falar mais voltado pra família, educação dos filhos. É o que mais tá precisando hoje, não vou falar pra gente falar de Deus porque não sei se na filosofia aí tem Deus, porque pra mim é Deus, mas sei que tem lugar que não dá pra falar. A família é a base de tudo, que reflete os problemas do mundo, e vira um ciclo vicioso dos problemas, se não tiver um lugar pra ensinar essas coisas pras famílias. Pra mim em primeiro lugar é isso, Deus e família.

Apêndice D - Relatórios dos encontros realizados na pesquisa participante

Primeiro Dia:

Partindo do pressuposto de que buscamos uma atividade democrática e construída coletivamente, até porque a proposta é utilizar-se da arte enquanto processo de mediação para superação da universalidade na particularidade, através da aproximação com a realidade dos participantes, começamos o primeiro encontro com o intuito de estabelecer os primeiros vínculos, nos conhecermos e termos as primeiras impressões e ideias das atividades (modalidades artísticas) a serem realizadas e dos temas que eram de interesse do coletivo.

Para tal, foi realizado em 18 de fevereiro de 2014, primeiramente, uma apresentação de todos os participantes e da proposta da pesquisa. Questionei sobre temas a serem discutidos, mas o grupo ainda estava um pouco tímido e preferiu iniciar à atividade artística proposta.

Separei dois grupos, e para cada um ofereci diferentes tipos de materiais. Para um: giz de cera, cola colorida, revistas para recorte, glitter e outros, para que expressassem coisas que gostavam e/ ou não gostavam em uma cartolina. Para o outro grupo, ofereci folhas de sulfite e canetas.

A ideia era representar a desigualdade social, que seria um tema gerador e também já ir levantando possíveis identificações para a construção do vínculo entre o grupo.

Logo de início os grupos já questionaram essa diferença, então refletimos um pouco sobre se isso estava sendo justo ou não.

Durante a atividade, um dos participantes disse “isso é como na comunidade, não temos nada e ainda o que temos, é difícil de usar”.

Em outro momento, outro participante constatou “parece que um lado é Brasília e o outro é a periferia”.

Também surgiram comentários como “na hora de votar todos somos iguais, mas para o resto não somos”.

Durante a atividade também fui explicando melhor a proposta, dizendo que a intenção não era a qualidade da técnica, mas a qualidade da expressão, dos sentimentos, das subjetividades e da representação da própria realidade e que a ideia não era avaliar ninguém, mas sim construirmos juntos esse espaço e essa troca.

Ao terminar a atividade, foi interessante que as obras ficaram parecidas quanto ao conteúdo representado, ambos colocaram que gostavam da natureza e não gostavam de guerra. Um dos grupos colocou que gostava também de arte e da família.

Com essas semelhanças já foi possível despertar os primeiros sentimentos de identificação entre os participantes e já foram surgindo temas para possíveis discussões, como a vida na cidade e a vida no campo, o estresse do cotidiano do trabalhador e família.

Por fim, começamos a refletir se a atividade tinha sido realizada de forma justa, se os critérios para avaliação de cada trabalho (caso houvesse avaliação) seriam os mesmos. Neste momento começaram a surgir diversos assuntos, como a diferença também no acesso aos direitos sociais/humanos. Nesse sentido, os participantes falaram sobre a educação, que é um direito, mas que não é de qualidade, que a formação de uma criança na escola pública, não é a mesma que em uma particular (pelo menos na realidade que eles vivenciam) e que a escola tem um papel fundamental na formação dos sujeitos, pois eles ficam a maior parte do tempo lá. Com isso também surgiu o assunto da participação da família e da comunidade no processo educativo. Ainda dentro da educação, foi discutido sobre o acesso ao ensino superior, sobre qual a parcela da sociedade que consegue chegar nesse nível de ensino. Outro assunto que foi levantado foi à temática da saúde e foram relatados descasos com o atendimento público da saúde na região.

Ainda perpassando esses assuntos, foi falado também sobre a culpabilização da pobreza. Alguns participantes relataram o preconceito que as pessoas sofrem por serem pobres em nossa sociedade, como se a culpa para sua condição fosse individual.

O tema gerador possibilitou a abertura naturalmente para diversos assuntos de interesse dos participantes, também foi possível fazer alguns esclarecimentos sobre a política de assistência social, pois eles trouxeram algumas dúvidas.

Ao final do encontro, pedi uma devolutiva para os participantes, e eles disseram que gostaram bastante do encontro, que foi divertido e que gostam de conversar sobre essas temáticas. Também disseram que é importante estarem mais perto da escola.

Seguem algumas fotos da atividade realizada:

Esse foi o produto do grupo que recebeu mais e diversificados materiais. Retrataram através de colagens e desenhos coloridos o desejo por paz e união (com a colagem de uma notícia sobre guerra e uma com animais reunidos brincando), a relevância da dimensão familiar para suas vidas e do trabalho, com especificidade para o trabalho manual, como definiram.

Além do que é possível visualizar e interpretarmos/fruirmos com nossos olhos humanos, histórico e sociais, eles também discorreram sobre sua produção, trazendo esses elementos.

ILUSTRAÇÃO 10: Foto 1 do encontro artístico na EE Profª Therezina da Fonseca Pares



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos

Na seguinte foto, podemos ver também o produto da produção do outro grupo, que recebeu apenas as folhas de sulfite, canetas e lapis grafite.

A produção teve distinção em técnicas e materiais, o que influenciou no produto final, além, é claro, de ser realizada por pessoas diferentes e imprimir assim um conteúdo diferente.

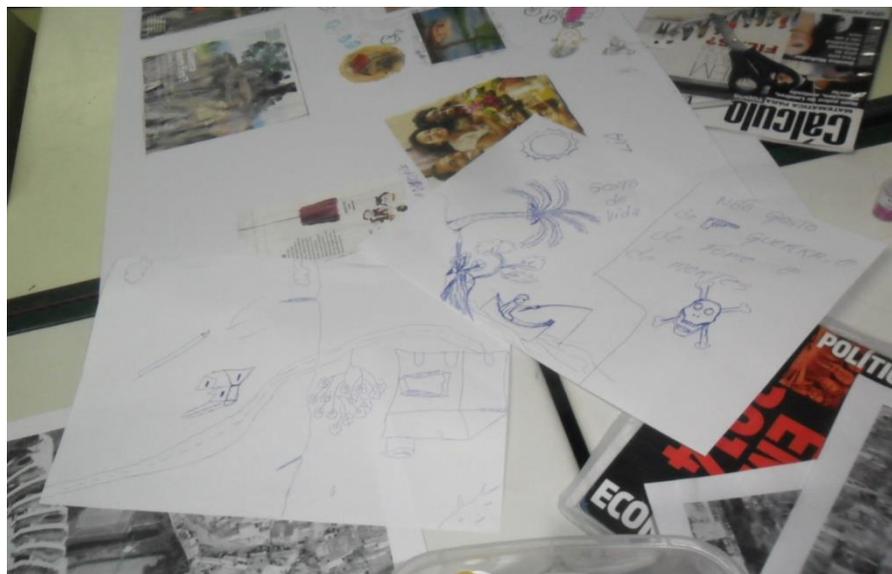
Entretanto, teve alguma identificação e similaridade no conteúdo, refletindo, inclusive, sua proximidade enquanto uma particularidade (e totalidade e singularidade, nesse caminho e ida e volta) daquela comunidade.

Esses elementos em comum foram a importância e representatividade da família em suas vidas e o desejo de paz e repúdio pela Guerra e pela violência.

Esse grupo trouxe também o reconhecimento da natureza e do contato com a natureza como prazerosos e um dos participantes escreveu pelo grupo a frase “gusto de vida”, que

pode, por si só, levantar uma grande reflexão sobre o que é a vida humana e social e sobre o que não temos alcançado enquanto seres sociais.

ILUSTRAÇÃO 11: Foto 2 do encontro artístico na EE Profª Therezina da Fonseca Pares



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos

Acredito que o objetivo de despertar o interesse e começar a pensar nas discussões que faríamos nas outras atividades artísticas, fora alcançado. Entretanto, ainda não foi possível selecionar um primeiro tema para iniciar os próximos encontros.

Com isso, no encontro seguinte, retornamos a discussão de modo a escolher o primeiro tema de reflexão.

O que foi possível perceber, contudo, é que existiam diversos assuntos de interesse para discussão por parte das famílias. Esse primeiro momento despertou interesse para refletirmos sobre diversos temas e, devido ao tempo e disponibilidade, não foi possível abordá-los e desenvolvê-los, mesmo porque, esse não era o objetivo no momento.

Segundo Dia:

No segundo encontro, realizado em 18 de março de 2014, contudo, tentamos novamente estabelecer um tema a ser refletido coletivamente através da mediação da categoria ontológica da arte.

Iniciamos as atividades com a rerepresentação dos participantes e da proposta do grupo e depois lembrando como fora o encontro do dia 04 de março de 2014 e como foi a metodologia, a reflexão e os temas que foram sendo levantados.

Posteriormente, nos sentamos em roda e ouvimos a música “Meu guri” do Chico Buarque, com um clipe que trazia imagens da realidade social e a música “Filho do Dono” de Flávio José para continuar a reflexão sobre a desigualdade social (tema gerador).

Após ouvir as músicas e assistir ao clipe, conversamos um pouco sobre eles. Uma das participantes atentou para o fato de que as expressões da questão social estão interligadas a uma raiz macroeconômica, dizendo que “a pobreza e a desigualdade andam junto com a violência”.

Depois os participantes falaram um pouco sobre seus gostos musicais também, sobre a música regional de suas cidades de origem. Surgiu a discussão acerca do gênero musical do Funk, o qual os participantes disseram que não trazia muitas “mensagens” (sic) e por isso não gostavam muito, já quanto ao Rap houve divergência. Alguns disseram que gostavam, pois traz bastante da realidade em que vivem, diferente do Funk que relatava uma realidade diferente da dos próprios artistas, ainda assim, alguns participantes disseram não gostar, pois a batida era repetitiva.

Contudo, conversamos sobre a importância de a arte trazer o reflexo da realidade e a manifestação da mesma, provendo assim reflexão sobre essa própria realidade.

Posteriormente à essa discussão, começamos a falar sobre as diferentes formas de arte e quais as que o grupo se identificava mais e questionei sobre o tema que poderíamos iniciar a discussão para os próximos encontros.

A princípio o grupo não manifestou interesse por nenhum tema, mas ao longo da discussão sobre os diferentes tipos de arte, eles foram se sentindo mais à vontade e sugeriram começar com o tema: Relação entre Escola e Comunidade/Família.

Em relação à modalidade artística, escolheram começar com a pintura e optamos por criar um mural nos próximos encontros. Em contato com a coordenação da escola, ficou combinado que o mural será exposto na própria escola e que será apresentado em um evento que ocorre no segundo semestre, que mostra os trabalhos realizados ao longo do ano.

Durante a discussão, surgiram outros temas como: Assistência Social, Questão de Gênero e Previdência Social, e combinamos de discutir esses temas sequencialmente.

Por fim, fizemos uma avaliação de como foi o encontro do dia, e os participantes avaliaram que foi bastante “rico”, “gostoso” e “importante”. Também avalio que o encontro trouxe bastante troca de conhecimentos, reflexão e crescimento para todos e que a participação foi total, ao passo que todos participaram e tiveram voz.

Segue uma foto registrada do encontro realizado:

ILUSTRAÇÃO 12: Foto 3 do encontro artístico na EE Profª Therezina da Fonseca Pares



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos

Terceiro e Quarto Dia:

Nos dias 01 de 15 de abril de 2014, não compareceram participantes. Com isso, foram realizadas conversas e reflexões junto a coordenadora pedagógica da escola para pensarmos os motivos dessa não participação. Refletimos sobre nossa como é nossa própria ocupação dos espaços públicos.

Pensamos também em dificuldades objetivas como a distância entre as casas das famílias e a escola, sobre a jornada dupla que as mulheres precisam cumprir, trabalhando fora e também com os serviços domésticos, sobre o pouco tempo livre que o trabalhador assalariado possui e também sobre a qualidade desse tempo livre após uma jornada exaustiva de trabalho, além da questão do desafio de reconhecimento da Escola enquanto direito e política/espaço público.

Algumas causalidades como o tempo de chuva, também pode ter dificultado essa possibilidade de participação.

Combinamos nesses dias de convidar novamente as famílias.

Quinto Dia:

No quinto encontro, ocorrido em 29 de abril de 2014, refletimos um pouco sobre a metodologia da pedagogia popular de Paulo Freire, entendemos um pouco dos objetivos de

utilizarmos a arte nas nossas discussões e reflexões e retornamos à discussão sobre participação popular.

Começamos o encontro tomando um café em roda para falarmos como estávamos, como tínhamos passado entre o encontro anterior e o dia da reunião e introduzimos o assunto da discussão. Foi um momento bastante agradável de socialização que permitiu ao grupo ficar mais à vontade.

Como está perto das próximas eleições, surgiu a temática da democracia, a importância do direito ao voto e do voto consciente, assim como lembramos que esse direito foi fruto também de lutas e pressões populares e que a democracia e cidadania não se restringe apenas a isso.

Também nos aproximamos um pouco da temática dos direitos humanos e de alguns direitos constitucionais como a liberdade de expressão, a educação e a assistência social e conversamos sobre a diferença entre direito e caridade.

Após refletirmos sobre alguns exemplos de conquistas populares, assim como a ruptura com o governo ditatorial e alguns direitos sociais básicos, pensamos nas diferentes formas de participarmos popularmente da democracia, para além do período de eleições.

Nesse sentido pensamos na participação da comunidade em assembleias, conselhos, conferências e manifestações/movimentos sociais.

Falamos um pouco sobre cada uma dessas possibilidades e, depois, as usuárias começaram a darem exemplos de lutas populares que gostariam que acontecessem em suas realidades sociais. Falaram sobre o Pronto Socorro São José, que atende a região, onde não costuma ter médicos e os pacientes são tratados com descaso pelos profissionais, além de muitas vezes não conseguirem atendimento ou ficarem esperando o dia inteiro para serem atendidos. Falamos sobre o direito a saúde e como esse direito tem se concretizado e lembramos que na Constituição temos também o direito de cobrar a efetivação das políticas públicas.

Uma das participantes contou os problemas que enfrenta em seu bairro por conta do não asfaltamento e pontuou que em épocas de eleição sempre recebem a promessa de asfaltar as ruas, mas que isso nunca ocorre. Falamos sobre a força do coletivo na hora de lutar por alguma coisa que seja de interesse comum e sobre as formas de manifestação populares.

Conversamos também sobre a ocupação dos espaços públicos e a proximidade com as políticas públicas. Nesse momento começamos a discutir sobre a participação da comunidade e das famílias no ambiente escolar e na política de educação. Foi pontuada pelas participantes a importância de um espaço como esse para discussão e relação entre escola e comunidade.

Falamos sobre a gestão participativa nas escolas que é prevista na LDB. Também refletimos sobre a realidade da dinâmica escolar hoje, quais os desafios e avanços da escola. A participante adulta disse que estudou naquela escola quando criança e adolescente e que sofreu agressões morais e verbais de professores, além de exemplos de abuso de poder. Disse que seus colegas também eram bastante agressivos e que, ela mesma, "seguia esses exemplos" (sic.). A participante contou que tenta educar suas filhas de maneira diferente que acredita que "mesmo quando você tá errado, não é batendo ou levantando a mão ou gritando que se resolve, gosto de conversar com elas" (sic.).

Refletimos bastante sobre como se dá o processo educativo dentro das famílias, sobre como e se essas famílias recebem a proteção que lhes é direito para poderem então proteger seus membros. Também conversamos sobre como as crianças "indisciplinadas" (sic.) só refletem na escola sua própria realidade social, familiar e comunitária. Entemos também que a pedagogia das escolas hoje já avançou e permite mais participação dos estudantes, mas, ainda assim, muita coisa não faz sentido para eles, tornando assim esse ambiente desmotivador.

Com isso conversamos também sobre a necessidade de professores com uma formação adequada para a realidade atual e que dêem atenção aos estudantes. Refletimos também sobre o papel da escola na formação dos cidadãos, em construir conhecimentos para além do currículo cristalizado que os professores precisam seguir.

Uma das participantes disse que a Escola era bem pior no passado, pois os professores só queriam passar o conteúdo e não aceitaram ouvir nada dos alunos, nem dúvidas nem pontos de vista que fossem diferentes. Concordamos que é necessária uma relação horizontal e respeitosa entre educandos e educadores.

Assim também falamos sobre as condições de trabalho dos professores, sobre os salários e o respaldo que recebem, além do boicote de sua autonomia.

Com tantos pontos que foram sendo levantados acerca da temática, encerramos a discussão com a transmissão e discussão do clipe da música "Estudo Errado" do Gabriel o Pensador, que fala um pouco da amplitude dos problemas que a escola tem enfrentado.

Por fim, fizemos nossa primeira aproximação com o mural que será elaborado. Apresentei os materiais para eles e fomos pensando juntos como iniciaremos as pinturas do mural para expressar todos os sentimentos e conteúdos que temos discutido. Devido ao tempo da discussão que se prolongou bastante, não chegamos a iniciar a pintura ainda.

Para encerrar realizamos uma avaliação final do encontro e todos entenderam que foi um momento muito rico e proveitoso pois discutimos coisas importantes para todos nós.

Avaliei também que os participantes estavam bastante envolvidos, a reflexão contou com bastante participação de todos e percebi que o vínculo do grupo está se fortalecendo. Conversamos um pouco a respeito da ausência dos participantes nos encontros anteriores para tentarmos entender os possíveis motivos.

A coordenadora e os participantes acreditaram que a distância da escola para a maioria das famílias (ainda mais pois os encontros são noturnos) atrapalharam a participação das famílias, pois o acesso é difícil e perigoso.

Sexto e Sétimo Dia:

O tema a ser discutido no sexto encontro de 13 de maio de 2014, conforme combinado e levantado coletivamente em encontro anterior, foi o da política de Assistência Social e, para isso, começamos conversando sobre o que as participantes entendiam por assistência social e o que entendiam por assistente social.

Como o tema gerou bastante conversa, ideias e dúvidas, assim como um grande interesse dos participantes e não conseguimos esgotar o assunto em apenas um encontro, foi decidido dar continuidade para nos aprofundarmos nessa reflexão no próximo encontro.

Contudo, no sexto e no sétimo encontro (27 de maio de 2014) expliquei sobre as diferenças entre as duas coisas, sobre o que é o Serviço Social e a política de Assistência Social, através de uma conversa e de uma apresentação de slides.

Em relação ao papel do assistente social, foi necessário pontuar que não é fiscalizador e doutrinador, e foi possível perceber que algumas das mulheres tinham essa visão da profissão. Falei sobre como o assistente social busca apenas facilitar o acesso aos direitos, que já são da população, mas que podem ser violados.

Ao falar sobre a assistência, expliquei também sobre os diferentes níveis de proteção social e os serviços em cada um deles, assim como os programas da assistência, incluindo os programas de transferência de renda.

Surgiram muitas dúvidas quanto aos valores e critérios dos programas e as participantes questionaram a restrição para determinadas vagas que existe em alguns programas, como é o caso do Renda Cidadã e do Ação Jovem, que não atendem universalmente as pessoas que necessitam. Outra reclamação foi de que algumas pessoas que precisam menos que outras recebem o benefício, enquanto outras não recebem.

Nesse sentido, conversamos sobre o que é o direito e quem são nossos companheiros na comunidade e se o programa deveria ser ampliado para todas as pessoas que necessitem. Também falamos sobre os critérios e formas de avaliação desses critérios de inclusão, que

ainda são falhos e consideram, praticamente, apenas a renda da família e algumas informações quantitativas. Surgiram dúvidas desse tipo também referentes a política de segurança alimentar e de habitação, conversamos também sobre os critérios e especificidades dos programas dessa política.

Um fato que chamou a atenção é o de que, a maioria das participantes recebiam benefícios de programas de transferência de renda, mas não conheciam o CRAS que atendia a região.

Outros benefícios sobre os quais conversamos foi o Bolsa Família e o BPC, explicando também a diferença entre o BPC e a aposentadoria e entre a Assistência Social e a Previdência Social.

Conversamos também sobre a diferença entre direito e caridade, e sobre as formas de lutar pela efetivação dos direitos que são violados (Conselhos, manifestações, organizações coletivas, ouvidoria da prefeitura, conferências, etc).

Outro assunto que surgiu dentro da discussão foi da responsabilidade e do papel das famílias, da comunidade e do Estado em proteger as crianças e adolescentes. Refletimos também sobre como essas famílias são protegidas, para que consigam proteger seus membros.

Algumas mulheres trouxeram exemplos de suas experiências de vida em que adolescentes e jovens de suas famílias cometeram atos infracionais, se envolveram com atividades ilícitas ou se adquiriram dependências químicas, devido à falta de proteção e de oportunidades.

Nesse momento também surgiu o tema da educação, em casa, na comunidade e na escola, e a questão da violência doméstica como forma de educação.

Discutimos, então, de uma forma bastante aberta, sobre as formas de educação dentro da família, sobre o que é uma educação cidadã, sobre os reflexos da violência doméstica no processo educativo da criança ou do adolescente.

O trabalho infantil foi um tema que perpassou essa discussão e refletimos sobre os artigos do ECA que regulamentam essas atividades, trazendo as condições de trabalho, a necessidade de permanência na rede de ensino e as idades apropriadas para o trabalho.

Com isso também discutimos sobre o programa PETI que é destinado para crianças e adolescentes em situação de trabalho infantil e sobre a importância da educação escolar para as crianças e adolescentes tanto na formação cidadã, como no preparo para o mercado de trabalho.

Por fim, começamos a pintura do mural (com tinta guache, cola colorida, glitter e lápis, no papel Paraná), onde pedi que expressassem os sentimentos que sentiram durante

nossa discussão e o que ficou de tudo que conversamos. O mural será posteriormente exposto e apresentado em um evento na escola para todas as famílias e estudantes.

Enquanto fizemos o mural, as crianças que acompanharam os familiares pintaram também uma cartolina.

A maioria dos participantes pintaram o lugar onde moravam, a comunidade e as dificuldades em os serviços públicos acessarem/atingirem suas residências e famílias.

Outras também retrataram a vontade de luta pela conquista dos direitos infringidos. Uma das participantes desenhou corações voando, através de um guarda-chuva, dizendo que estávamos caminhando pra outro lugar, juntos.

Uma das participantes escreveu a frase: “Vem, vamos embora, que esperar não é saber. Quem sabe faz a hora, não espera acontecer.” – trecho da música de Geraldo Vandré, para refletir sobre o desejo de buscarmos juntos os nossos direitos.

Algumas participantes expressaram mais suas angústias pelos direitos violados e pela burocracia e dificuldade em acessar as políticas públicas, em especial a da Assistência Social, outras expressaram mais o desejo e esperança na mudança e na melhoria das condições de vida através da conquista coletiva de direitos sociais.

Combinamos de realizar um resgate no último encontro sobre o que estávamos produzindo, onde daríamos continuidade e finalização ao tema, pois as participantes manifestaram que ainda possuem várias dúvidas e assuntos que gostariam de discutir referentes à Assistência Social.

Uma das participantes disse que gostou da ideia de fazer o mural, pois assim conseguia colocar “a boca no trombone” (sic)!

Outra participante disse que gostou de pintar, pois se sentiu como criança novamente.

Os outros participantes também disseram ter aproveitado bastante da discussão e da pintura, pois é um espaço de aproximação com a escola e para tirarem suas próprias dúvidas e também falarem o que pensam.

Percebi que o vínculo entre o grupo (assistente social/pesquisadora e famílias) foi bastante fortalecido nesses dois encontros. Os participantes ficaram à vontade para contarem experiências e exemplos de suas vidas e todos falaram bastante.

No momento da pintura a discussão ficou ainda mais leve, e todos conseguiram se expressar, inclusive na linguagem oral, enquanto pintavam o mural.

Alguns participantes pediram para conversar individualmente comigo em outro momento, o que me fez perceber também a confiança que vem sendo desenvolvida e o entendimento do papel e do significado social do Serviço Social.

Em decorrência das histórias de vida que foram sendo contadas durante os encontros, as participantes sugeriram a elaboração de um livro, e pensamos em tentar isso para o próximo semestre.

Oitavo Dia:

Contudo, o encontro realizado no dia 10 de junho de 2014, foi o encontro de encerramento e compareceram todos os participantes dos encontros anteriores (não houve nenhuma ausência).

As (o) participante também levaram sete crianças, que pintaram e desenharam entre si, livremente e separadamente da discussão feita pelos adultos.

No primeiro momento, tomamos um café juntos e relembramos a discussão do encontro anterior. Depois voltamos a fazer a pintura do mural, enquanto realizamos uma conversa bastante aberta e livre sobre o tema que estávamos trabalhando.

Duas participantes disseram novamente que podiam falar o que pensavam, que podiam ser ouvidas nesse espaço. Essa fala já foi presente em um encontro anterior.

Quanto aos programas da assistência social, as e o participante demonstraram novamente o não conhecimento da maioria deles, assim como de seus critérios e possibilidades de inclusão. Conversamos novamente sobre esses critérios, sobre as formas de inserção nessa política pública e especialmente sobre o CRAS.

Também foi retomado o assunto da educação como forma de prevenção ao uso de drogas e ao envolvimento com o trágico e com atos infracionais, e também como formação para o mercado de trabalho. Discutimos sobre os artigos do ECA que discorrem sobre o trabalho infantil, e conversamos sobre quais as possibilidades, as condições, idades e normas para a realização do trabalho para adolescentes.

As participantes tinham manifestado o descontentamento com a proibição do trabalho infantil, mas ao refletirmos sobre isso, entenderam a necessidade de regulamentação e preservação da educação, do lazer e de outros direitos da criança e do adolescente.

O grupo trouxe diversos relatos sobre os adolescentes e crianças de suas famílias, assim como de suas experiências com os programas da assistência social.

Disseram ter muitas dúvidas e ser muito falho a política de segurança alimentar do município de Campinas. Expliquei um pouco sobre o desenvolvimento dessa política na cidade, e as participantes se mostraram bastante incomodadas e insatisfeitas com essa política.

O sentimento de descontentamento com a qualidade e o acesso aos serviços públicos ficou evidente na pintura do mural, e elas também interpretaram oralmente essa expressão do mural.

O homem que participou esteve mais tímido, e preferiu observar mais e participar menos ativamente, mas as outras participantes se envolveram bastante e disseram se sentir a vontade para expor suas opiniões e questionamentos.

Uma das participantes (que esteve nos outros encontros) disse que entendeu o que era política pública, e relatou sobre o serviço de assistência social da proteção social de média complexidade que um de seus netos frequentava, que é cofinanciado pela Instituição Padre Haroldo de Campinas. Ela contou sobre como a Instituição evoluiu durante o tempo e que o atendimento agora é de qualidade, assim como a estrutura que melhorou muito. Ela também desenhou a instituição no mural, retratando a parte que mais gostava de lá.

As participantes colocaram muito brilho no mural, nesse encontro, e disseram que era porque gostaram muito de conhecerem umas as outras e a mim e de falarem sobre os problemas, sobre suas vidas e conhecerem mais sobre os serviços e sobre a escola e que foi muito gostoso pintar, mexer com tinta e desenhar.

O mural também teve bastante colorido, fizemos linhas coloridas e conversamos sobre como isso representava nossas diferenças (especificidades), mas também nossa união e identificação enquanto classe.

Ficaram orgulhosos do mural pronto, todos achamos que ficou muito bonito, colorido, e com muita informação e expressão dos nossos sentimentos e discussões durante os encontros.

Ao final pude perceber o vínculo do grupo com os abraços apertados que trocamos e com as palmas alegres que demos para os nossos encontros e para o mural que ficou pronto. Observamos e apreciamos juntas (o) a obra final, fazendo alguns comentários e muitos elogios.

As e o participante reconheceram todo seu trabalho, carinho e conhecimento que foi colocado ali e combinamos a exposição do mural para a escola e para as famílias dos estudantes da escola para o próximo semestre.

Segue uma foto como registro desse encontro:

ILUSTRAÇÃO 13: Foto 4 do encontro artístico na EE Profª Therezina da Fonseca Pares



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos

Apêndice E - Outras fotos do processo e do produto artístico da pesquisa participante

ILUSTRAÇÃO 14: Foto 5 do encontro artístico na EE Profª Therezina da Fonseca Pares



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos

ILUSTRAÇÃO 15: Foto 6 do encontro artístico na EE Profª Therezina da Fonseca Pares



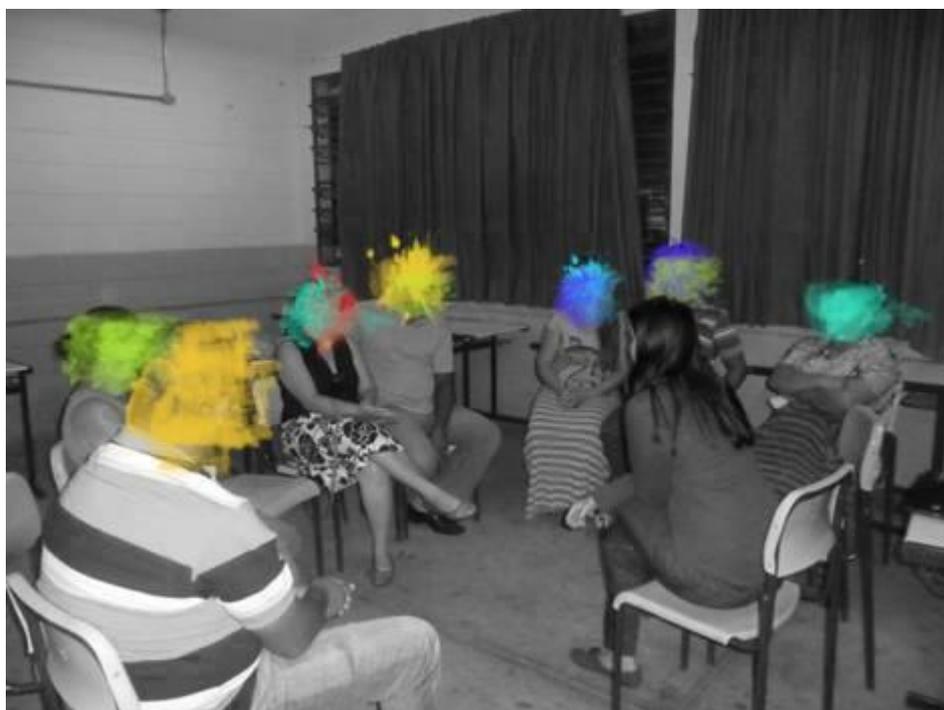
Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos

ILUSTRAÇÃO 16: Foto 7 do encontro artístico na EE Profª Therezina da Fonseca Pares



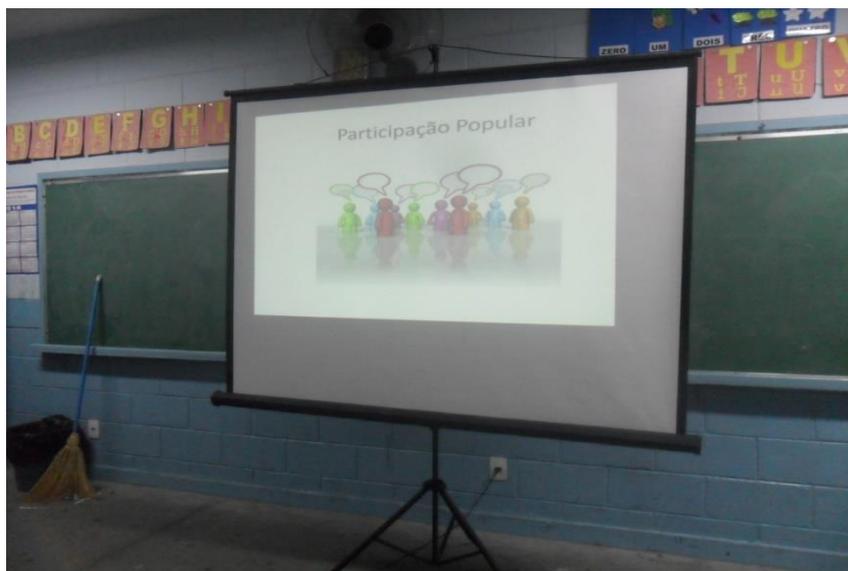
Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos

ILUSTRAÇÃO 17: Foto 8 do encontro artístico na EE Profª Therezina da Fonseca Pares



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos

ILUSTRAÇÃO 18: Foto 9 do encontro artístico na EE Profª Therezina da Fonseca Pares



Fonte: Elaborado por Bianca Nogueira Mattos